REVISTA DA SEMANA

N. 39 25-9-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



HISTÓRIA DE GREGÓRIO, O SUPER MINISTRO

NOTÁVEL

O ANUÁRIO DO ESPORTE ILUSTRADO



1954

Cr$ 20,00

ESTÁ A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE REVISTAS DO BRASIL

Pedidos pelo Reembôlso Postal à redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 39 RIO DE JANEIRO 25-9-54

REPORTAGENS

O Govêrno cava trincheiras 4/8
O avião aterrissou na Guanabara 10/11
Ava Gardner foi embora sem dizer adeus 12/13
Humberto Bastos 20/21
Poesia e côr no mundo de Di Cavalcânti .. 24/25
As datas de Café Filho 26/27
O super ministro tomava banho de bacia 40/45
O edifício rolou morro abaixo 52/55

SEÇÕES

Rádio 11
Por êsse mundo de Deus 14/15
Cinema 16
Conjuntura e Cifrão 18
Astrológica 18
Página dezenove 19
Show 22
Modas 22/23
Plantão Noturno 34
Literária 36
Femininas 38/39
Palavras Cruzadas 44
Flash Carioca 45
Champanhota 46
Flash Paulista 50
Música 51
Política 56/57
Último flash 58

HUMORISMO

O riso dos outros 28/29
Cuco 59

ROMANCE

Maria 30/31

Capa:
AVA GARDNER (Kodacrome da M.G.M.)

Redator-chefe .... Joel Silveira
Paginação .... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor .... Gratuliano Brito
Desenho .... Alberto Lima
Assistente de Publicidade .... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores .. S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO
Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
Este número tem 60 páginas.





PÁG. 4 GUDIN: Fazer mais, com menos dinheiro.

PÁG. 10 DESASTRE: a morte era o 23º passageiro.

Neste número, leitor, você conhecerá os problemas de cada ministro; e vasculhará as gavetas de Gregório

● **Prezado leitor:**

A sua atenção já foi, sem dúvida, despertada para as duas magníficas páginas de modas, em côres, que vimos publicando já há um mês. As pessoas que a assinam são grandes conhecedoras do seu «métier», sempre em dia com os avanços e recuos da «ligne» parisiense e internacional, estando, portanto, em condições de oferecer às leitoras da REVISTA DA SEMANA o que de mais atual e melhor surge no mundo da elegância.

A REDAÇÃO





PÁG. 24 DI CAVALCANTI: A côr não envelhece.

PÁG. 40 GREGÓRIO: A boceta de Pandora.

AGRICULTURA
Produção sem escoamento.

GUERRA
Reaparelhamento e salários.

JUSTIÇA
Batalha eleitoral.

FAZENDA
Dinheiro pobre.

TRABALHO
Inquietação social.

EDUCAÇÃO
Menos dinheiro.

SAÚDE
O vasto hospital.

FÔRÇAS ARMADAS
A guerra constitucional.

Guerra defensiva, com pouco dinheiro

O GOVÊRNO CAVA TRINCHEIRAS

Reportagem de JOEL SILVEIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA e ARNALDO VIEIRA

EXTERIOR
Contra o fausto.

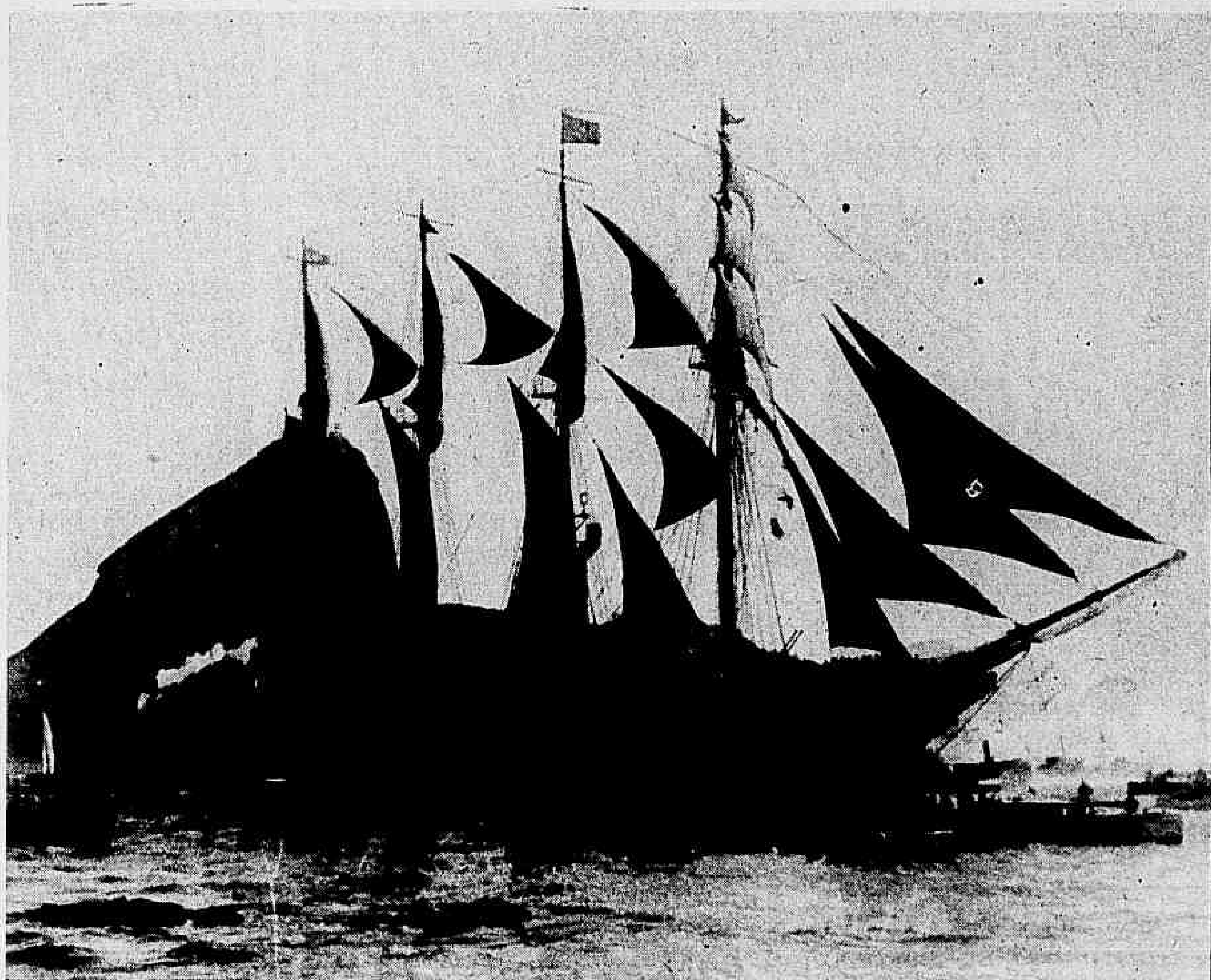
VIAÇÃO
Transportes.

AERONÁUTICA
Fiança difícil.

DESACERTOS e incoerências, ilegalidades e desbaratamento, falta de programa e improvisações perigosas transformaram a administração federal nisto que aí está: num campo de batalha. Quem foi ao Catete, naquele dia em que o sr. Café Filho presidiu a primeira reunião coletiva do ministério, sentiu na atmosfera a presença da guerra. Os comandantes do govêrno se encontravam como numa reunião de Estado Maior; e a amarga exposição do ministro Gudin, que se encompridou por mais de duas horas, teve, como se soube depois, o tom solene e grave de uma convocação extrema — a convocação das últimas classes para enfrentar o instante mais crítico de uma guerra gue, entre nós, teve início exatamente no instante em que o último conflito mundial chegava ao fim. É como se o ministro da Fazenda — ali na qualidade de Chefe do Estado Maior administrativo — quisesse dizer aos seus pares: "A guerra vai ser defensiva e demorada. Cavem as suas trincheiras".

Por outro lado, essa guerra tem de ser uma guerra barata — porque o dinheiro, excessivo e pobre, não rende muito. A estratégia do govêrno, portanto, é aquela que adotam as cidades sitiadas: resistência, vigilância diuturna, economia ao máximo das reservas, expectativa e determinação. É o que cada ministro faz agora em sua trincheira — diante de cada qual se mostra, monstruosamente fortalecido, um inimigo específico que durante anos e anos se cevou, fartamente, na estroinice santuária, na especulação, nas experiências sem conteúdo e na barafunda dos planos, programas e panacéias. É uma guerra difícil, principalmente quando se sabe que o inimigo conseguiu montar no país inquieto e sitiado, a mais solene e destruidora das quintas-colunas: a inflação.

COM UM «DEFICIT» ORÇAMENTÁRIO DE 15 BILHÕES DE CRUZEIROS, A SITUAÇÃO DO PAÍS SEMELHA A DE UMA CIDADE SITIADA, ONDE CADA CIDADÃO É UM SOLDADO E CADA DIRIGENTE UM COMANDANTE.



O "ALMIRANTE SALDANHA", A PRIMEIRA "VÍTIMA" — O «Almirante Saldanha» encontrava-se no pôrto de São Francisco (EE. UU.), uma das primeiras etapas do seu cruzeiro internacional, quando recebeu ordens para regressar imediatamente. Interrompendo no início a longa viagem do navio-cruzeiro, o govêrno brasileiro fará uma economia de mais de 3 milhões de dólares.

ALENCASTRO (TRABALHO):

A herança inquieta.

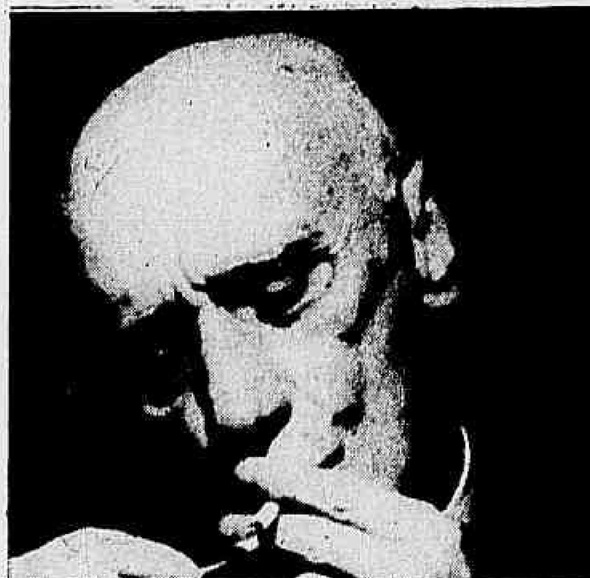


● Desde 1930 que o sr. Alencastro Guimarães ocupa ininterruptamente quase todos os cartazes, primeiro devido sua inegável simpatia pessoal, depois, pela sua ação constante e sem esmorecimento. Muita coisa tem sido desde então o atual ministro do Trabalho, e enumerá-las, não foi tarefa fácil para o repórter. Diretor dos Correios e Telégrafos em 1930, no mesmo ano diretor do Lóide Brasileiro, secretário geral da Prefeitura em 1931, do Conselho de Administração da Prefeitura em 1930, do Depositário Judicial do Lóide Nacional em 1932, chefe do Gabinete do ministro da Viação em 1935, ministro interino da Viação em 1940, diretor da Central do Brasil em 1941, vereador pelo PTB, senador pelo PTB, ex-membro do Conselho de Comércio Exterior. A essa longa lista ajuntemos que foi comissionado na Europa para estudar os problemas da navegação brasileira, e comissionado para adquirir equipamento de estradas de ferro nos Estados Unidos — e ter-se-á assim uma visão completa da carreira dêsse homem que, se não atinge no momento seu ponto culminante, pelo menos consegue fixar-se num dos seus postos-chaves.

Não será difícil predizer que Alencastro Guimarães tem diante de si uma tarefa mais do que complicada, que poderá fazer naufragar tôda sua gestão, se não fôr trabalhada com perícia e habilidade. Trata-se dos fermentos deixados por Getúlio Vargas em todos os setores do trabalho, uma espécie de veneno de inquietação social derramado exaustivamente ao longo de todo o seu govêrno, e que, se não encontrou eclosão ou se não chegou a se manifestar decisivamente, pelo menos permaneceu e permanece à tona como um rastilho prestes a incendiar-se. É como êste panorama inquietante que o ministro Alencastro Guimarães terá de se haver no tempo que lhe sobra para orientar a pasta do Trabalho. E convenhamos que não é tarefa pequena, já que essa inquietação social pròpriamente dita não é improvisada e nem coça como uma simples erupção da pele: é um fenômeno antigo, cuidadosamente alimentado pelo suicida de 24 de agôsto, e que se serviu tanto aos seus interêsses demagógicos, agora avulta como um dos nossos mais sérios problemas. O sr. Alencastro Guimarães, que é inteligente e é hábil, saberá sem dúvida encontrar a solução que o problema requer.

RAUL FERNANDES (EXTERIOR):

Precursor de Gudin.



● Inteligente, cético e experimentado, o ministro Raul Fernandes não é homem para temer fantasmas, nem mesmo os do ministro Gudin. De resto, a política de economizar tostão, agora preconizada pelo titular da Fazenda, é ciência da velha estima do ministro do Exterior, e que êle vem pondo em prática, há decênios, na vida pública e privada. Sua anterior passagem pelo Itamarati caracterizou-se por uma extrema economia — e ficaram célebres os cortes, às vêzes de apenas 500 dólares, nas verbas destinadas às embaixadas especiais no Exterior, à representação à ONU, etc. O próprio sr. Clemente Mariani, atual presidente do Banco do Brasil, foi, quando ministro da Educação, uma das «vítimas» do sr. Raul Fernandes. Tendo, certa vez, que representar o país num congresso educacional na Europa, a ajuda de custo que recebeu do Itamarati foi quase metade daquela que esperava...

Ainda dentro dessa política de rigorosa economia, o sr. Raul Fernandes é irredutìvelmente contrário à utilização em função diplomática de pessoas estranhas aos quadros do Itamarati.

Pessoalmente, Raul Fernandes (êle é de Vassouras, no Estado do Rio, terra também de Carlos Lacerda, seu parente) é homem delicado, brilhante, mas fàcilmente irritável. Sua habilidade em contornar dificuldades e situações é impressionante — e ficou célebre a extrema elegância com que, na Conferência Interamericana, em 48, frustrou a tentativa da senhora Eva Peron de presidir a uma das sessões plenárias do conclave.

Homem de hábitos simples, o chanceler Raul Fernandes surpreendeu-me certa manhã em sua residência (Botafogo), sòzinho e metido num pijama listrado. Eu tocara a campainha e o próprio chanceler me foi receber à porta. Levou-me depois para a sala de jantar, explicou-me que a família estava tôda em Petrópolis e que a empregada ainda não chegara. E apontando um armário, pediu-me:

— Oh! menino, você que é moço, me tire ali embaixo uma caixa de biscoitos...

E como tivesse ficado satisfeito com a minha ajuda, me deu uma chícara de café e dois biscoitos «champagne». Gesto que reflete perfeitamente a sua filosofia de vida — que é a de pagar pelas coisas e pelas tarefas o preço exato. Nem um biscoito a mais.

SEABRA FAGUNDES (JUSTIÇA):

A lei é boa arma.



● Foi por um acaso que fiquei conhecendo pessoalmente o dr. Seabra Fagundes, atual ministro da Justiça. Subíamos no mesmo elevador, no edifício do IAPC (que é também o do Ministério da Justiça), mas eu nunca poderia imaginar fôsse um ministro de Estado aquêle homem simples, de olhar quieto e trajando um comunissimo terno de tropical azul-marinho. O ascensorista do elevador privativo, que é expedito e maneiroso, apresentou-nos, e no 5º andar eu era convidado para tomar um café pequeno no sétimo.

Seabra Fagundes fêz a sua estréia política em 1945, após o 29 de outubro, quando assumiu a interventoria no Rio Grande do Norte, sob a «ditadura togada» de Linhares. Seus conterrâneos costumam dizer que, em apenas quatro meses, êle conseguiu fazer melhor govêrno do que muitos dos seus antecessores em anos seguidos. O ministro Seabra Fagundes é homem de tato, dono de uma magnífica cultura jurídica (um livro seu sôbre desapropriação por utilidade pública é considerado, no gênero, o que de mais importante já se escreveu no Brasil), de sentimentos arraigadamente democráticos e, como advogado, de dialética cerrada e argumentação segura. Seabra Fagundes nasceu numa pequena cidade, no Rio Grande do Norte, de nome engraçado: São José do Mipibu. Foi, no seu Estado, promotor, advogado, juiz e desembargador. Veio depois para o Rio, onde montou banca de advocacia — e nela é que o presidente Café Filho foi buscá-lo para fazê-lo ministro da Fazenda. Homem da Lei, Seabra Fagundes não aceita nenhuma solução, política, econômica, ou social, fora da lei. Sua tarefa mais séria, no Ministério, será a de presidir, a 3 de outubro próximo, eleições que se anunciam inquietas e turbulentas. Mas o sertanejo de São José do Mipibu já disse que não teme a exacerbação política e se sente perfeitamente protegido por detrás da casamata jurídica que foi sempre a sua trincheira, o que aliás, é sentato, louvável e inteligente.

LUCAS LOPES (VIAÇÃO):

Sabe gastar.



● O engenheiro Lucas Lopes é exatamente, em matéria de dinheiro, o oposto do sr. Eugênio Gudin. É o homem mais moço do Gabinete (nasceu em 1911), planejador de grandes empreendimentos, achando que nada pode parar no Brasil. Não era político. Os políticos foram em busca do jovem engenheiro e lhe deram a Secretaria de Viação de Minas. Foi aí que êle começou a planejar, a realizar e a gastar muito. O seu nome está ligado, em Minas, a todos os grandes empreendimentos oficiais no terreno da engenharia, a começar pelos planos de eletrificação. É também responsável pela materialização do «Binômio» de Juscelino, foi o idealizador das Centrais elétricas de Minas Gerais e o supervisor de todo projeto da rêde de transportes estaduais.

No plano nacional, Lucas Lopes foi membro da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, tendo aí estudado e cooperado na formulação de grandes projetos, tais como reaparelhamento de portos, recomposição dos transportes ferroviários, desenvolvimento da indústria pesada, eletrificação e aproveitamento de fatôres energéticos de um modo geral.

Pasmados os políticos com a orgia inflacionária do sr. Osvaldo Aranha, estão agora recomendando poupança e restringindo os investimentos. Ora, o engenheiro Lucas Lopes não pode parar nem é homem que se contente com o lado ornamental do Ministério. Ou darão dinheiro a êle para que possa levar avante os seus planos, que aliás são planos criadores de riqueza, ou êle fatalmente porá a pasta à disposição de um outro mais sóbrio e menos inquieto.

Lucas Lopes é engenheiro formado pela Escola de Belo Horizonte, foi diretor da Rêde Viação Mineira, secretário da Viação no govêrno de Benedito Valadares e secretário da Agricultura na rápida interventoria do sr. João Beraldo.

O problema mais sério que tem de enfrentar, na pasta, são os transportes — particularmente no que diz respeito às ferrovias, tôdas ou quase tôdas desaparelhadas, deficitárias e obsoletas.

COSTA PÔRTO (AGRICULTURA):

Juarez prometeu ajudá-lo.



● O ministro José Costa Pôrto (da Agricultura) é do Agreste pernambucano, e jamais poderia negar isto: a presença do Agreste está no seu rosto, uma típica máscara, dura e nervosa, de um nordestino que ainda não se rendeu ao verniz federal. Costa Pôrto conta hoje 46 anos, dos quais dez passou no Seminário de Olinda: ainda hoje êle escreve o latim com fluência. No penúltimo ano do curso religioso, trocou o Seminário pela Faculdade de Direito de Recife, onde formou-se em 1941. É jornalista de estilo limpo e seguro, e seus editoriais, no «Jornal do Comércio» da capital pernambucana, refletem objetividade e conhecimento — particularmente quando trata dos problemas agrários. (Filho de agricultores (pobres), José Costa Pôrto sempre estêve ligado aos problemas da terra). Sua vida jornalística começou na cidade de Nazareth (Pernambuco), onde êle foi diretor da «Gazeta» local; entrou em 46 para o quadro de redatores do «Jornal do Comércio», onde continua até hoje (3.500 cruzeiros mensais), mas, antes, fôra diretor do «Diário da Manhã», que fazia a política do sr. Lima Cavalcânti, e redator da «Fôlha da Manhã» recifense. Aqui no Rio, Costa Pôrto escreveu muito tempo na falecida «A Manhã»; e colabora de vez em quando no «Jornal do Brasil». É intenção dêle voltar a escrever nos jornais cariocas logo tome pé no ministério.

Um inimigo poderoso e feroz se posta diante da trincheira do ministro Costa Pôrto: a falta de transportes, que não depende do seu ministério. Não adianta a produção nacional de gêneros alimentícios ter crescido de 5% nos últimos doze meses. A pobreza de meios de transportes imobiliza-a quase que totalmente no local das safras — e o arroz apodrece no Triângulo, o feijão se acumula, bichado, nos galpões gaúchos. E um saco de feijão que, no interior mineiro, custa 80 cruzeiros, é vendido aqui no Rio por quatrocentos.

O general Juarez Távora conhece êsse problema como ninguém, senhor, como êle é, de tôdas as carências do município. Na reunião coletiva do ministério, quando êle ouviu Costa Pôrto chorar suas necessidades, bateu-lhe no ombro e disse: «O Exército poderá ajudar o seu Ministério, emprestando-lhe os seus caminhões». Costa Pôrto está contando firmemente com êsse adjutório.

EUGÊNIO GUDIN (FAZENDA):

Fechar a cornucópia.



● Financista por excelência, o que o professor Eugênio Gudin pretende antes de tudo é salvar a moeda. Daí a sua imposição tachativa: interrompa-se tudo que não fôr absolutamente essencial! E as obras da Cidade Universitária foram interrompidas; e o veleiro «Almirante Saldanha», que está apenas na primeira etapa do seu cruzeiro internacional, teve que virar a estibordo e voltar ao Rio.

Eugênio Gudin é um liberal que acredita em tudo que nega e condena o dirigismo econômico — como a livre iniciativa, a concorrência comercial, o aproveitamento ao máximo possível do capital estrangeiro como fator de exploração e rendimento, etc. Professor de Moeda e Crédito (da Universidade do Brasil), o cifrão não tem segredos para êle; e a sua presença na vida econômica e financeira do país tem sido, nos últimos trinta anos, a de um amargo vidente a anunciar catástrofes e calamidades.

Por várias vêzes foi o sr. Gudin presidente de emprêsas estrangeiras radicadas em nosso país, como a Great Western, a Western Telegraph, etc. A indústria brasileira não lhe está no afeto, e em seguidas oportunidades o atual ministro da Fazenda tem feito carga contra ela, acusando-a de artificial, pouco rendosa e de má qualidade.

Os seus esforços, agora proclamados, no sentido de fortalecer o cruzeiro, com o sacrifício, se necessário, de qualquer programa ou plano que redunde em despesas adiáveis, indicam perfeitamente que o que o sr. Gudin pretende, para a crise atual, é encontrar uma solução financeira, e não econômica. Restabelecer um pouco do valor perdido pelo dinheiro, sanear o crédito, apertar o cinturão e fechar o mais breve possível a delirante cornucópia inflacionária. É possível que êle realize o seu plano e alcance os seus objetivos, revigorando o cruzeiro e detendo a inflação. Mas isso não será para logo. Nos próximos meses, o recurso do atual ministro da Fazenda, para fazer frente a compromissos que não esperam, será o mesmo dos seus antecessores: emitir. É a sua concessão, inevitável, ao monstro que se levanta, agressivamente, diante de sua trincheira: um «deficit» orçamentário de 15 bilhões de cruzeiros.

E sendo um recurso extremo, é o que também se pode chamar de recurso de salvação, se bem que dos mais extraordinários.

MOTA FILHO (EDUCAÇÃO):

Um inimigo tradicional.



● O professor Cândido Mota Filho é dono de um robusto «curriculum vitae», no qual se encontram postos federais de realce e algumas aventuras doutrinárias sem maior sucesso. Dêle, que é hoje uma figura de democrata convicto, se pode dizer que foi, juntamente com o sr. Cassiano Ricardo, um dos precursores do futuro integralismo do sr. Plínio Salgado. Mas após curto estágio na direita, o professor Mota Filho voltou ao centro liberal, onde continua. E' professor de Direito em São Paulo, autor de livros (alguns importantes) de doutrina jurídica e de política, e, entre os cargos que já ocupou, se podem citar o de diretor do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda paulista, no Estado Novo, e o de chefe do gabinete do ministro do Trabalho, quando êste era, sob o govêrno do general Dutra, o sr. Honório Monteiro.

A trincheira do professor Cândido Mota Filho é mais ou menos tranqüila; e o tradicional inimigo — o Analfabetismo — que terá de enfrentar, é mau guerreiro que se rende fàcilmente diante de cada escola que se abre ou de uma cartilha posta nas mãos de um iniciado. Mas escolas significam dinheiro, e dinheiro o sr. Gudin já disse que não dá. Atingido em cheio pela política de mealheiro do ministro da Fazenda, o professor Mota Filho teve, logo no nono dia de sua gestão, a desagradável missão de mandar paralisar as obras da Cidade Universitária, já tão adiantadas. Parece, contudo, que ainda há umas sobras de verbas anteriormente votadas para aquelas obras, de maneira que as mesmas continuarão até que o dinheiro acabe.

Pessoalmente o professor Mota Filho é pessoa lhana, de conversa culta e gestos simples. Tem um jeito apressado de quem está sempre atrasado meia-hora, não gosta de fazer nada sòzinho e em qualquer pôsto que preside vive sempre cercado de «staff» de técnicos competentes e brilhantes. Cândido Mota Filho nasceu em 1891, e formou-se em Direito em 1919. Os seus amigos mais chegados costumam chamá-lo de Motinha.

ARAMIS DE ATHAYDE (SAÚDE):

O vasto hospital.



● Aramis de Athayde é a grande incógnita do Ministério do sr. Café Filho. Não traz êle um passado político marcante, não ocupou antes nenhum cargo de visível notoriedade, não chegou precedido de uma longa fama, como quase todos os outros Ministros. Não se pode dizer por isto que êle se desempenhe bem de sua missão, nem que o Ministério da Saúde não está bem servido, tendo à frente êsse ainda ontem desconhecido. Dêle, o que se conhece de positivo é que antes de vir para o Ministério havia sido Secretário de Saúde do Paraná, além de deputado, anteriormente. Tomou parte em Congressos estrangeiros, escreveu monografias sôbre Problemas médicos, é médico do exército. Quanto às suas idéias políticas, sabe-se que pertence ao PSD. Com êsse «curriculum vitae» o sr. Aramis subiu ao poder cercado de espectativa. Os problemas que terá a defrontar são graves, e por assim dizer clássicos em nossa vida administrativa. Desde a famosa proclamação de que somos «um vasto hospital» que os fatôres se alinham exigindo a mais difícil das decifrações. Temos a malária, temos a lepra, temos as variadas doenças graves e mortais que percorrem o interior, dizimando populações inteiras, temos o problema das favelas e vários outros decorrentes dessas causas principais. O sr. Aramis de Athayde terá de se desdobrar para conseguir um trabalho de efeito. Além do mais, o Ministério da Saúde é de criação recente e possìvelmente carece de reparos e ampliações, ou melhor, de adaptações. O otimismo do sr. Athayde vencerá tudo isto, e estamos certos de que saberá corresponder à confiança que foi depositada em seu nome. Talvez consiga êle mais do que os outros têm feito — e neste caso, só poderemos louvar o acêrto da escolha do sr. Café Filho, que entre tantos candidatos dispostos e ambiciosos, foi escolher um mais ou menos afastado das lides políticas. Não será decerto a menos acertada de suas improvisações.

No entanto, só o tempo nos dirá se acertou ou não.

Cabêlo branco?

TINGE MELHOR
E NÃO MANCHA

ÓLEO DE VIOLÊTAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia e renova a cútis

Marca registrada. A venda nas Farmácias e Perfumarias AMÉRICO — 25-2837

A CENA MUDA

UMA ÓTIMA REVISTA PARA OS FÃS DE CINEMA

PREÇO: Cr$ 4,00
(Em todo Brasil)

EU SEI TUDO

A MAIS COMPLETA REVISTA EDITADA NO BRASIL — LEITURA INSTRUTIVA E VARIADA AO ALCANCE DE TODOS — CIÊNCIA, HISTÓRIA, DOIS ROMANCES, CONTOS VARIADOS — INFORMAÇÕES DE UTILIDADE GERAL, CHARADA, QUEBRA-CABEÇAS, ETC.

Mensalmente nos jornaleiros

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME.........................
RUA........................ Nº...
CIDADE.......................
ESTADO.......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

TEIXEIRA LOTT (GUERRA):

Batalha em duas frentes.



● O campo de batalha do general Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, no Ministério da Guerra, está voltada para duas frentes: de um lado êle tem o «front» Legislativo, do qual depende o andamento de duas leis fundamentais para o Exército (a Lei de Promoção e a Lei de Inatividade); e, do outro, no «front» interno, êle lutará pelo reaparelhamento do próprio Exército, tão descurado desde que o general Canrobert Pereira da Costa deixou a pasta. Conseguindo a aprovação daquelas duas Leis, o general Lott terá removido o principal foco de inquietação no seio da tropa, onde, ainda hoje, o desajustamento de promoção é fator primordial de descontentamento. Assegurada, como se prevê, a sua permanência no Ministério, já que a pasta da guerra está acima das injunções da política partidária, o general Lott terá que pleitear a colaboração de um Congresso cuja maioria, eleita em 3 de outubro, fatalmente comporá a oposição ao atual govêrno. Sua tarefa, portanto, será difícil — tarefa mais de diplomata do que de soldado.

«Um militar cem por cento», assim o definem os seus amigos. «Um «junker» inteligente» — dêle me disse um militar graduado. Pessoalmente, o general Teixeira Lott é austero, escravo da disciplina e da hierarquia, altamente competente, rigoroso ao extremo no cumprimento dos seus deveres profissionais. Nascido em Barbacena, em 1894, entrou para o Exército em 1911, em 1914 era aspirante, 2º tenente em 1916, 1º tenente em 1920, capitão em 26, major em 33, tenente-coronel em 38, coronel em 1940, general de brigada em 44 e general de divisão em 48. Tem todos os cursos militares, inclusive o da Escola Superior de Guerra da França e o do Estado Maior norte-americano, além dos cursos de Infantaria, Cavalaria e Engenharia. Quando, há dois anos atrás, cursou a Escola Superior de Guerra, teve ocasião de defender três teses — e tôdas três diziam respeito à Segurança do Estado. Sua preocupação: servir ao Exército da melhor maneira possível. Sua política: defender e assegurar os poderes constituídos. O seu nome foi levado a Café Filho conjuntamente pelo brigadeiro Eduardo Gomes e pelo general Juarez Távora. O seu prestígio no Exército é incontestável. Os generais confiam nêle e o admiram; a tropa, respeita-o.

EDUARDO GOMES (AERONÁUTICA):

Legenda e «gabarito».



● Paradoxalmente, o brigadeiro Eduardo Gomes foi o sustentador e o derrubador da última fase do govêrno Vargas. Mas o paradoxo tem uma explicação: o que o brigadeiro pretendia, quando advogava a permanência de Vargas e se pronunciava contra qualquer solução extra-constitucional, era manter o regime intacto e salvaguardar os seus princípios legais. Isso seria possível não tomassem os acontecimentos os inesperados rumos que tomaram. Então, a solução seria mesmo o sacrifício do sr. Getúlio Vargas, impossibilitado de continuar a manter-se no Catete, de onde fugira tôda autoridade e todo respeito. A presença de Eduardo Gomes como mola central dos fatos, episódios e exacerbações que sucederam ao assassinato do major Rubens Vaz, evitou que a indisciplina se apoderasse em definitivo das classes armadas.

Aceitando, em seguida, uma pasta no ministério de Café Filho, Eduardo Gomes assumiu mais um compromisso político do que administrativo. Seu gesto deve ser tomado como uma espécie de fiança do atual govêrno — representou mesmo aquêle «gabarito moral» a que se referiu o próprio Presidente Café Filho. E' principalmente apoiado nesse «gabarito» que o atual govêrno vai tentar a política, sem dúvida anti-popular, mas necessária, da austeridade, da poupança e da guerra contra o supérfluo. A virulência getulista, agora sôlta nas suas, tem-se esforçado no sentido de convencer a opinião pública de que acabou o «mito Eduardo Gomes». A verdade, no entanto, é que o prestígio de Eduardo Gomes, na Aeronáutica e no seio de uma grande porção do povo brasileiro, continua intacto. Só os seus inimigos discutem ou negam a sua autoridade moral e profissional, o seu patriotismo e a sua real vocação democrática. No Ministério da Aeronáutica, o inimigo que Eduardo Gomes terá pela frente é mais de ordem política do que administrativa: o que êle tem de enfrentar são as manhas da política eleitoralista que tentará fazer do inquérito do Galeão um chamariz para a caça dos votos.

BILHETE AO BARCELOS

MARIA HELENA DE AGUIAR

● **Meu caro amigo: sendo eu uma pessoa de poucos bilhetes e raros encontros, peço, de seu tempo tomadíssimo, alguma atenção para isto que lhe exponho e para a sugestão que, a seguir, lhe faço. O nosso rádio, do qual V. S. é um dos líderes, anda mal. Não é que falte dinheiro, mas lhe falta nível. Se examinarmos os nossos programas, vamos chegar à triste conclusão de que a maioria, a grande maioria, é pobre de qualidade. Os programas humorísticos, quando atingem o humorismo, ainda passam. Eu disse «ainda». Mas, mesmo assim, não ensinam nada e em nada melhoram os seus ouvintes. As novelas são trágicas. Cada fala de diálogo é um lugar comum. E os enredos contêm os maiores vícios de imaginação possíveis. Os musicais são pobres e nem sempre honestos. Os «shows» de auditório não passam de encontros entre «estrêlas» e fãs, para que se cubram bustos de faixas e se digam agradecimentos de fingida emoção. Ora, meu pelotense Barcelos, essas coisas, por enquanto, ainda interessam a um público distante e mais inculto. A mim e à sua espôsa, não dizem nada. Depois, o público que, hoje, propicia êsses maus programas se cansará também. E o rádio ficará falando sòzinho. Aqui estou para uma sugestão: os diretores das estações de rádio e os homens mais inteligentes que os servem seriam chamados para uma série de reuniões na ABR, onde seriam debatidos êsses problemas. Quando se chegasse à conclusão de que o nível do rádio deveria subir, far-se-ia outra assembléia, dessa vez com a presença dos anunciantes e das agências de propaganda. Lucraríamos disso, senhor Barcelos. Salvaríamos o rádio. Grata a M. H. de A.**

SÍLVIO CALDAS EM FRASES COMPRIDAS



Onde estás, Caboclinho?

Passando dos 50 anos, com e cozinheiro, anda por aí afora, físico de 30. Cantor, pescador abraçado ao violão, com uma cantiga na bôca e um amor no peito. Ganha uma fortuna, gasta fortuna e meia, aprendendo assim a viver de um jeito novo, mais feliz que o senhor João Café Filho, nosso ilustre presidente da República. Sua vida se resume num verso do folclore: «eu hei de morrer cantando».

DIRCINHA BATISTA EM FRASES CURTAS



Dirce, tão boa de ouvir!

Emagrece e engorda. Fica sempre bonita. Ótima filha e amiga 100%. Não bebe e não joga. Fuma pouquinho. Mora no Flamengo. Torce pelo clube do mesmo nome. Começou a cantar aos 8 anos. Foi menina prodígio. Foi mocinha de praia. Fechou comércio. Abalou corações. Nunca deixou de ser uma pessoa séria. Como cantora, não é preciso que eu lhe repita elogios. Nome: Dirce de Oliveira.

NO RIO, PELOS ESTÚDIOS

Segundo informou o senhor Heron Domingos, atual diretor da Nacional, Gregório jamais ganhou dinheiro pela fôlha de pagamento daquela emissora. Trata-se, como vemos, de mais uma injúria assacada contra o senhor Vítor Costa. ★ Entre os cortes do senhor Marcial Dias Pequeno, estava o nome da espôsa de Didi (meia tricolor), que teria sido incluída no «cast» daquela emissora a pedido do clube, feito ao senhor Paulo Tapajós. O aproveitamento dos dotes artísticos da espôsa em foco fôra uma das exigências de Didi, ao renovar com o clube de Alvaro Chaves. ★ A Tupi continua pagando, em prestações semanais, as quinzenas atrasadas que chegou a dever (5) aos seus funcionários e artistas. ★ Atualmente, a coisa mais irritante da TV é o senhor Al Neto (gaúcho, naturalizado estadunidense) acendendo o seu cachimbo (isqueiro Zippo) em pôse ociosa de Pompadour. Como se já não chegasse a voz de Al Neto, sua preocupação de manter o sotaque, ainda temos que vê-lo aos domingos. Minha sensibilidade de pessoa direita, minha inteligência de gente normal e minha culturinha ginasial não suportam os «closes» de languidez dêsse Al Neto, um pouco de Domitília de Castro e o resto de galã do Cassino Montanhês (Minas). Má propaganda americana.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Enéas Machado de Assis continua candidato à Câmara Federal e se anuncia como candidato do rádio livre. Como já dissemos, em informação anterior, Enéas nunca teve nenhuma função no rádio. Foi (isto sim) censor do DIP e sua tarefa era passar telegramas às emissoras proibindo coisas e impondo divulgações. Agora, o nosso Enéas apresenta-se como candidato do «rádio livre». ★ Angela Maria está fazendo grande sucesso, às quintas-feiras, na Rádio Nacional daqui. ★ A propaganda política divulgada no rádio paulista não é bem uma propaganda política. São desaforos trocados entre Jânio, Ademar e Prestes Maia. ★ Sarita Campos estêve doente e, por isso, ficamos sem sua presença nas vesperais da PRG-9. Essa querida escritora de programas já se encontra em período de convalescença, preparando-se para voltar. ★ De manhã cedo, depois das 5 e meia, se o ouvinte escapar de um programa caipira, cairá numa das «horas japonêsas» do rádio paulista. Vale, todavia, exaltar a doçura da voz de Amélia Sati, nipo-locutora da Emissora de Piratininga. ★ Na Tupi, muito bem, o programa da Antártica, com a orquestra de Georges Henry. ★ Carmélia Alves deixou o Rio de vez. Ganhamos uma cantora de primeira qualidade e mais ganhou a Record, que a trouxe com exclusividade. Paulinho de Carvalho está outra vez de parabéns. ★ De todos os candidatos do rádio paulista um, a nosso ver, é culto e inteligente: João Batista Ramos, presidente da Nacional. ★ Jaime Moreira Filho, sucesso em apresentações de auditório. Ganha duas, três, quatro faixas por semana. Ou o rádio brasileiro acaba com as faixas ou as faixas acabarão com os Jaimes Moreira Filho. ★ Carlos Lacerda fala mais uma vez, através de duas televisões. Grande «aplomb» do nosso denunciador de falcatruas. ★ Num disco de vitrola, Araci de Almeida dizendo: «andei, por andar, andei e todo caminho deu no mar» (Dorival Caymmi).

(Informações de **Elisinha Thomaz**)

ESTA LETRA É RUIM

● Entre as letras que, infelizmente, sou obrigada a transcrever há casos de mau gôsto, de nenhuma vocação poética e, como é o caso da letra de hoje, mistos de pobreza e impropriedade. No samba-canção «Joá», o autor é um moço que não mora na zona sul e, se foi ao Joá, foi aos domingos, na hora do almôço. No entanto, ao escrever seu samba, êle pensou: «bem, vou falar no Joá e aquelas grã-finas que estão sempre por ali irão comprar um horror de disco». E escreveu esta coisa:

«Joá
Que lugar fascinante pra gente amar
(Fascinante em 1938, quando não havia, por exemplo, o Esquilos)
Eu recordo ainda
A noite tão linda
Que estive por lá
(Por que não dizer: «Em que eu não estive por lá»)?
Joá...
És o alegre recanto
Onde há sempre encanto
Em noites de luar
(Pobreza de versos)
Joá
Que paisagem tão bela
És do Rio a janela
Que se abre pro mar
(Auge do lugar comum)!

Amo a tua beleza original
Adoro a verda folhagem
Tão tropical
(isto se perdoa em bolero)
A brisa do mar tão pura
É carícia constante
Que me dá tanta ventura
Ao peito amante
(E se insistir na brisa, virá a bronquite)»...

E' por causa dessas e outras que o disco nacional está saindo. O público que tem dinheiro para comprar vitrola e, no fim do mês, dinheirinho para comprar de 20 a 30 discos, êsse público nunca irá comprar «Joá». E, aos poucos, não irá comprar mais nada, porque pensa que tudo é igual a «Joá». E isso as fábricas já estão sentindo. Ninguém compra mais disco. Agora mesmo querem aumentar o preço da unidade para Cr$ 35,00 e não podem. Mas, não podem por quê? Por causa de «Joá», «Esbarro» e outras jóias.

ACONTECEU NO CLUBE DA CHAVE

● **O senhor Manoel Barcelos foi violentamente agredido (com palavras) pelo senhor Jorge Dória. Entre os presentes, foi surprêsa geral a maneira ponderada como o radialista evitou o atrito. Quando se esperava que Barcelos virasse um furacão, eis que o presidente da ABR limitou-se a uma defesa das acusações que lhe fazia Jorge Dória. Narrando o fato e estranhando a calma do Barcelos, disse Edu da Gaita: «Para mim, o Barcelos teve um distúrbio neuro-gaúcho». Estamos certos de que, ao tempo da publicação desta nota, os dois, excelentes praças, já estarão de mãos dadas. De tudo, ficará apenas a grande classificação do Edu: «distúrbio neuro-gaúcho».**

A NOITE E O MAR ENGULIRAM OS MORTOS



O AVIÃO MERGULHOU NA GUANABARA

«Atenção! Chamando PP-CDJ. Atenção! Um dos motores apresentando defeito. Vamos cair!» E depois foi o silêncio ★ Na noite do 12 último, o Rio viveu horas de aflição e angústia com o desastre do aparelho da «Cruzeiro do Sul».

Reportagem de ARMANDO LEMOS

ÀS 7 horas da noite de domingo a tôrre de comando do Aeroporto Santos Dumont começou a ouvir do rádio-navegador Lucas do avião da Cruzeiro do Sul uma informação em voz calma, prenunciando uma tragédia de proporções imprevisíveis:

— Atenção, chamando PP-CDJ. Atenção! Chamando PP-CDJ um dos motores apresentando defeito. Regressando de S. Paulo. Aeroporto de Congonhas interditado.

Duas horas antes os passageiros de S. Paulo no vôo 717, da Cruzeiro do Sul preparavam-se, entrando no aparelho para uma viagem calma. Após 15 minutos de viagem, verificou-se que um dos motores do avião apresentava defeito, o comandante manobrou o aparelho e voltou ao Santos Dumont. Às cinco e meia da tarde organizava-se nova fila com os mesmos 22 passageiros e a mesma tripulação. Uma nova viagem, agora, no aparelho PP-CDJ fôra destinada aos tristemente marcados passageiros do avião das 17 horas de S. Paulo.

O tempo desde o sábado enevoado (mais precisamente: bom com nebulosidade, passando a instável no fim do período) caracterizou-se no domingo em instável com chuvas.

Retomaram todos seus lugares, alguns reservadamente nervosos, outros supersticiosos não viam bem uma nova viagem no mesmo dia de um insucesso aéreo, mas todos desejossos de atingir S. Paulo quanto antes, embarcaram deixando seus destinos aos designos da providência.

Tôda a viagem foi normal. Em Mogi das Cruzes, porém, o rádio-navegador pediu campo a Congonhas. O aeroporto estava interditado, foi a resposta. Tinham de voltar mais uma vez ao Rio.

O comandante Almir (um dos milionários da Cruzeiro) evoluiu e começou o regresso. Faltando dez minutos para pousar (na altura de Ubatuba) um motor principia a engasgar. O ronco surdo e uniforme do aparelho, muda sinistramente o diapasão e os guinhos afogados sucedem-se num aviso melancòlicamente reconhecido.

Foi quando a tôrre de comando ouviu a primeira comunicação. Pouco depois a comunicação transformava-se num aviso desesperado:

— Atenção! Chamando PP-CDJ parou um dos motores vamos tentar a aterrissagem, providenciem para o pouso.

Imediatamente limparam a pista, correram carros de Pronto Socorro e de Bombeiros. O avião começou a evoluir para realizar a aterrissagem com um só de seus motores funcionando.

O capitão Almir firmou o comando nas mãos, os passageiros, embora sossegados pela tripulação, foram avisados de que deviam apertar os cinturões de segurança.

De repente o aparelho veio embicando para o solo, numa linha sinuosa engasgando-se e trôpego como uma velha ave aleijada.

Trazia uma distância razoável para estender-se na pista. O pilôto preferiu, porém, colocar o avião no solo com os trens de aterrissagem baixados.

As duas rodas tocaram na pista. Mas o sucesso foi de uma fração de tempo infinitamente pequena. Imediatamente após ao toque, o grande avião retomou o vôo e, de focinho empinado, ganhou novamente o espaço.

Percorreu num vôo breve um espaço sôbre o mar entre o Calabouço e as fortalezas de Lages e Santa Cruz e a angústia de 26 pessoas durou aproximadamente um minuto.

Batendo na água o PP-CDJ boiou como um batelão. Os tripulantes retiraram, um a um, os passageiros, colocando-os nas asas do aparelho, que flutuava. Momentos depois passava pelo local o navio Cantuária, que lançou três salva-vidas, recolhendo igual número de pessoas.

Diversos particulares que possuíam lanchas e barcos fizeram ao mar, acompanhados em suas buscas por duas lanchas da Marinha, duas da Polícia Marítima, dois botes a motor e dois a remo, além do rebocador «La Maya». Dez lanchas particulares, ao todo, procuravam na baía, num círculo que compreendia a Escola Naval, a Ilha da Boa Viagem (em Niterói) passando pela Fortaleza de S. João e se fechando em Gragoatá.

Dois pára-quedas luminosos (com a duração cada um de 10 minutos), o primeiro às 20,45 horas e o segundo às 21 horas, foram atirados nas imediações, por dois aviões que circulavam, em vôo ondulante, a zona onde, provàvelmente, o aparelho caíra, varrendo o mar e mergulhando no seu ventre a luz poderosa de seus holofotes. No meio da baía os cruzadores Barroso e



Apesar de estar num leito de hospital, sua fisionomia é sorridente, pois escapou com vida.



Dando entrada na ambulância, seus olhos exprimem ainda o terror da cena vivida no mar.



Um passageiro do avião sinistrado dando entrada no Pronto Socorro. Também andou com sorte.



Vittorio Chineli, de Niterói é efusivamente abraçado pelo seu filho que já o tinha por morto.



Helena Amanda do Uruguai, nada sofreu além do choque, mas perdeu tudo quanto tinha...



A família de Moshe Sonnenfeld já o considerava perdido, quando êle ressurgiu. Que alegria!

Tamandaré iluminavam também com seus refletores tôda a extensão do mar batendo sua luz até a praia de Botafogo. Baterias (de holofotes) do Exército foram também mobilizadas para colaborar na iluminação da zona marítima onde flutuava o avião. Emprêsas e entidades particulares (como a Frota Carioca e o Iate Clube) colocaram algumas de suas lanchas ao mar para ajudar na busca. Da Escola Naval seguiram 20 aspirantes, em 2 escaleres e duas lanchas. Dois aviões da Cruzeiro do Sul também sobrevoavam a faixa marítima do acidente.

Cinco ambulâncias do Pronto Socorro e uma do Comando Aéreo e diversos carros da Rádio Patrulha dirigiram-se para a Escola Naval para prestar os socorros em terra.

O brigadeiro Frankilin Rocha, presidente da Cruzeiro do Sul, multiplicou-se em esforços para que os socorros fôssem lançado ao mar para as buscas o mais ràpidamente possível. Enquanto isso também o brigadeiro Eduardo Gomes chegava à Diretoria de Rotas Aéreas para observar as operações, inteirar-se das proporções do acidente e ordenar a prestação de socorros.

Localizado o aparelho às 9,35 pelo navio Cantuária, cêrca de 22 horas chegava ao Arsenal de Marinha a primeira embarcação, que vinha conduzindo, do local, 10 náufragos. Foi nesse bote que faleceu, por afogamento, Jorgina M. Lana (de Minas), ex-empregada do jornalista Geraldo Romualdo. Jorgina ao passar do avião para a lancha caiu nágua. Todos êstes primeiros sobreviventes, salvos foram imediatamente ao Pronto Socorro, sem ferimentos de gravidade, sendo que 5 dêles retiraram-se logo após, ficando 4 dêles no Hospital (inclusive uma senhora) por se encontrarem com suas vestes destruídas.

No Hospital, depois de salvos, contaram os passageiros as suas impressões. Relataram que só tomaram conhecimento de que se passava alguma coisa de anormal quando o avião tocando ao solo, com violência inusitada, ganhou novamente o espaço e num vôo quase rasteiro foi cair no mar. Conservaram-se calmos e só vieram para a asa do avião quando o comandante consentiu. Conta, então, um dos passageiros que, ainda na asa, combinaram todos, por idéia de um americano, que quando avistassem a embarcação gritariam por socorro. Quando o Cantuária meteu a proa na direção do avião, o primeiro a avistá-lo foi o americano que, chamando a atenção dos companheiros, começou a contar: um... dois... três, na última contagem, porém ficou todo mundo calado e se ouviu de uma só garganta o apêlo: Help!...

O sr. Pedro Costa (que depois de salvo seguiu imediatamente para sua residência) contou que todos os passageiros e tripulantes, munidos de coletes salva-vidas e tendo-se desfeito de quase tôda a roupa que traziam, atiraram-se ao mar logo que o avião começou a afundar, o que ocorreu quinze minutos depois do acidente. E todos permaneceram cêrca de 45 minutos boiando até que começaram a chegar as lanchas de socorro.

Além da sra. Jorgina Lana foi, mais tarde, encontrado outro passageiro morto, não identificado imediatamente. Êsse passageiro foi encontrado por uma lancha da Panair. Era um homem de côr branca, 40 anos presumíveis e, apenas, de cuecas, em cujo cós, afirma-se, colocara a quantia de 80 mil cruzeiros antes de desfazer-se da roupa. O dinheiro, contudo, não foi encontrado, acreditando-se tenha caído ao mar.

Nas listas iniciais verificou-se que nove passageiros estavam desaparecidos, entre êste um cadete, cuja capa fôra encontrada. Suspeitava-se, contudo, que esta capa poderia pertencer também a algum aluno da Escola Naval que tivesse trabalhado nos salvamentos, e que a teria deixado cair ao mar. Informou-se, também, que o aparelho conduzia um tripulante extra, aumentando para 27 o número de pessoas que viajava no PP-CDJ.

A manobra realizada pelo comandante Almir de Castro foi comentada por seus tripulantes e demais pilotos como reveladora, de grande sangue-frio e excepcional habilidade, pois realizou magnífica placagem no mar.

Contaram os tripulantes do PP-CDJ a história da tragédia: o avião apresentava «panne» em um de seus motores e o comandante Almir havia pedido pouso de emergência. A manobra de descida em tais circunstâncias numa pista como a do Aeroporto Santos Dumont é proeza realmente difícil, pois o espaço existente não dá margem a qualquer diferença de cálculo do pilôto. Tentando pousar com um motor embandeirado, o aparelho atingiu o último têrço da pista o que levou o pilôto a arremeter para não cair de nariz dentro dágua, que seria fatal. A arremetida foi feita a monomotor, insuficiente para arcar com a responsabilidade de reerguer novamente o pesado aparelho. O comandante, com seu sangue frio e habilidade, conseguiu realizar uma magnífica placagem no mar permitindo que todos os passageiros viessem para a asa do avião e ali permanecessem durante 15 minutos enquanto o aparelho flutuou.

AS VÍTIMAS

Logo após ao desastre foram localizados seis passageiros, que já eram dados como desaparecidos. São êles: Hugo Muniz, Pedro Costa, Andréas Farias, Alonso Fruet, Vítor Hummel e H. Gususck, Ildo Rosa, que ia a São Paulo em busca de emprêgo, foi morto recolhido por uma lancha.

Ainda se encontram desaparecidos Francisco de Souza, Roberto Lauria, Abrahan Bonnsatejo e Greis Wilhelm. Assim, já estão quase que completamente localizados os vinte e sete passageiros do avião sinistrado.

RELAÇÃO DE PASSAGEIROS

1 — Alvine Franco; 2 — Firmino V. da Silva; 3 — Vitório Chilleni; 4 — Francisco de Souza; 5 — Hugo S. Muniz; 6 — Ídio Rosa; 7 — Pedro Costa; 8 — Raimundo Ivo Sobrinho; 9 — Evelton Pereira Duarte; 10 — Andreas Farias; 11 — Davi Bancov; 12 — Alonso Fruet; 13 — Roberto P. Lauria; 14 — Moshe Sonnenfeld; 15 — H. Grohi Armendano; 16 — Helena Amanda; 17 — Abrahan Bonnsatejo; 18 — José da G. Huchoa; 19 — Jorgina M. Lana; 20 — Vítor Hummel; 21 — Greis Wilhelm; 22 — H. Gususck.



AVA GARDNER FOI EMBORA SEM NOS DIZER ADEUS

ROTEIRO CURTO E TUMULTUOSO DE UMA ESTRÊLA DE HOLLYWOOD NO RIO: 71 HORAS CONSECUTIVAS NO CARTAZ, HÓSPEDE DE DOIS HOTÉIS EM DOIS DIAS, TOMOU CONTA DA PRIMEIRA PÁGINA DE CINCO EDIÇÕES DE TODOS OS JORNAIS, RECEBEU 8 CHAMADAS TELEFÔNICAS DE PUBLICAÇÕES DE NEW YORK E UMA DE HOLLYWOOD, DA CRONISTA HEDDA HOPPER

Texto de LEON ELIACHAR

SE a publicidade do filme «A Condêssa Descalça» tivesse planejado tudo o que aconteceu logo após que o avião da KLM pousou no aeroporto internacional do Galeão, trazendo Ava Gardner de Montevidéu, tenho certeza de que não obteriam os mesmos resultados. Nunca, em tempo algum, uma «estrêla» de cinema foi tão comentada em tão pouco tempo. Gilberto Souto, representante da United no Brasil, só conseguiu dormir depois que a «estrêla» partiu. Andava de um lado para o outro, acompanhando a figura da bela jovem, tentando acalmar a fúria da «estrêla» e amenizar os adjetivos da imprensa. Eduardo Tapajós, o gentilíssimo diretor superintendente do Hotel Glória, só teve tempo de ouvir os gritos da menina e contemplar os estragos do luxuoso apartamento nº 900. A United promete uma indenização ao Hotel Glória, mas êste recusa e resolvem continuar bons amigos, pois ninguém teve culpa alguma. David Hannah, acompanhante da «estrêla» foi queimado no pescoço por uma lâmpada de alta voltagem de um dos cinegrafistas, Harry Stone, da Associação dos Produtores Cinematográficos dos Estados Unidos, amável e solícito, foi levá-la no aeroporto para a longa viagem de volta. Oscar Ornstein e Caribé da Rocha, do Copacabana Palace, conseguiram contemporizar os jornalistas mais agressivos, numa entrevista coletiva cronometrada, que se dividiu, por fôrça das circunstâncias, em três tempos: a primeira, esclusivamente para fotógrafos; a segunda, para repórteres, e a terceira para críticos cinematográficos. No primeiro tempo, o sorriso de Ava Gardner, bela e bem repousada, depois de 12 horas ininterruptas de sono, durou exatamente meia hora, e seus olhos enfrentaram cêrca de 800 flashes, sem reclamar. No segundo tempo, os repórteres bombardearam-na violentamente e sua agressividade se acentuou mais ainda: aquilo nunca poderia ser considerado uma entrevista coletiva e sim um inquérito policial. Ainda assim, Ava Gardner não perdeu a calma. Respondeu a tudo e a todos, continuou sorrindo, ficou nervosa algumas vêzes e procurou se acalmar com cigarros. Aí, quando ela deveria realmente retirar-se, permaneceu até o fim. Queria, a todo custo, tirar a má impressão que havia causado no primeiro dia. E conseguiu. Mas o terceiro tempo foi melhor: os críticos de cinema desceram ao seu apartamento, em número mais reduzido, sentaram-se cômodamente, e bateram um papo muito agradável, mais íntimo, mais à vontade. Ava Gardner não mostrou pressa, não foi «interrogada». Conversou com todos como se estivesse falando a velhos amigos. Não se mostrou cansada, não consultou uma vez o relógio e nem sequer reclamou que estava com fome. Havia feito, definitivamente, às pazes com a imprensa.

OS ERROS DA CHEGADA

Nunca, em hipótese alguma, deveriam ter feito Ava Gardner sair pela «porta dos fundos» do avião. Não foi esta, estou certo, a primeira vez que ela enfrentou uma multidão de fãs. Mas o «golpe» (errado) de fugir da massa de admiradores foi que provocou a revolta. E além do mais, não havia policiamento suficiente para que a «estrêla» saísse do carro para chegar até a Alfândega. O nervosismo da «estrêla», o cansaço da viagem, e o fato de, sòmente no Rio, ter de passar pela Alfândega, fizeram crescer o seu susto e o seu nervosismo, ao ponto de declarar que isto era «um país de selvagens». Começou o tumulto.

O INCIDENTE DO GLÓRIA

Depois de passar por todos aquêles «apertos» no aeroporto, um número maior de fãs lotava inteiramente o «hall» do Hotel Glória. Só Deus e Ava sabem o custo que foi chegar ao elevador. A «condêssa», ajudando a publicidade do filme, chegou ao apartamento «descalça». Teve uma crise e desarrumou tudo, gritou, xingou, quebrou. Mudou-se na mesma hora para o Copacabana Palace (Anexo). Ava afirma que quebro apenas um copo, as fotos atestam que o apartamento ficou na mais completa desordem. Mas a crise passou logo, os jornalistas correram às redações dos jornais para «meter o pau», enquanto a «estrêla» passou a noite se divertindo na «boite» (vasia) do Copacabana.

A PARTIDA INESPERADA

Se alguns jornalistas insistiram que a «estrêla» vivia bebendo, outros, no entanto, depois da entrevista, mudaram de opinião. Ou nunca a tiveram. De qualquer forma, Ava não chegou a sair do hotel, senão para tomar o caminho do Galeão. Oito telefonemas de Nova York comunicaram a «estrêla» que a repercussão de sua estada no Rio foi a mais desastrosa possível e aconselharam-na a voltar imediatamente. Hedda Hopper, famosa colunista de Hollywood, deu-lhe o mesmo conselho, avisando-a de que, aqui no Rio, corria o risco de perder a sua popularidade. A «estrêla» tomou então a resolução de partir no primeiro avião, rumo a Caracas, o que foi conseguido pela Embaixada Americana, cancelando a viagem de três outros passageiros para que Ava não tivesse que depender de outro avião. E partiu às 10,30 do dia 9 — sem sequer se despedir dos seus fãs. No aeroporto, encontrou pouquíssimas pessoas e, sorrindo sempre, deu alguns autógrafos.

OS BOATOS E A VERDADE

Muita gente afirmava que Ava fôra expulsa do Copacabana, outros insistiam que havia uma ordem expressa da Embaixada Americana para ela regressar, enquanto alguém chegou a dizer que a «estrêla» só veio ao Brasil para, com a sua beleza, superar o estado emocional do povo brasileiro, abatido com o suicídio do Presidente da República. Mas nada disso aconteceu. Ava tomou a decisão sòzinha, em virtude dos telefonemas recebidos; o Copacabana desmente os boatos de expulsão e, inclusive, acrescenta que o sr. Otávio Guinle convidou a «estrêla» a passar 7 dias no Hotel como sua convidada. Ava agradeceu e deixou dois abraços: um para o sr. Jorge Guinle e outro para a sra. Dolores Guinle, seus amigos de Hollywood.



A partida de Ava foi brusca e repentina. Tomou um avião da Pan American às 10.30 da noite do dia 9. Mas os fãs preferiram que Ava partisse sorridente, como se nada tivesse acontecido

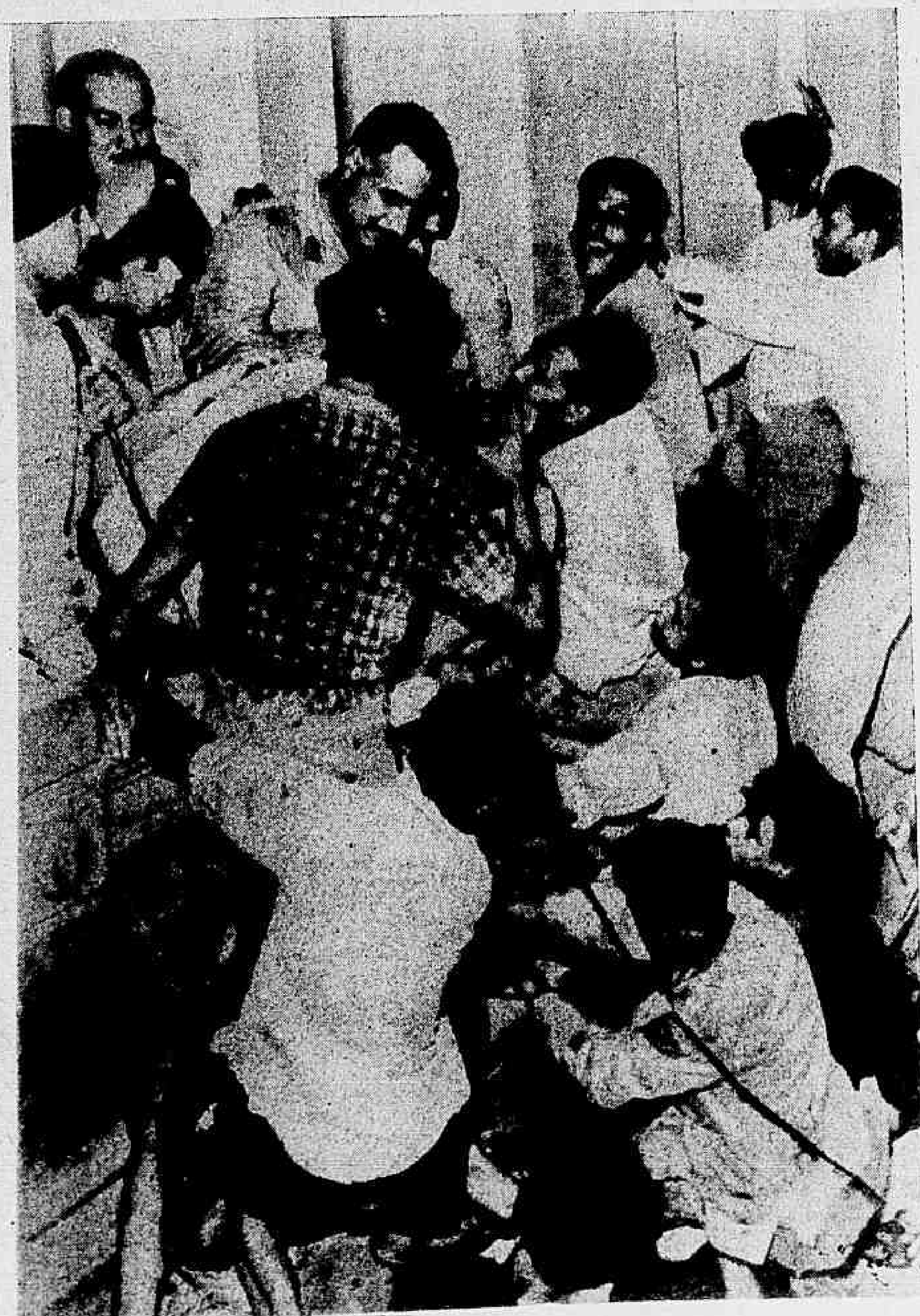






DEVORADORA DE CARNE CRUA

La Hepburn, que é a melhor atriz produzida pela América do Norte nestes últimos vinte anos, acha-se na Itália, filmando sob as ordens de David Lean, o realizador inglês de «Breve Encontro». Miss Hepburn, que tem fama de ser original, acaba de prová-lo mais uma vez, repelindo com energia todos os fotógrafos. Mas êstes se vingaram, surpreendendo a insigne exatamente no instante em que devorava... carne crua.



Por êsse Mundo de Deus

ESCALADA

No Cairo, o público entusiasmado escala o Palácio Presidencial para abraçar o ministro Nasser, braço forte de Naguib.

SANDRI KHAN

Da famosa família que há tanto enche de rumor as notas sociais e de escândalo da Europa, almoça com uma loura irlandesa riquíssima, chamada PLUMKEK.







FIM DE SEMANA

Aldo Fabrizzi é um dos poucos atores italianos que passa no campo seus fins de semana. Possui êle uma chácara e demonstra que não é puro pedantismo, e que sabe tratar de animais com o mesmo talento e o mesmo brilho com que trabalha na tela, onde, aliás, faz grande sucesso.

DISTÚRBIOS

Em Casablanca, continuam as manifestações contra os franceses. Nas ruas estreitas do Casbah, semelhantes às de Argel, o povo se comprime e grita, pedindo liberdade. O movimento, que conta com gente de tôda espécie, inclusive grande número de jovens, vai ganhando alma e corpo.



MAFFIA

Êste é don Caló, ou melhor, Don Calogero Vizzini, chefe da famosa Maffia que durante tantos anos operou na Itália. Don Caló morreu recentemente, e sua fortuna, extraordinàriamente elevada, vem provocando uma corrida entre parentes, amigos e adeptos, corrida que já originou distúrbios e até quase o começo de uma pequena guerra, sendo necessária a intervenção da polícia. Maffia significou uma associação diferente e perigosa.

A CONDÊSSA E OS SELVAGENS

TEDDY DE OLIVEIRA

● Um jornalista mais feliz que acompanhou por acaso a «estrêla» americana Ava Gardner até seu quarto no Hotel Glória, registrou para a história que a intérprete de «Mogambo» disse dos brasileiros(?) «São uns selvagens»! Referia-se naturalmente aos fãs exaltados que foram esperá-la no aeroporto do Galeão e não se contentaram em vê-la apenas sorrindo e posando para os fotógrafos, quiseram apalpá-la, constatar se Ava era realmente Ava, criatura terrena e não sòmente àquela encantadora artista que haviam aprendido a amar durante anos de um reinado cinematográfico dos mais brilhantes. Ava não gostou da atitude de certos «cavalheiros», que misturados à massa incontida de admiradores da artista, foram afoitos e empregaram cinicamente o recurso (ilícito) da «mão bôba». Chegando ao hotel, descalça (não fôsse ela «A Condêssa descalça»), cansada da fuga empreendida no Galeão, da viagem, das perguntas indiscretas e idiotas, dos «flashs», Ava explodiu sincera: «São uns selvagens! Vamos embora no primeiro avião!» A explosão era muito natural a esta altura dos acontecimentos e não teria maiores conseqüências se alta noite a «estrêla» não pedisse uísque puro, esvaziasse uma garrafa e cometesse um pequeno acesso que resultou em copos quebrados e móveis partidos. A direção do hotel, dizem, solicitou à «estrêla» que deixasse o seu apartamento e fôsse para outra parte. Ava desmente a versão, declarando que ela própria manifestou desejos de hospedar-se em Copacabana, pois tanto ouvira falar da praia maravilhosa que não resistia ao desejo de acordar pela manhã inudada de sol bem próxima dela. Invadiu-a nesta hora uma nostalgia compreensível e ela se foi com o secretário e bagagem para lá, cancelando-se o coquitel programado e tão ansiosamente aguardado pelos cronistas, jornalistas e eternos «penetras» em festas do gênero.

Depois houve entrevista coletiva (!), muitas fotos, sorrisos de Ava para todos e esbanjamento de simpatia. A «Condêssa» estava mais calma e provando que não guardara ressentimentos, segredou ao nosso colega Ramalho Neto: «Creio que aquela gente (no aeroporto) não pertence ao grupo de meus fãs». Referia-se aos «selvagens» da véspera...



SEREIAS DO CINEMA — Mala Powers que Ida Lupino descobriu e lançou em «O Mundo Não Perdoa», num papel de ingênua, aderiu francamente ao «sex-appeal» e ei-la na foto exibindo a plástica...

FALA-SE EM HOLLYWOOD...

● **Tab Hunter** está muito feliz da vida com o papel que ganhou no novo filme de William Wellman, «Track of the Cat», cujo astro principal é Robert Mitchum. Tab termina o filme como herói e as pequenas vão gostar de sua atuação...

● **Grace Kelly** continua na ordem do dia em Hollywood. Após ser apontada como o grande amor de Ray Milland, (causando um sério conflito sentimental entre o querido astro e a espôsa dêste que, felizmente não deu em nada mais grave) vem sendo o par constante de Bing Crosby, tudo indicando que será a nova espôsa do famoso «crooner» da Paramount. Os filhos de Bing simpatizaram muito com Grace e isso é o primeiro passo para o casamento...

● **Jane Russell** foi escolhida para «estrêla» do filme que é uma resposta a «Gentlemen Prefer Blondes» ou seja «Gentlemen Marry Brunettes». Trata-se do primeiro filme de Jane como produtora independente.

● **Piper Laurie** vem-se recuperando aos poucos do golpe sofrido com o falecimento inesperado de seu grande amigo e protetor, o produtor da Universal, Leonard Goldstein. Piper era uma pequena alegre e todos acham em Hollywood que tão cedo ela não voltará a sorrir.

● **Uma dupla** que os fãs vão apreciar está formada por John Derek e Debra Paget no filme da Allied Artists, «The Annapolis Story», enrêdo que focaliza a famosa academia naval.

CORREIO DA EUROPA

O NOVO FILME DE LÚCIA BOSÉ — A excepcional «estrêla» do cinema italiano, Lúcia Bosé, felizmente recuperou-se fisicamente e voltou aos estúdios de Roma para mais uma película. Sob as ordens de Mário Bonnard, Lúcia (a encantadora), está filmando «Tradita» que nos conta uma história de amor durante a primeira guerra mundial. Brigitte Bardot e Pierre Cressoy são os dois outros atores importantes que atuam no filme ao lado de La Bosé, o maior valor feminino do moderno cinema da Itália.

SILVANA, AINDA MAIS SENSUAL — As pessoas que assistiram a algumas cenas de «Mambo», o novo filme de Silvana Mangano, são unânimes em apontá-la como a «estrêla» mais sensual do cinema italiano, justificando suas palavras com a excepcional atuação da artista na referida película, na qual ela interpreta uma famosa dançarina que a todos conquista com seus olhares de fogo e seu corpo maravilhoso. Tal como em «Arroz Amargo», Silvana volta a ser a mesma artista de máxima sensualidade. E isso é bom!

OUTRO FILME DE EPISÓDIOS — Estão concluindo na França outro filme de episódios que parece ser bem interessante. Intitula-se «Secrets d'Alcove» e narra as seguintes histórias: «Le Billet de Longement» (Jeanne Moreau e Richard Todd), dirigindo Henri Decoin; «Riviera-Express» (Françoise Arnoul), dirigindo Ralph Habib; «Le Lit de La Pompadour» (Martine Carol), dirigindo Jean Delannoy; «Le Divorce» (Vittorio De Sica e Dawn Adams), dirigindo Gianni Franciolini. O filme que é considerado uma super-produção, merecerá um lançamento de gala em Paris.

CINEMA BRASILEIRO

Luiz de Barros promete para outubro realizar «O Casca Grossa», sua nova comédia escrita para Manuel Vieira. Lulu foi contratado pela Flama e fará dois filmes nos estúdios das Laranjeiras.

★

Vera Nunes foi convidada a participar do novo filme nacional a ser rodado em São Paulo, «As duas Rivais».

★

Lima Barreto ficou muito satisfeito com o resultado (por êle esperado) de «O Cangaceiro» em New York. Quem poderá dizer que êle não tem razões de sobra para ser cabotino?

★

A Atlântida tem como certa logo após a realização da comédia de Oscarito, «Matar ou Correr», do argumento «Homens de Lama», no qual voltará a participar Jorge Dória.

★

Está se tornando mania de certos cronistas do cinema brasileiro criar inimizades com «estrelinhas» que não aceitam senão entrevistas. Essa turma arranja sempre um pretexto para envolver as pequenas no «disse-me-disse» de suas colunas. No fim das contas, tudo é cartaz...

★

De São Paulo virá breve para as telas cariocas o filme brasileiro «A Queridinha do Meu Bairo», que lançará outra pequena artista.

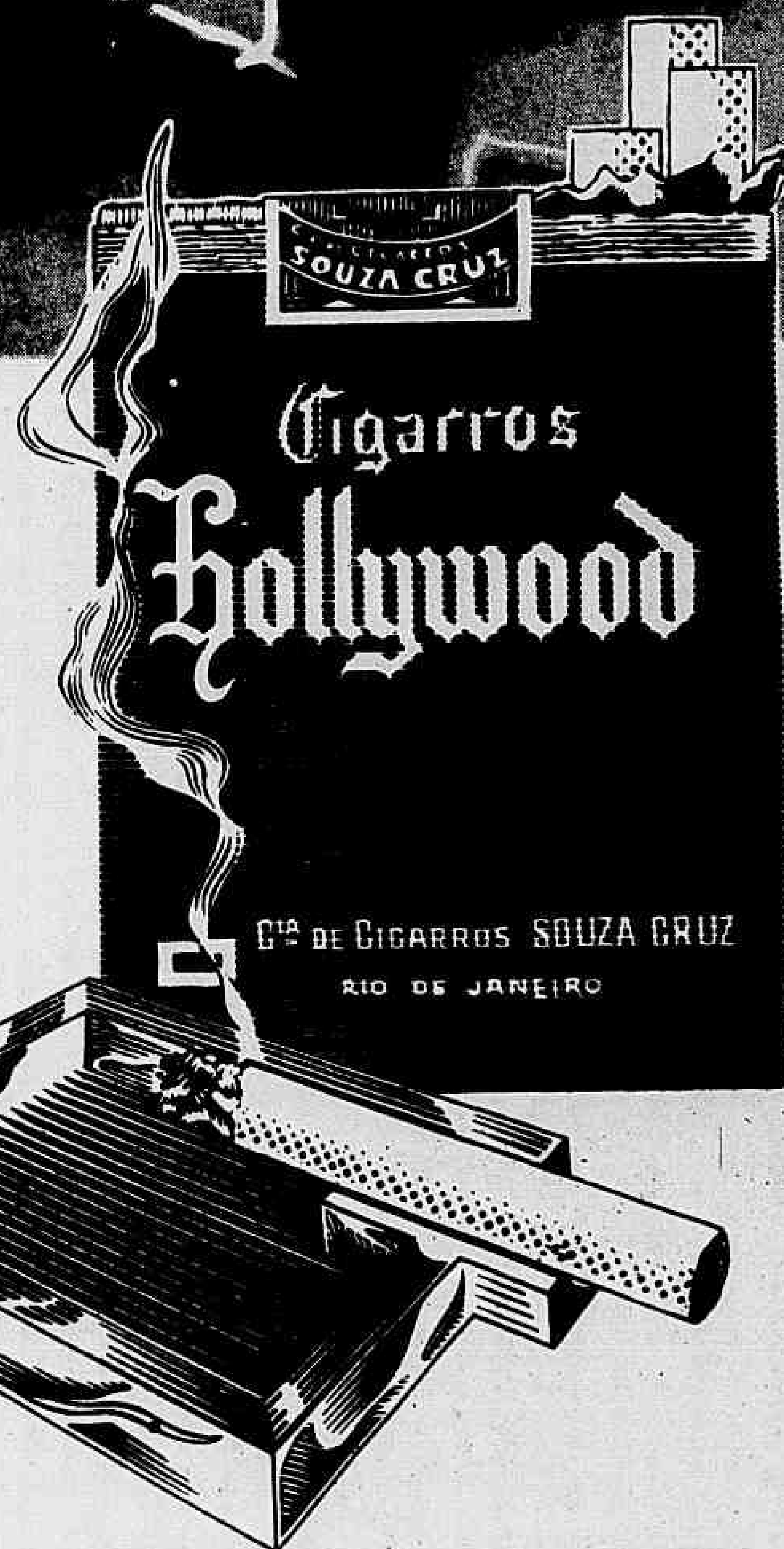


MIRIAM NAO QUER SER INGÊNUA — A moreninha Miriam Moema que estreou no cinema brasileiro no papel de ingênua em «A Carne é o Diabo», não gosta do gênero e está a espera de um papel mais forte...



CHA PARA DOIS — Sempre bem humorado e brincalhão, Danny Kay «rouba» um pouco do chá que Grace Kelly saboreava no set de «Rear Window», a nova produção de Hitchcock. Assim o chá ficou mais gostoso...





Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.289

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 25 DE SETEMBRO E 1 DE OUTUBRO DE 1954

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9—20/) — O leitor estará muito sujeito a erros, a enganos prejudiciais no curso da semana. Dê a maior atenção a tudo o que fizer, seja metódico e controlado tanto quanto possível, no seu caso. Evitará assim, grandes dissabores.

★ TOURO (21/10—20/11) — A nova semana o inclinará poderosamente para os negócios. Desenvolva os que estiverem em andamento e não tenha receio de dar início a outros, especialmente aos de maior volume e importância.

★ GÊMEOS (21/11—22/12) — Sua posição será desfavorável em dois setores importantes das suas atividades, na semana entrante: Vida social e vida sentimental. Há perigo de relações duvidosas e até comprometedoras e de rompimento formal.

★ CANCER (23/12—20/1) — Os casos mais importantes de seu interêsse poderão ter a solução desejada, no curso da semana em causa. Não cruze os braços, porém. Pense no adágio: Faze por ti e o céu te ajudará.

★ LEAO (21/1—20/2) — O leitor estará numa ótima posição para tomar uma decisão já esperada por terceiros. Não adie mais a solução dos problemas amadurecidos. Esta será a sua melhor oportunidade.

★ VIRGEM (21/2—22/3) — A obtenção de empréstimos, aumento de vencimentos, melhoria nas condições do seu trabalho, eis os objetivos possíveis, na vigência da semana, para o leitor. Mobilize os elementos de que dispõe e entre na liça.

★ LIBRA (23/3—20/4) Evite contactos mais constantes e mais íntimos, durante a semana, com os parentes, irmãos, consanguíneos ou assemelhados. Além de sérios prejuízos, estará sujeito a profundos desgostos.

★ ESCORPIAO (21/4—20/5) — Fique na defensiva e nas atividades ordinárias. O momento não comporta iniciativas importantes nem inovações nas atividades profissionais. Deixe passar a onda tão desfavorável aos seus justos anseios e pretenções.

★ SAGITARIO (21/5—23/6) — Seja muito discreto nas relações e até mesmo no ambiente familiar. Sua vida doméstica poderá agitar-se, de um momento para outro, por uma simples palavra sua, dita sem propósito, mas sem contrôle.

★ CAPRICÓRNIO (24/6—22/7) — Não se modificará muito o ambiente astral, na próxima semana. O leitor continuará beneficiado nas suas relações sociais e sentimentais, nos negócios e nos empreendimentos, na vida doméstica e até mesmo no que diz respeito à saúde.

★ AQUARIO (23/7—21/8) — O leitor ver-se-á forçado a despezas elevadas e de todo imprevistas. Encontrará recursos, porém, para tanto. Poderá apelar para as relações de que dispõe, certo de ser atendido.

★ PEIXES (22/8—20/9) — O regime da cooperação será muito propício à realização dos seus propósitos. Não se feche egoìsticamente, pois nada conseguirá só. Associe-se, dê participação nos lucros e no negócio vantajoso que encontrar. Agindo assim, ganhará muito mais.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro,	25	—	Aurélio	—	Jandira
"	26	—	Sérvulo	—	Ema
"	27	—	Floro	—	Eulália
"	28	—	Venâncio	—	Arléia
"	29	—	Vitrúvio	—	Zélia
"	30	—	Solidônio	—	Vanda
Outubro,	1	—	Caldomiro	—	Marisa

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Setembro,	25	—	1º - 52' - 51"	(Signo da Libra)
"	26	—	2º - 51' - 42"	(" " ")
"	27	—	3º - 50' - 35"	(" " ")
"	28	—	4º - 49' - 30"	(" " ")
"	29	—	5º - 48' - 27"	(" " ")
"	30	—	6º - 47' - 26"	(" " ")
Outubro,	1	—	7º - 46' - 26"	(" " ")

Conjuntura & Cifrão

FLÁVIO MARANHÃO



ÁTILA CARVALHAES PINHEIRO — Diretor Industrial da Emprêsa de Águas de São Lourenço S.A.; diretor-presidente da Cia Industrial de Vidros; membro do Conselho Fiscal do Banco Sotto Maior além de acionista de várias outras emprêsas.

Muito jovem ainda assumiu o comando da Emprêsa de Águas de São Lourenço, conseguindo elevar o seu empreendimento até colocá-lo na liderança absoluta da industrialização das águas naturais no país. Equipou São Lourenço com moderníssimas máquinas para engarrafamento e é um dos grandes benfeitores do município mineiro.

E' rotariano e atualmente estagiário da Escola Superior de Guerra como representante da Confederação Nacional da Indústria.

E' figura das mais conceituadas no seio da colônia lusa por fôrça dos seus contatos com os principais depositários de bebidas da Capital da República. Mesmo ocupado com os trabalhos diários da Escola Superior de Guerra dirige pessoalmente todos os negócios e semanalmente visita o Parque das Águas São Lourenço.

Há pouco tempo foi escolhido por unanimidade para presidente da Associação Atlética Portuguêsa, clube pertencente à 1º Divisão de Futebol do Rio de Janeiro. Logo após assumir a presidência tratou dos problemas magnos do clube que são a construção da praça de esportes e aquisição da sede própria. E' membro da Associação Comercial do Rio de Janeiro e presidente da Associação Comercial de São Lourenço.

Como característica pessoal é do tipo conservador, embora aceite e estimule as iniciativas no ramo da publicidade, achando mesmo indispensável para qualquer ramo do comércio e da indústria, a atuação dos modernos princípios de propaganda. Idealizou e realizou um bem cuidado órgão de divulgação das águas de São Lourenço que é gratuitamente distribuído por milhares de pessoas em todo o território Nacional.

Visitou as principais estações balneárias do Velho Mundo e equipou o Parque das Águas São Lourenço com um moderníssimo balneário. E' casado e seu principal «hobby» é o «golf». Sempre que consegue algum tempo disponível vai ao Gávea Golf. E' sócio do Jóquei Clube e freqüenta a sua sede com regularidade.

● BANCO BRASILEIRO DE DESCONTOS S.A.

Um dos mais sólidos bancos do país é, indiscutìvelmente, o Banco Brasileiro de Descontos S.A., com sede em São Paulo.

Tanto em relação às cifras dos depósitos quanto ao movimento de empréstimos (principalmente aos cafeicultores) talvez não exista em todo o Brasil outro estabelecimento que atinja os totais do Banco Brasileiro de Descontos.

Uma das características principais de sua atual administração é a aplicação das disponibilidades com o maior número possível de clientes, em pequenas parcelas e prazos comerciais, sempre dando preferência aos produtos agrícolas e, especialmente, ao café.

Dentro dessa política vem se mantendo o BBD, ao invés de tantos outros que se lançam no terreno imobiliário, procurando especular com os lucros fáceis que sempre trazem transações dessa espécie mas, que tanto prejudicam a produtividade do pequeno agricultor, do plantador, do homem do campo que jamais consegue favores ou ajudas por intermédio das instituições oficiais criadas para favorecê-los...

Hoje o BBD é superentendido por Amador Aguiar que, por sua própria condição de plantador melhor conhece as verdadeiras finalidades do seu banco, colocando-o com honestidade a serviço da agricultura e da pecuária nacional.

Por outro lado o BBD não descuidou da assistência social aos seus funcionários e, fêz construir a magnífica «Cidade de Deus», núcleo residencial dos mais modernos e confortáveis. No 2º semestre de 1953 os empréstimos em contas correntes do BBD atingiram a soma de Cr$ 675.634.247,80.

● AINDA SÔBRE BANCOS

Nos bastidores do mundo econômico aceita-se como dos melhores bancos do Distrito Federal, o Banco Português e o Banco Boa Vista. Parece que a aplicação das disponibilidades em transações imobiliárias, tais como incorporações, loteamentos, etc., embora sendo medida altamente lucrativa, não é bem aceita pelos mais tradicionais bancos do país.



A INFÂNCIA (II)

Desenho de MARIA TERESA

GENI MARCONDES

SOUBE que o pai chegaria no dia seguinte. Ao primeiro momento de alvoroçada espectativa sucedeu a angústia de perder o lugar no quarto materno, de não poder mais deitar-se numa cama ao lado da sua, saber-se contemplado enquanto dormia, agasalhado nas madrugadas friorentas. Depois de partilhar, durante quatro meses, da morna intimidade noturna com aquela mulher que era dêle, tinha de ceder o leito, que também já considerava seu, para o «outro», o intruso. Não! Não podia ser. Certamente eram intrigas da babá. E nos seus cinco anos vicheios de fé nos direitos adquiridos, externou, com segurança, o seu vigoroso ponto de vista: «Quando papai chegar êle vai dormir no meu quarto, na minha caminha, porque êste lugar agora é meu!» Mas, oh decepção! Eis que sua adorada amiga coloca-se contra êle e a favor do indesejável. É como se o mundo desabasse. Êle se sente fora da lei da gravitação e tôda a sua atitude evidencia o esfôrço que envida na conservação do equilíbrio periclitante. Olhos esbugalhados, respiração opressa, ouve a doce voz que tanto o alegra como o martiriza: «Meu filho, você está ficando um homenzinho, os homens devem acostumar-se a dormir sós. (Mentira! Pois o outro não vai dormir com ela?) A mãe sente o protesto no corpo hirto que lhe resiste ao abraço. Sente-o nas comissuras rígidas da bôca pequenina, no pestanejar duro dos olhos negros, afiados como verrumas. É um homem. Um homem ferido com a escamoteação que lhe fazem da verdade. É preciso ajudá-lo a compreender. «Filho, só as pessoas casadas dormem juntas. Teu pai dorme comigo porque somos casados».

Agora a revolta explode. Desarmando, roubado, é com voz estrangulada que defende seus direitos: «Mas eu é que sou casado com você!» Ela não sabe se ria ou chore. E tenta explicar que crianças não se casam. É preciso crescer primeiro. No meio daquelas descobertas desconcertantes que o sufocam, perdido naquele mar de emoções estranhas, o pequeno vislumbra uma esperança e a ela se agarra, aflito: «Então, quando crescer, vou casar com você. «O coração da mãe divide-se ao meio, em sentimentos contraditórios de satisfação, por sentir-se assim querida, e angústia, por não saber o que fazer de tanto amor. Não deve ferí-lo, é a sua maior preocupação. Como poderá fazê-lo compreender que se lhe é permitido dar-lhe tudo, até a própria vida, não lhe será possível satisfazer a aflita pretensão? É difícil falar. Urge responder-lhe e o tempo passa. Os olhos-verrumas ferem a carne. Procura tergiversar: «Quando você crescer, meu filho, eu já estarei velhinha. assim...» (E, dorso encurvado, mãos trementes, ensaia uma pantomima tragi-cômica) «E você, então, será moço e forte. Desejará casar-se com uma mulher jovem e bela como você». Alguém chega. A situação está salva. Terá êle aceito a explicação? Sofre calado a mudança para o antigo quarto e recebe o pai com naturalidade, sem sombras de revolta.

À noite, porém, ei-lo que acorda gritando, vítima de um pesadêlo horroroso: a mãe estava velhinha como a vovó, enrugadinha, cabelos brancos, desdentada... «Mãezinha, mãezinha, eu não quero que você fique velha!» E, em soluços explode a sua angústia, contra o irremediável da desintegração orgânica.

A mãe vacila mas uma vez, ela também tomada de horror pelo fim inevitável das coisas temporais. E a fantasia que ensaia serve também a ela. É o jôgo da eternidade que se oferece a todos os momentos, na ânsia de adiar o tempo e o fim: «Filho, eu resolvi não ficar velha. Vou tomar um remédio, todos os dias, para ficar sempre moça...»

Ah! O brilho úmido dos olhos negros espalha a satisfação da eternidade conseguida por um passe de magia. A afirmação do pensamento onipotente arredonda as faces, e o pequeno ser é todo fôrça e plenitude. Após tantos acontecimentos, emocionantes e brutais como tempestades de verão, ei-lo que volta à doçura rotineira dos brinquedos, à suave ciranda de seus dias infantis. Ao passeio na praça, onde as amendoeiras já avermelham e o vento revoluteia as fôlhas num rondó afogueado e ruidoso. Às atividades normais da escolinha, aos alinhavos nos cartões aos contos-de-fadas, à hora do repouso... O telefonema costumeiro da mamãe dizendo que já vai indo para casa... A voz cantante: «É você, filhote?» E, tôdas as tardes, aquela vontade dolorida de vê-la no mesmo momento. Uma urgência que lhe faz encherem-se os olhos de lágrimas e suplicar: «Vem já...»

Um dia, porém, ei-los que estão sós à mesa do café. Qualquer coisa na maneira desleixada com que ela veste o roupão o preocupa. Os seios parecem flácidos e, durante a refeição, com os olhinhos espertos, êle continua a estudá-la, atentamente. A pele está lívida e sem brilho. Grandes círculos escuros rodeiam os olhos, cansados de insônia, e vincos profundos descem do nariz ao queixo, repuxando as bochechas que pendem, desoladas. Duas rugas pesadas dividem a testa e lhe dão um ar de tormenta. Imersa em suas preocupações, ela se entrega inerme ao exame minucioso da criança. Estremece ao ouvir a vòzinha clara e incisiva: «Mãezinha, você está se esquecendo de tomar o remédio?»

Apanhada de surprêsa, completamente alheia à realidade dêle, indaga:

— Que?

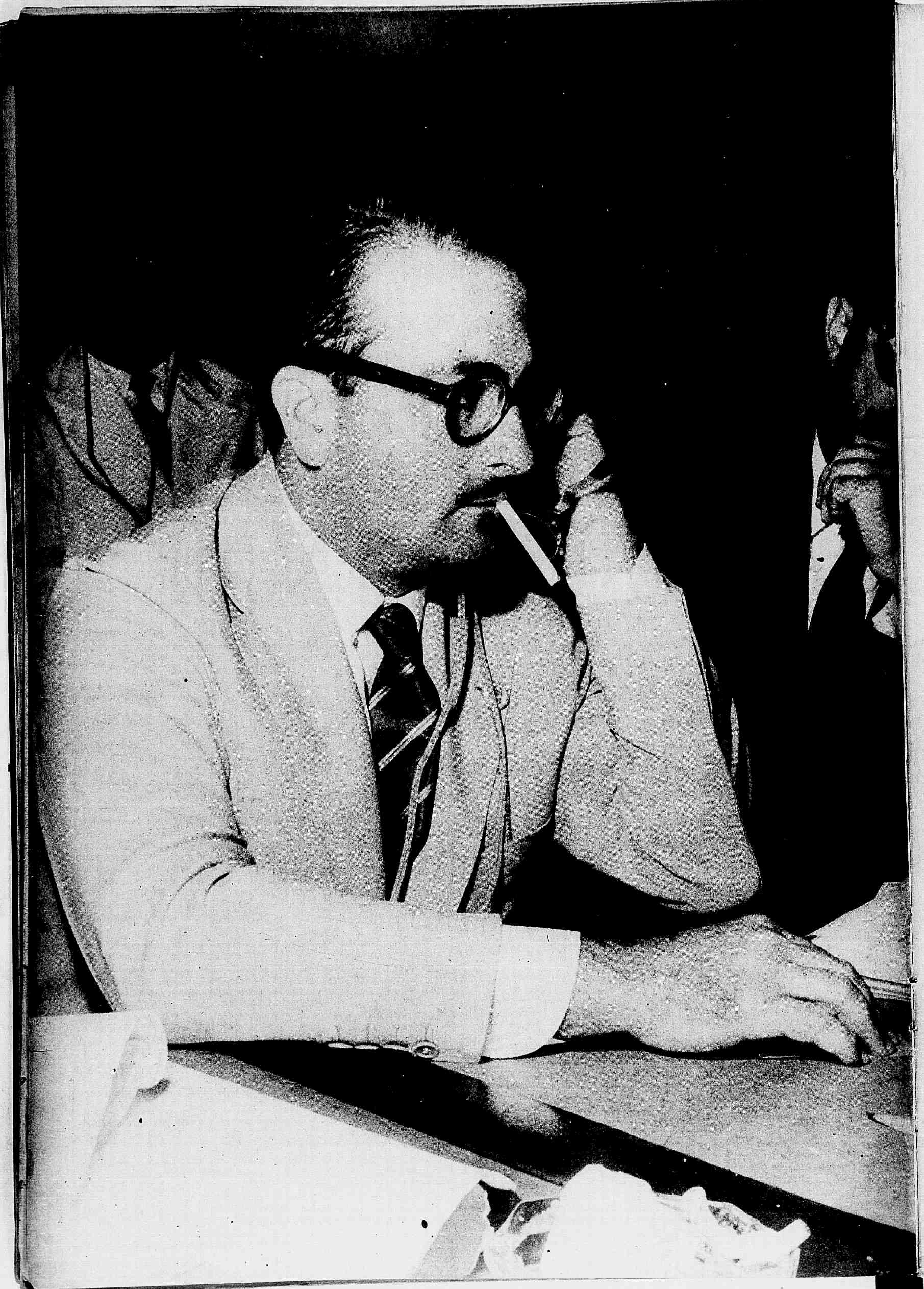
— O remèdinho, mãezinha. Você não tem tomado o remèdinho, hem?

— O remèdinho?!

— Sim. Olhe... — e, dedinho em riste, adoça a voz e procura, cuidadoso, amenizar as palavras, não vá ferí-la, coitada... — «Olhe! eu acho que você está ficando um bocadinho velhinha...»

Ela corou, envergonhada, apanhada em flagrante na mocidade que fugia. Olhou-se ao espelho, severa, e uma súbita combatividade galvanizou-a tôda. Enquanto se banhava fêz planos de defesa e decidiu pintar os cabelos.

E uma hora depois, embaixo do secador, num morno relaxamento, considerou melancólica, que uma nova etapa principiava para ela.



HUMBERTO BASTOS, A CONJUNTURA E O TRIVIAL

O MAIS JOVEM CONSELHEIRO DA REPÚBLICA FALA DE ECONOMIA, DA CIÊNCIA DE CULTIVAR OS AMIGOS, DE ESCRITORES E ESCRITORAS, DE PINTURA E DE MUITAS OUTRAS COISAS MIÚDAS

Reportagem de FERNANDO SERPE

Ping — Você é economista mesmo?

Pong — Penso que sou.

Ping — Por quê?

Pong — Vocação.

Ping — Pode dar uma prova?

Pong — Escrevi meu primeiro livro com 22 anos.

Ping — Continua estudando?

Pong — E' só o que faço.

Ping — Tem outra distração?

Pong — Outras: tomar uísque, conversar com os amigos, colecionar selos.

Ping — Quais suas palestras prediletas?

Pong — Joel Silveira, Milor Fernandes, Luís Coelho, Edgar Barroso, João Fonseca, Adolfo Block, Paulo Andrade Lima, Fernando Ferreira, Luís Toledo Piza Sobrinho... São os que lembro agora.

Ping — Gosta de conversar com políticos? Quais?

Pong — O melhor é Marcondes Filho. Há outros muito bons: Afonso Arinos de Melo Franco, Artur Bernardes Filho, Vitorino Freire, Ademar de Barros, Drault Ernany, Juraci Magalhães, Osvaldo Cordeiro de Farias...

Ping — Você tem algum «hobby»?

Pong — Colecionar quadros.

Ping — Tem muitos?

Pong — Uns 50.

Ping — Os preferidos?

Pong — Da minha coleção: Rivera, Di Cavalcanti, Inimá, Michel Marie Paulain, Maria Luísa de Pacheco, Lula Cardoso Aires, Augusto Rodrigues, Graciano, Darel, Heitor dos Prazeres.

Ping — Que tal a política-partidária?

Pong — Bom exercício para fazer inimigos.

Ping — Pertence a algum partido?

Pong — Ainda não.

Ping — Gostaria de ser deputado?

Pong — Se me elegessem.

Ping — Pra quê?

Pong — Para ser assessor da Comissão de Economia.

Ping — Gosta do atual govêrno?

Pong — Govêrno só é bom quando realiza alguma coisa.

Ping — Admirava Getúlio Vargas?

Pong — Êle prejudicou muito a minha geração, mas estava começando a admirá-lo.

Ping — E Café Filho?

Pong — E' a vitória da decência e da perseverança. E' o nosso Nilo Peçanha.

Ping — Gosta das mulheres?

Pong — Aprendo muito com elas. O nível cultural feminino é mais alto do que o masculino.

Ping — E das mulheres que escrevem?

Pong — Leio sempre com interêsse Rachel de Queiroz, Lúcia Miguel Pereira, Elsie Lessa e Adalgisa Nery.

● Humberto Bastos sempre foi jornalista, sempre viveu do seu trabalho intelectual. Cronista mundano, crítico literário («Gazeta de Alagoas», «D. Casmurro», «Boletim de Ariel», «O Jornal») e depois fixou-se nos assuntos econômicos. Redator-chefe do «Observador Econômico e Financeiro» e fundador da «Revista do Comércio», da qual foi diretor, com Joel Silveira, Dante Costa, Rubem Braga, Jaime Duarte e outros. Como economista, escreveu já 12 livros e como jornalista especializado mais de mil artigos. Hoje é redator econômico de «Manchete» e colaborador da REVISTA DA SEMANA. Nunca ocupou nenhum cargo público e o primeiro lhe foi oferecido pelo Presidente Eurico Dutra, que o indicou para o Conselho Nacional de Economia, órgão que ajudou muito a ser regulamentado, através de uma persistente campanha jornalística. Também nunca se deixou arrastar pela sedução da política partidária e ainda recentemente foi convidado para candidato a deputado pelo PSP e recusou o convite sob a alegação de que não tinha tempo, nem dinheiro, nem jeito para se eleger. Humberto Bastos tem representado o Brasil em várias conferências econômicas internacionais e participado de congressos nacionais. Recentemente foi delegado à X Conferência Interamericana.

Ping — Tem algum plano de vida?

Pong — Escrever outros livros de economia.

Ping — Quantos já escreveu?

Pong — 12.

Ping — Gosta dêles?

Pong — Só gosto de um.

Ping — Qual?

Pong — «A Economia Brasileira e o Mundo Moderno».

Ping — Com que idade começou a escrever?

Pong — 15 anos.

Ping — O quê?

Pong — Crônica mundana com o pseudônimo de «Hubert» (cretino, não?) num jornal de Maceió que era adepto da Revolução de 30.

Ping — Pretende ser mais alguma coisa na vida?

Pong — Um bom amigo.

Ping — Foi ruim alguma vez?

Pong — Quando deixei de ser bom.

Ping — Que acha das novas gerações de intelectuais?

Pong — Exageradamente líricas e mais ou menos azotéricas, com poucas exceções pessoais.

Ping — Gostaria de terminar esta conversa?

Pong — Está em tempo, não é?

Ping — Então, adeus.

Pong — Adeus.



Humberto Bastos, num debate no Forum Econômico com o sr. Brasílio Machado Neto, presidente da Confederação Nacional do Comércio.

A ESTRÉIA DE "ESTA VIDA É UM CARNAVAL"

PAULO SOLEDADE

Carlos Machado deu a partida para o Grande Prêmio da Praça Tiradentes. Um bom espetáculo, de bom gôsto e audácia de realização, agrada por ter mais pontos a favor do que contra. Adaptado de um «show» de buate, perdeu completamente a fôrça o «script». Não fôra a grande habilidade de improvisação de Grande Otelo e teríamos perdido 45 minutos do tempo inicial do espetáculo, onde se aproveita apenas o primeiro quadro (com Nilo, ex-Trio de Ouro), devido ao cenário e às cabrochas de Jupira, e um duelo de Otelo com a excelente Déo Maia. Texto mau construído para teatro de revista e sem fôrça. Quadros também sem razão de ser, mal, representados por falta de um ensaiador, as frases são ditas sem pausas, sem intenção, mal articuladas, dificultando que se entenda o que está sendo dito e que aliás não é de grande importância. Com exceção de Iris del Mar, Déo Maia e Grande Otelo que já têm prática do metier os outros passam como Pilatos no credo. Porém depois dêste período, inicia-se o espetáculo pròpriamente dito e o que poderia ter sido feito desde o princípio, começa a funcionar. Belas montagens com cenários de Maria Celina e Armando Iglésias de muito bom gôsto e figurinos de Gisela a altura do seu grande e incontestável talento. Nos quadros da Urca, Versailles, e um cenário de Copacabana a montagem atinge ao máximo sendo de se lamentar não haver em cena vedetes a altura da representação. Marina Marcel pouco explorada, sem se impor como já o havia feito na Praça Tiradentes, tem apenas duas danças curtas, sem grande evidência, absorvida talvez pela grandiosidade da montagem, não é suficiente para movimentar o grande quadro. Bonita também a montagem da Lapa onde Gene de Marco também não chega para o quadro, talvez pela mesma razão. «Exotismo», sem perspectiva de profundidade consegue ainda bom resultado, fazendo falta a terceira bailarina para o solo. Bambi é a maior atração dos últimos tempos no gênero. Verdadeiramente excepcional êste extraordinário bailarino, herdado de Katherine Dunham. Dança do Sabre é uma coreografia tão a feitio do gênero revista que serve de contraste desagradável para tudo que se tem tentado até agora. A batucada de Russo do Pandeiro perdeu alguns bons elementos, mas por se tratar de um número de conjunto ainda resiste bem, tendo uma apresentação original quando surge da platéia. O final com a Escola Império Serrano, as cabrochas de Jupira e todo o elenco, é de muito efeito e boa movimentação o que não se verifica durante o espetáculo. Observa-se na primeira parte da revista (ou melhor, nos primeiros 45 minutos, pois não há intervalo) pouco movimento nos quadros o que mostra haver sido intencional o crescendo para o final, característica de buate que não funciona muito bem em teatro. Aconselharia também ao sr. Carlos Machado retirar a cena ridícula em que Maurício Loyola representa sua pessoa nos tempos da Urca. Quadro sem interêsse, e até certo ponto pouco simpático. A orquestra de Vicente Paiva em determinadas situações tocando muito alto, chegando a ferir os ouvidos dos espectadores. Acompanhamento e regência, bem como orquestrações, muito bons. Iluminação de um modo geral boa, com exceção de Lapa, onde a luz dos bailarinos não deve ser tão crua para não quebrar o ambiente criado pela cenografia.

Depois destas considerações, cumpre salientar que a iniciativa do sr. Carlos Machado merece ser apoiada pelo grande público, pois é um espetáculo de valor, de muito bom gôsto e se poderia ser melhor, não deixou no entanto de corresponder a expectativa em tôrno do grande produtor. Parabéns pois também a Gisela Machado que mais uma vez confirmou seu extraordinário talento, Maria Celina e Armando Iglésias pelos belos cenários.



DJALMA FERREIRA — O proprietário do «Drink», pensa em abrir uma casa em Paris apresentando apenas músicas brasileiras. Uma idéia que deverá fazer sucesso

DIVERSAS

● INFLAÇÃO DE MULHERES — Sob êste título Luiz Iglesias escreveu e dirigiu o «show» do Night and Day. Como o título sugere, o assunto é desenvolvido na base de exibir quantidade de «girls» e todos sabemos que não é muito fácil organizar um elenco feminino de qualidade. Há pequenas interessantes, não resta dúvida, mas a média é prejudicada por alguns elementos que não chegam a constituir atração. Devo confessar que a mim surpreendeu a construção do espetáculo, pois sabia de Iglesias um homem de revista mas não o julguei em condições de se desincumbir em buate nas condições que o fêz. Assim resta-me analisar porque o espetáculo de Luiz Iglesias sendo bem construído não obtém um êxito total. A parte do elenco feminino nota-se que alguns figurinos são de extremo mau gôsto, e o que é pior, nos primeiros quadros, predispondo assim mal o espetáculo no início. Judy Clair no entanto surpreende com coreografia de Charles (acredito) num baile muito bom; o texto é conduzido por Evilázio Marçal e Manuel Vieira, não se devendo levar muito em conta, pois não estão dentro da atmosfera que o local requer. As músicas e letras escritas especialmente para êste espetáculo funcionam bem devendo-se a Janette Jane bons momentos do espetáculo. Aos poucos o Night and Day vai selecionando seus elementos e formando sua equipe. Espero que para muito breve, quando os figurinos e o elenco feminino estiverem totalmente reparados, espetáculos como êste possam conseguir muito mais do público que já sai satisfeito da buate do Serrador.

● **Janette Jane** é o ponto alto do «show» do Night and Day, juntamente com Judy Clair. Zilco Ribeiro que estava presente à estréia contratou-a imediatamente. Uma aquisição ótima, pois a menina canta, dança e é muito interessante com grandes possibilidades para o futuro.

● **Luiz Iglesias** aproveitou de Consuelo Lendro, talvez pela primeira vez na história da comediante do Follies, a sua bonita plástica, e o público que estava acostumado a vê-la sempre em condições físicas precárias ficou assustado quando viu o que a menina trazia em baixo daquelas roupas de caipira e de velhas mal arrumadas. O texto de Consuelo também é bom e seus quadros bem dizem de seu já conhecido talento.



CONSUELO LEANDRO — Resolveu mostrar os documentos no «show» do Night and Day, «Inflação de Mulheres» que Luiz Iglesias produziu e dirigiu bem



EMILINHA BORBA — Tem-se apresentado em diversos filmes brasileiros. Possui grande público mas ainda não se deixou seduzir pelos elevados salários das buates

● **Como chamar a isto?** Da lista dos escritores que vão colaborar em Rei Momo dormiu lá em casa, que por sinal já mudou para «Quo Vadis Momo» e ainda vai mudar mais duas ou três vêzes como vem acontecendo no Casablanca com todos seus últimos espetáculos, não consta o nome de Fernando Lôbo que foi contratado por aquela emprêsa para o «show» de Carnaval. Então eu me pergunto. Para que teria sido contratado o conhecido produtor? Não estará êle em condições de dar um pouco de seu talento para o próximo espetáculo? e se não está porque então foi contratado? A verdade é que param as críticas assinadas por aquêle cronista, transformaram-se em notícias e não raro em elogios incondicionais. E êsse jôgo vem sendo feito há muito tempo. Mas não creio que Fernando Lôbo continue aceitando essa situação. O que êle quer é ganhar o seu dinheiro produzindo «shows», do que aliás, êle entende e assim devemos breve assistir o resultado dessa tentativa frustrada de por meios escusos colocar a opinião da crítica comprometida com as realizações do produtor da Praia Vermelha.

o consórcio



tem a satisfação de apresentar seu novo avião

Convair 340

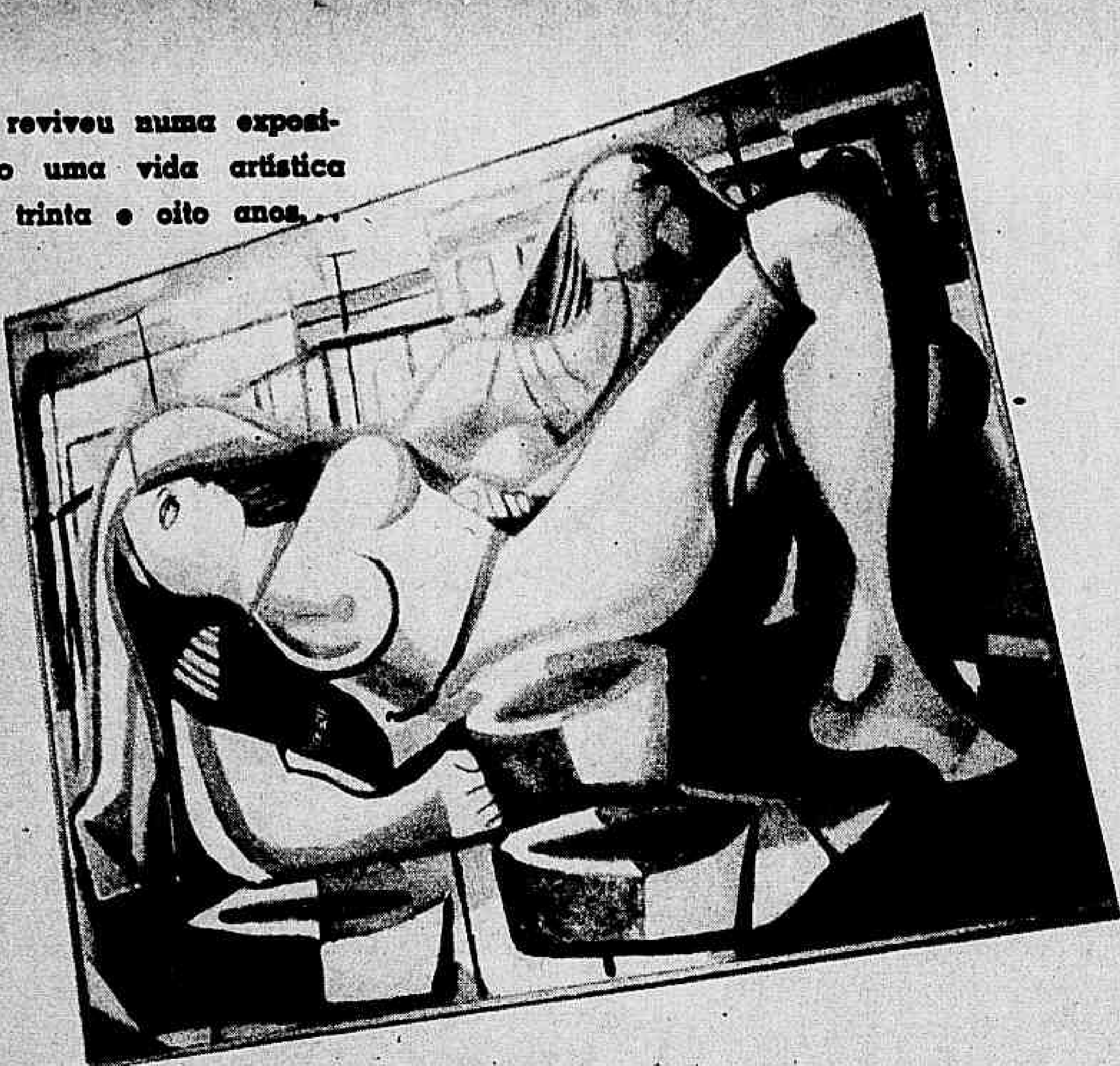
O "Convair-340" é fabricado pela Consolidated Vultee Aircraft Corp., produtora dos famosos B-36 (o maior bombardeiro do mundo), dos Delta F-102, dos T-29, dos R-34, dos Sea Dart XF-21 e outros. Tôda a experiência e a técnica adquiridas na construção dêsses extraordinários aparelhos foram aplicadas no "CONVAIR-340" — que reúne tôdas as qualidades de um avião super moderno, veloz e forte. O "CONVAIR-340" tem sido submetido a tôdas as provas e é considerado universalmente como o mais completo e perfeito bi-motor da atualidade.

O "CONVAIR-340" marca uma nova era no progresso da aviação comercial e é com orgulho que o CONSÓRCIO REAL-AEROVIAS anuncia a sua inclusão em sua frota (atualmente composta de 72 aparelhos DC-3 e DC-4), de 8 aviões "CONVAIR-340", estando dessa forma aparelhado para corresponder a confiança e preferência do povo brasileiro, a cuja colaboração deve seu extraordinário progresso, sem precedentes na história da aviação.

- ★ **44 passageiros**
- ★ **Cabine pressurizada**
- ★ **450 quilômetros por hora**
- ★ **Ar condicionado**
- ★ **Hélices de passo reversível**
- ★ **Rodas duplas no trem de pouso**



Di reviveu numa exposição uma vida artística de trinta e oito anos...









POESIA E CÔR NO MUNDO DE DI



Di Cavalcânti possui amigos: ei-lo recebendo o abraço do Ministro Alecanstro Guimarães.



O sr. Café Filho enviou o seu representante, capitão-aviador Geraldo Queiroz de Almeida.



No meio do povo que enchia o salão do Museu de Arte, destaca-se o poeta Manuel Bandeira.

38 ANOS DE TRABALHO EXPOSTOS NUMA MOSTRA CONSAGRADORA ★ DI, CAMPEÃO DE TODOS OS TEMPOS

● Há trinta e oito anos que Di Cavalcânti trabalho, sob o signo exclusivo da inspiração, conforme êle próprio prefere, procurando transmitir do Brasil aquilo que êle têm de mais específico: as côres. Êste homem revolucionário, que foi um dos chefes de 22, escolheu para seu tema predileto um assunto eminentemente nacional: a mulata. Com seus cabelos brancos e sua irradiante simpatia, Di vem conseguindo fixar sua ambição com extraordinária felicidade: é hoje, pode-se dizer, o mais brasileiro de todos os artistas brasileiros. Desde sua pintura inicial, que data de 1921, até os retratos mais recentes, nota-se nêle a constância de sua inspiração lírica, a ternura dos seus motivos e o amor quase sensual pela paleta que usa. Gente de tôdas as classes compareceu para aplaudir Di — e nesta mostra retrospectiva, que é um atestado de valor e de bom gôsto, temos um dos instantes mais felizes e mais luminosos ôda história de nossas artes plásticas.

CAVALCÂNTI

O mundo oficial compareceu e prestigiou a exposição de Di. O Ministro Alencastro Guimaraes, por exemplo, que é um velho aficionado das artes, foi abraçar o pintor, comovido.



Evidentemente não se parecem, mas no olhar da jovem há certa surprêsa, como uma constatação.



Di Cavalcânti reviveu tôda uma vida com esta exposição. No grupo, onde aparecem pessoas eminentes, figura o vereador Pascoal Carlos Magno. E ao fundo vemos o glorioso pintor

AS DATAS DE CAFÉ FILHO

● O Presidente Café Filho, sendo um homem simples e genuinamente do povo, não é porém um homem sem incidentes em sua carreira. Exatamente porque é a carreira de um homem do povo, está ela pontilhada de altos e baixos, de avanços e recuos, que a dignificam grandemente, pois atestam a trajetória de um homem que se fêz pelo seu próprio esfôrço e não a mercê dos acontecimentos. Agora que o sr. Café Filho ocupa indubitàvelmente o mais alto pôsto de sua carreira, será interessante anotar as principais fases de sua luta. É o que tentaremos, marcando pelos anos os seus tentos de evolução, para que o público possa acompanhar, com segurança, o caminho dêste que é hoje o Chefe da Nação, desde os trágicos acontecimentos de vinte e quatro de agôsto.

1899 No dia 3 de fevereiro de 1899, nascia no Rio Grande do Norte o menino João Café. Seu pai João Fernandes Campos Café havia sido proprietário de engenho, mas os sobressaltos econômicos haviam-no transformado naquilo que seria definitivamente: um homem pobre. Não sabemos detalhes sôbre a infância do menino João Café, mas imaginamo-lo vivo e sagaz, nas ruas semi-coloniais de Natal, como qualquer menino do seu tempo, do seu país, da sua gente.

1922 Êste ano marca o aparecimento do moço João Café na política. Vê-se assim que desde cedo a inquietação o anima. É que espécie de inquietação: João Café é um autêntico revolucionário. Êle surge pela primeira vez dirigindo a recepção a Nilo Peçanha, candidato de oposição a Bernardes.



Café Filho chega à Câmara para prestar o compromisso de posse. Minutos depois emocionava-se visivelmente.

Como todo bom moço que preza o calor de seu sangue, é nas fileiras da reação ao poder estabelecido que êle vai encontrar o seu lugar.

1923 Reúne seu eleitorado, na maioria operários e gente simples, marchando para as urnas. É eleito vereador por Natal. Mas o govêrno contra o qual combatia, numa ostensiva demonstração do seu poderio, mandou rasgar os livros eleitorais e nomeou outro em seu lugar. A esta altura é que o nosso candidato compreende que terá de seguir rumos mais violentos, se quiser subsistir à fúria prepotente dos dominadores.

1924 Depois de fomentar operários e portuários para greves que afinal rebentariam em graves conseqüências (era a época das greves, fato inédito nos anais do Rio Grande do Norte...) passa a levar uma vida erradia e sem repouso, com a polícia sempre no seu encalço. Mas até 1930, viria finalmente um período de calma: Café contrai matrimônio e passa a estudar direito em Recife. Mas arde-lhe o sangue em ímpetos de revolucionário: Café funda jornais que não se vendem ou que são empastelados.

1930 1930 rompe com Café na Paraíba. Estala a revolução e, encontrando afinal apoio para seus anseios, invade êle o Rio Grande do Norte com uma fôrça composta de... quarenta civis. Mas a lenda em tôrno do seu nome cresceu, e todos supõem que êle avança com três mil homens. Foge o governador. E Café junta-se às fôrças de Juarez Távora.

Nomeado Chefe de Polícia, é também o primeiro político a romper com a Revolução. Desgostoso, retira-se êle do cenário.

1934 Volta a ser chefe de polícia com Bertino Dutra na interventoria do Estado. E dá logo a seguir o passe mágico para o cenário da política federal. É eleito deputado pelo Partido Nacional Socialista.

1937 Vota contra o Estado de Guerra, e a polícia cerca sua residência. Café refugia-se na Embaixada Argentina, procurando deixar o país. Vai para Buenos Aires.

1938 Ano de regresso do sr. Café Filho ao Brasil. Já o Estado Novo se achava estável, e era generoso com os inimigos.

Voltando, Café vai advogar a causa dos humildes no Tribunal do Trabalho. Prospera, torna-se diretor da Lubraza, companhia de transportes.

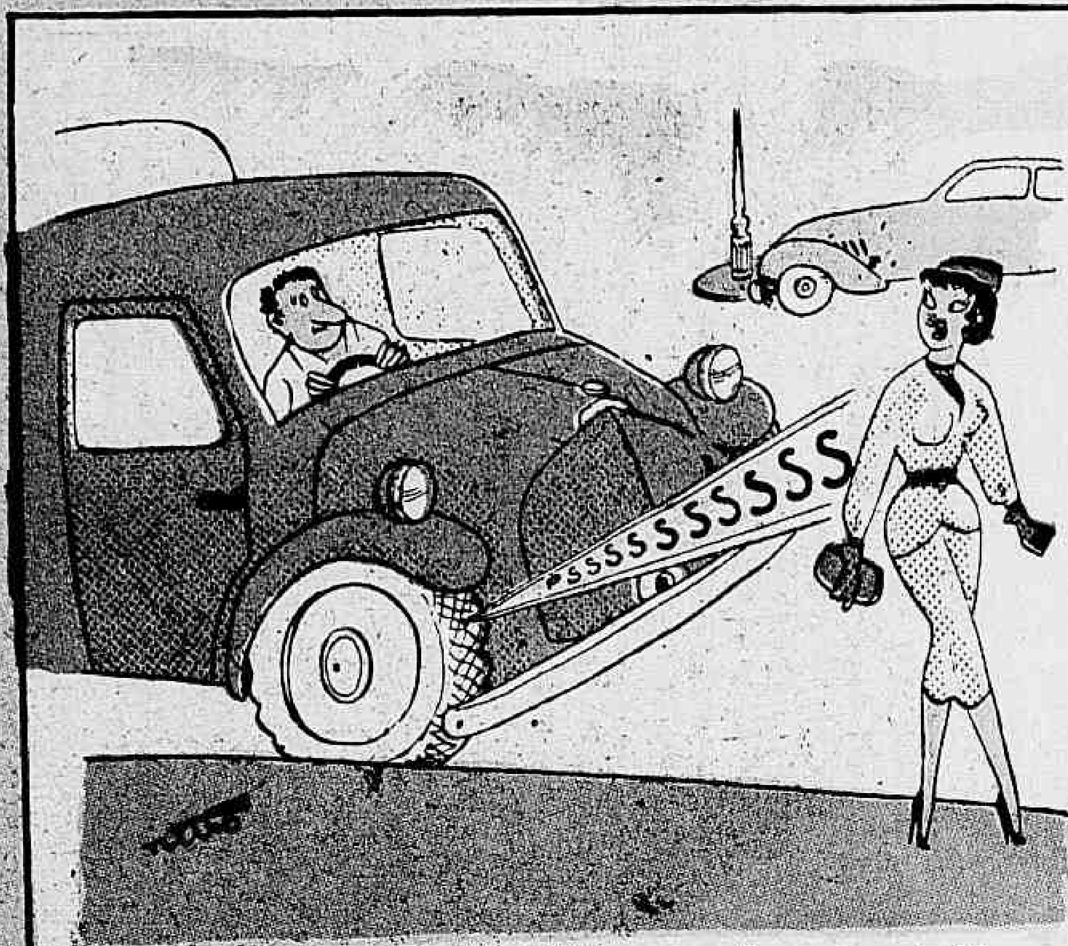
1945 Queda da ditadura. Café Filho regressa ao Rio Grande do Norte, reorganiza seu partido, fundindo-o com a Aliança Democrática. Sai deputado federal. É um dos períodos mais brilhantes de sua vida, só o rompendo para candidatar-se e sair vencedor como Vice-Presidente da República.

1954 No dia 24 de agôsto, pela morte do presidente, Café Filho chega ao poder. Disse dêle um vidente que «assumiria o poder sôbre um acontecimento de morte» Estava realizado o vaticínio. Café Filho desde aí começou a realizar um govêrno que concentra a esperança de todo o Brasil.

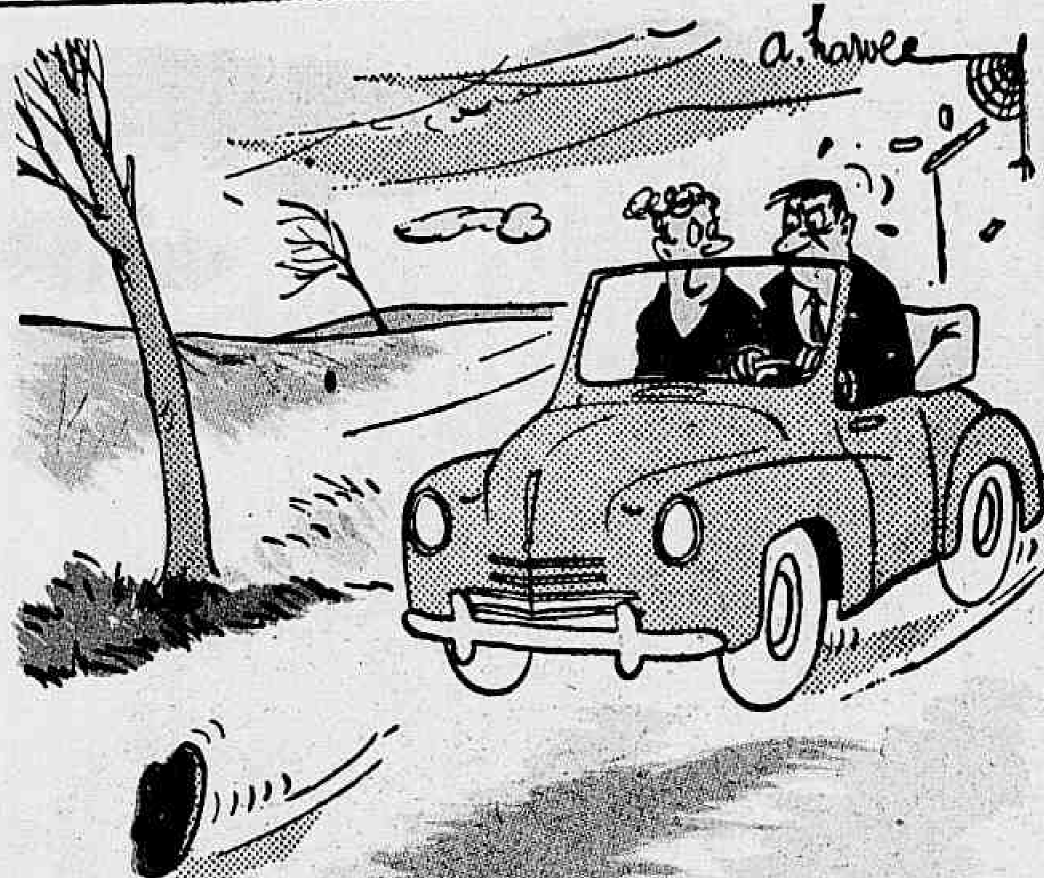


O Novo Presidente da República, ladeado pelos senhores Nereu Ramos e Marcondes Filho, lê o juramento.





— Isto é maneira de dirigir-se a mulheres honestas?!



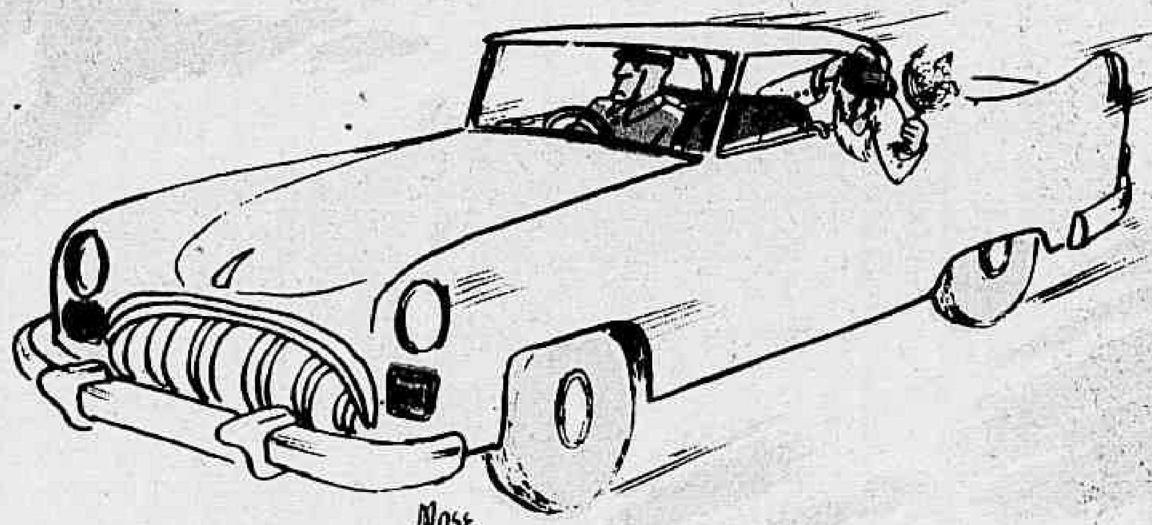
— Você já gastou em gasolina o triplo do valor do chapéu...

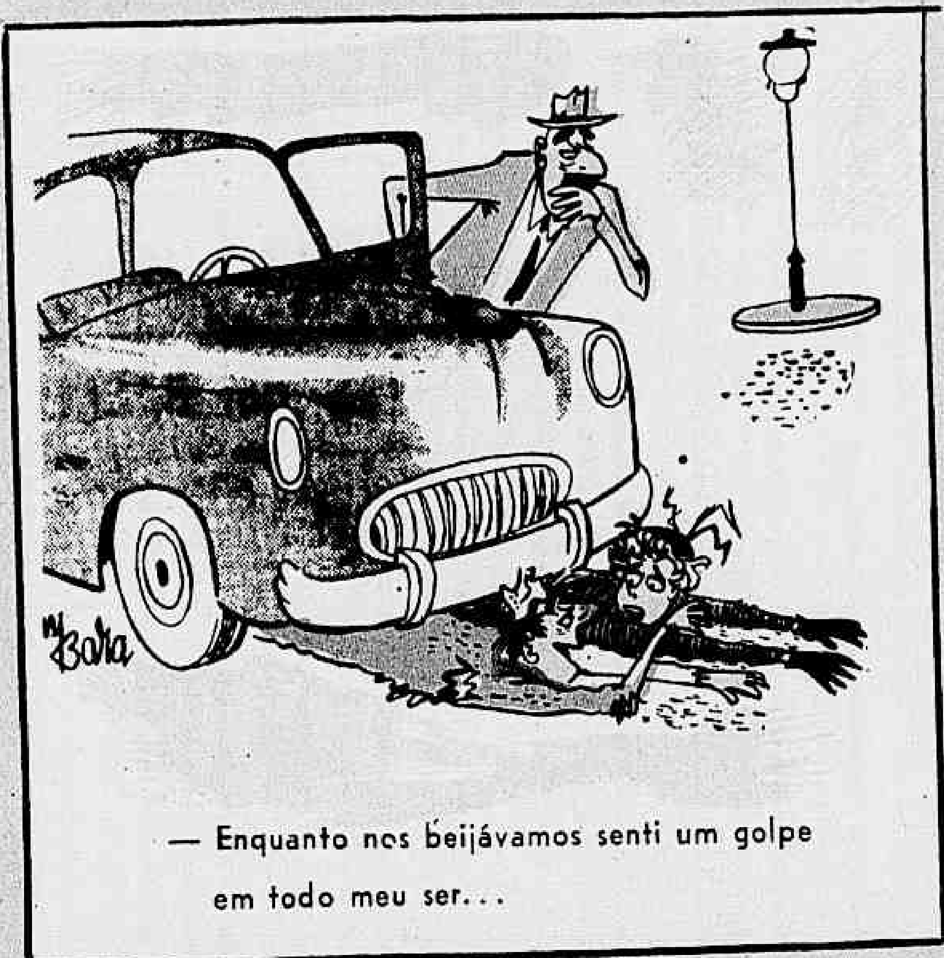
O automóvel no RISO DOS OUTROS



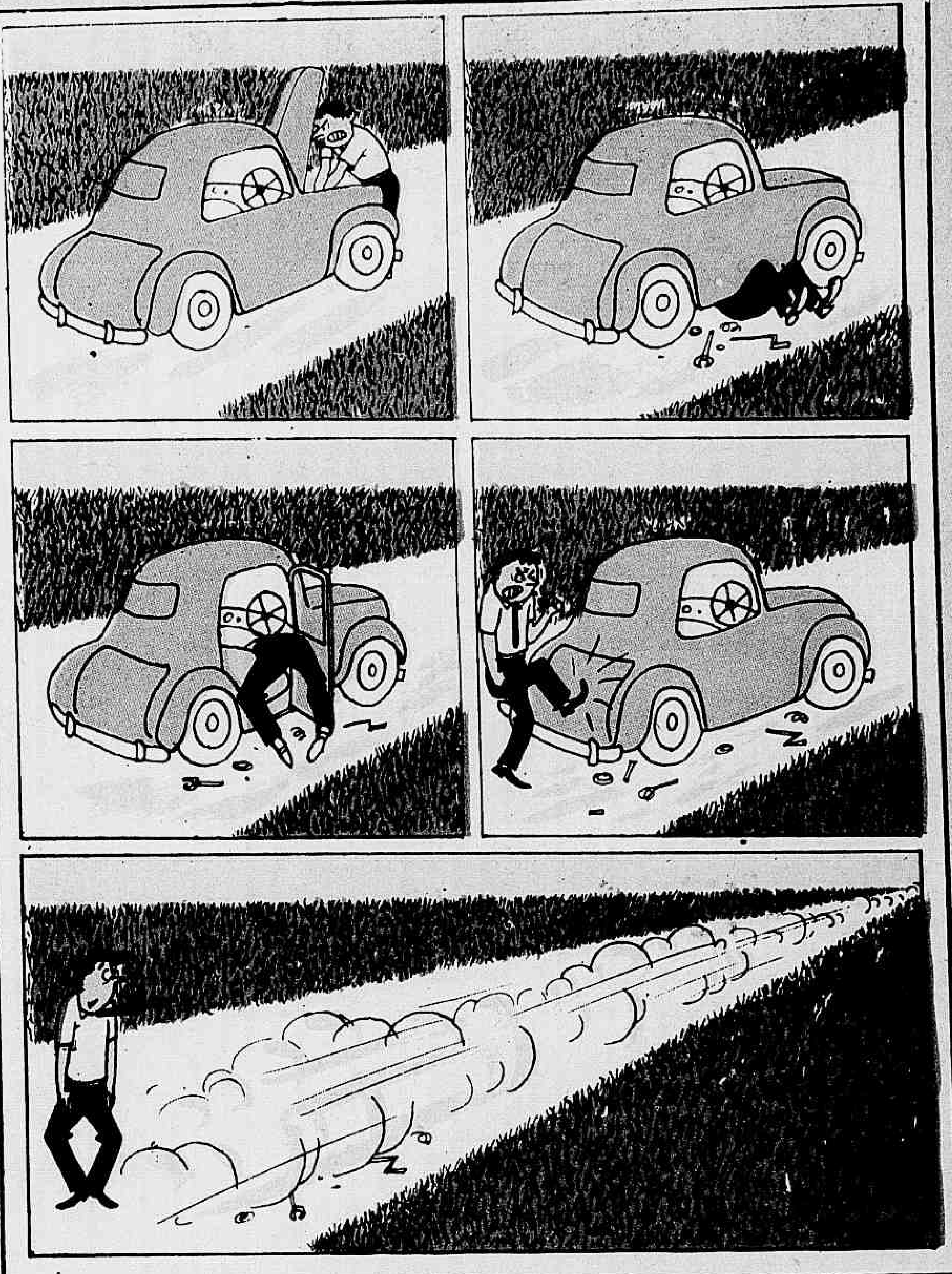


— Qual o caminho do Alto da Boa Vista, por favor?



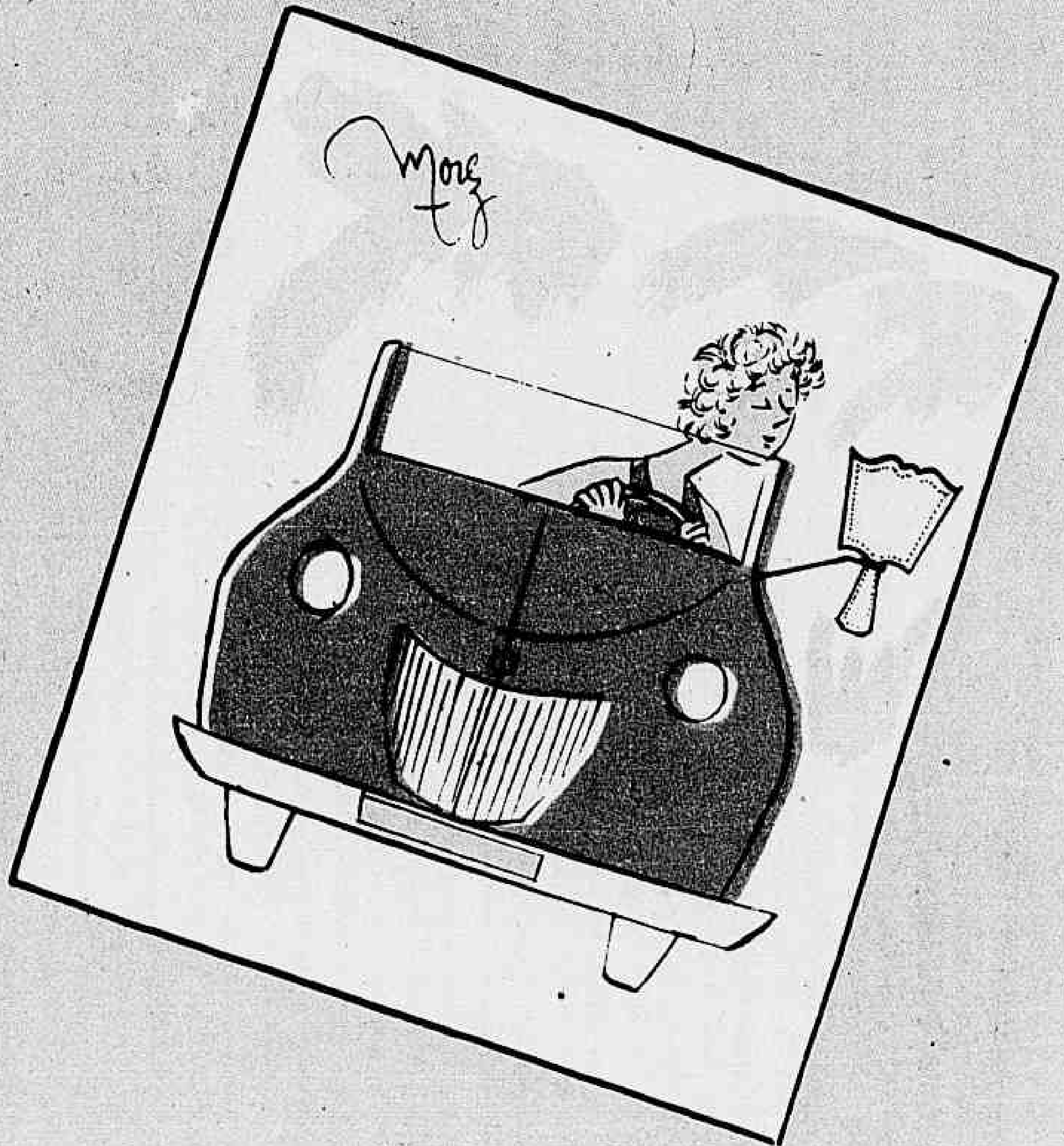


— Enquanto nos beijávamos senti um golpe em todo meu ser...





— Hoje estou um pouco nervoso porque amanhã tenho que fazer o exame para motorista...





— São estas pequenas atenções às quais nós, as mulheres temos que nos render...

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

ESTENDEU o braço para recebê-lo, exclamando:
— Mas caíram tôdas!
— Não se achavam tôdas aí, disse, tentando ajudá-la.
— E porque há necessidade disto amanhã, disse soprando-lhes o pó.
— Porque amanhã e porque isto?
— Porque, como essa caçada é perigosa, parece-me que errar um tiro seria terrível, e conheço pela caixinha que essas são as balas que o doutor lhe deu outro dia, dizendo que eram inglêsas e muito boas.
— Ouves tudo...
— Às vêzes gostaria de dar algo para não ouvir. Talvez fôsse melhor não ir a essa caça... José deixou para você um recado conosco.
— Queres que eu não vá?
— E como poderia eu exigir isto?
— Por que não?
Olhou-me e não respondeu.
— Parece que não há mais pelo chão, disse-me pondo-se de pé e olhando o chão em tôrno. Já me vou. O café está ficando frio.
Prova-o.
— Porém não acabes de carregar essa arma agora. Está bom, concordou, tocando a xícara.
— Vou guardar a arma e volto para beber o café — porém não partas.
Tinha entrado em meu quarto e saído logo.
— Há muito o que fazer ali dentro.
— Ah, sim — respondi. Preparar tudo para amanhã. Assim, partes?
Ergueu os ombros, inclinando ao mesmo tempo a cabeça para um lado, num movimento que significava: como queiras.
— Devo-te uma explicação, disse aproximando-me dela. Queres ouvir-me?
— Não disse que há coisas que eu gostaria de ouvir? — indagou-me, revirando as pistolas no estojo.
— Creio que o que eu...
— E' certo que vais dizer, o que acreditas.
— E que é?
— Que eu deveria ouvir-te. Porém, desta vez, não.
— Como terás pensado mal de mim durante êstes dias!
Ela lia, sem responder-me, o letreiro da caixa.
— Não te direi nada, mas conta-me o que supuseste.
— Por quê?
— Quer dizer que não me permites desculpar-me contigo?
— O que eu quisera saber é porque fizeste isto. Apesar de tudo me dá mêdo sabê-lo, já que não dei nenhum motivo para isto. E sempre pensei que tivesses algum de que eu não saberia... Mas como me parece que estás contente outra vez! Eu também estou muito contente.
— Não mereço que sejas tão boa para comigo.
— Talvez seja eu que não mereça.
— Fui injusto para contigo, e se permitisses, pediria de joelhos para que me perdoasses.
Seus olhos velados até há pouco, brilharam em tôda a sua beleza, e exclamou:
— Ah, não, meu Deus! Já esqueci tudo... ouves bem? Tudo.
— Porém, com uma condição, concluiu depois de uma curta pausa.
— A que quiseres.
— No dia em que eu diga algo ou faça algo que te desgoste, tu me dirás — e eu não voltarei a fazê-lo nem a dizê-lo. Não é muito fácil?
— E não devo exigir o mesmo de tua parte?
— Não, porque não posso aconselhar-me contigo, nem saber se o que penso é sempre o melhor. Além do mais, bem sabes do que eu tenha a dizer-te, antes que eu te diga.
— Está certo, viverás agora convencida de que te quero com tôda minha alma? — disse em voz baixa e comovida.
— Sim, sim — respondeu muito depressa. E quase tocando-me os lábios com uma das mãos, para dizer que me calasse, deu alguns passos em direção à sala.
— Que vais fazer? — disse-lhe.
— Não ouves João chorando porque me chama e não me encontra?
Indecisa por um momento, em seu sorriso havia tal doçura e tão amorosa languidez em seu olhar, que ela já havia desaparecido, e eu ainda a contemplava extasiado.

XXI

No dia seguinte ao amanhecer, tomei o caminho da montanha, acompanhado de Juan Angel, que ia carregado com alguns presentes de minha mãe para Luísa e as moças. Mayo acompanhava-nos: sua fidelidade era superior a todo castigo, apesar de alguns maus pedaços que já havia sofrido com essa classe de expedição, já impróprias para sua idade





Passada a ponte do rio, encontramos José e seu sobrinho Bráulio, que vinham buscar-me. Aquêle me falou sôbre seu projeto de caça, disposto a acertar um tiro direto num tigre famoso nas redondezas, e que já lhe havia morto alguns cordeiros. Tinha seguido o rastro do animal e descoberto um dos seus esconderijos no nascimento do rio, meia légua acima de sua propriedade.

Juan Angel deixou de suar ao ouvir êstes pormenores, e pondo sôbre a folhagem o cesto que levava, via-nos com olhos tais como se estivesse ouvindo discutir um projeto de assassinato.

José continuou falando ainda de seu plano de ataque:

— Respondo com minhas orelhas como desta vez não nos fugirá. Veremos se Lucas é tão valente quanto diz. Quanto a Tibúrcio, respondo por êle. Traz munição grossa?

— Sim, respondi, e boa arma.

— Hoje é o dia de Bráulio. Êle tem uma vontade doida de vê-lo numa partida dessas, porque contei-lhe que você e eu chamamos um tiro de errado quando não acertamos em cheio ao alvo.

Riu estrepitosamente, dando palmadas no ombro de seu sobrinho.

— Bom, vamos embora — continuou. Mas que o negrinho leve para a senhora êstes legumes, porque daqui eu volto. E lançou sôbre as espáduas o cesto de Juan Angel, dizendo: serão coisas doces que a menina Maria arranjou para seu primo?

— O que tem aí é algo que minha mãe manda para Luísa.

— Porém, que houve com a menina? Eu a vi ontem, tão fresca e lúcida como sempre. Parece um botão de rosa de Castela.

— Já está boa.

— E tu, que fazes aí que não partes, negrinho? Apanha o cesto e vai-te embora, para que voltes depressa, porque mais tarde não te convém andar sòzinho nestas paragens. E não vai dizer nada lá em casa.

— Cuidado quando voltar! — gritei-lhe quando já estava do outro lado do rio.

Juan Angel desapareceu entre as moitas como um animal assustado.

Bráulio era um mocetão da minha idade. Há dois meses que havia vindo da Província, acompanhando o tio, e estava loucamente enamorado, desde algum tempo, de sua prima Transito.

A fisionomia do sobrinho tinha tôda a nobreza que fazia interessante a do ancião: porém, o mais notável nela era uma linda bôca, sem buço ainda, cujo sorriso feminino contrastava com a energia varonil de seus outros traços. Manso de caráter, infatigável no trabalho, era um tesouro para José e o mais adequado marido para Transito.

A senhora Luísa e as moças vieram receber-me à porta da cabana, risonhas e afetuosas. Nosso freqüente trato nesses últimos meses havia feito com que as moças se mostrassem menos tímidas comigo. José mesmo, em nossas caçadas, quer dizer, no campo de batalha, exercia sôbre mim uma autoridade paternal, a qual desaparecia assim que chegávamos em casa, como se nossa amizade leal e sincera fôsse um segrêdo.

— Finalmente, finalmente! disse a senhora Luísa tomando-me pelo braço a fim de introduzir-me na salinha. Sete dias! Contamos um por um..

As moças olhavam-se sorrindo maliciosamente.

— Porém, Jesus, como está pálido, exclamou Luísa, aproximando-se. Isto não anda bem. Se nos viesse ver com mais freqüência, estaria estourando de gordo.

— E como pareço a vocês? — indaguei às moças.

— Eh, respondeu Transito, se está sempre fechado em seu quarto?

— Temos tido tantas coisas boas para você! — interrompeu Lúcia. Deixamos estragar a primeira melancia da mata nova, esperando-o. Quarta-feira, acreditando que viesse, fizemos uma magnífica nata de ovos.

— E que peixe, heim, Luísa? — ajuntou José — nem sequer soubemos o que fazer dêle! Porém deve ter havido motivo... e depois, você o convidará para que passe conosco um dia inteiro. Não é, Bráulio?

— Sim, sim, façamos as pazes e tratemos disto.

Quando será êste grande dia, senhora Luísa, quando, Transito?

Esta tornou-se rubra, e nem por todo o ouro do mundo teria levantado os olhos para seu noivo.

— Já está demorando, respondeu Luísa. Não está vendo que é necessário branquear a casinha e colocar-lhe portas? Será no dia de Nossa Senhora de Guadalupe, porque Transito é devota dela.

— E isto, quando é?

— E não sabe? A dois de dezembro. Êstes rapazes não lhe disseram que pretendem fazê-lo de padrinho?

— Não, e a demora em dar-me tão boa notícia é coisa que não perdôo a Transito.

(Continua no próximo número)

Tradução de LÚCIO CARDOSO **Desenho de RAMÓN**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital de seu país. Seus pais eram fazendeiros abastados, no interior da Colômbia. Além dos filhos criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Veio para a companhia dos tios e padrinhos desde pequenina, quando a mãe falecera. Efraim e Maria se criaram como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim, depois de seis anos de ausência, voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor se manifestou entre ambos. Os pais de Efraim não viram êsse namôro com bons olhos, pois que Maria sofrera um ataque suspeito de epilepsia — moléstia de que morrera a mãe — bem como porque o filho deveria ir à Europa a fim de aperfeiçoar-se em medicina. Nêsse interim, o médico que cuidava de Maria informou que a moça não sofria de epilepsia. Efraim parte para caçar em casa de uns amigos, onde mata um tigre no momento preciso. Após descansar lá, regressa para casa, ansiando por ver Maria.

Paris decreta o "Modernismo Clássico"

BELEZA, FORMA E CÔR

As notícias que nos chegam de Paris nos dão conta das últimas novidades no terreno da Moda. Os joalheiros parisienses fizeram desfilar os mais famosos manequins da «haute couture», exibindo uma coleção valiosíssima de jóias em ouro, as mais em voga no momento. Respeitando o clássico, mas acompanhando a época, conseguiram uma fusão de estilos que resultou num «modernismo clássico», se assim nos podemos exprimir, começando pelo gênero esporte e terminando na jóia de alto luxo. Dentre as peças apresentadas ressaltam os colares inspirados nos rosários muçulmanos, os «clips» em feitio de anel de Saturno, os brincos que guarnecem o lóbulo da orelha e sobem em linha ascendente, nos quais dois tons de ouro são entrelaçados. E na bijouteria fantasia aparecem êsses argolões dourados, rústicos e vistosos, imitando fibra de junco e que parecem criados de propósito para realçar a beleza da mulher brasileira.

A novidade, porém, não parou aí. Nos tecidos aparece o famoso vermelho Gauguin, e no «maquillage» se procura imitar a cútis morena e quente das mulheres do Haiti. Mas como a extrema volubilidade da moda é o que a torna interessante, os tecidos listados repontam, êste ano, suas tonalidades coloridas, que vão desde as listinhas discretas do «chemisier» até a lista larguíssima em que são feitos interessantes vestidos de lonita ou de popelina.

Os chapéus grandes são, no momento, o complemento ideal de uma «toilette habillée», para casamento, «cocktail» e recepção. Suas abas largas envolvem o rosto numa penumbra discreta, que faz ressaltar a linha do perfil, torna mais brilhante o olhar, mais alva a pele, mais viva a mancha rubra dos lábios. As côres dominantes nesses chapéus são o branco, o prêto e tôdas as tonalidades de pastel, que favorecem qualquer tipo de pele. Os enfeites nêles encontrados são quase nenhum, pois a beleza dêles está, sobretudo, na fôrma e na côr.



Rosa Gauguin, turquise, são as côres de Paris para êstes vestidos em algodão com bordado inglês.



● *Vestido em* mousseline *de sêda estampada.*
(No detalhe). Blusa folgada com drapeado só num ombro. Christian Dior. Linda combinação de azul e amarelo.
● *Fiona veste um vestido azul de popelina estampado. (Em baixo). Criação de Jacques Fath.*

Texto de MARINA SALLES ★ Desenhos de LAURITZ BERN



O PAPAGAIO DO POLÍTICO

LUÍS JARDIM

OUTRO dia um inglês meu conhecido me perguntava o motivo por que o papagaio — bicho exótico na sua opinião — não ocupa o lugar que lhe devia competir, pela plumagem e alfabetização, nos viveiros ou gaiolas ornamentais das ricas e boas casas brasileiras. Assim de chôfre não lhe pude responder, e também matutei sôbre a matéria, formulando os meus porquês.

Dias depois, refletindo melhor, e revendo livros de bons historiadores e melhores sociólogos, compreendi que o bicho papagaio não é pròpriamente um ornamento, no sentido em que o são a arara, o galo-de-campina ou canário do império, por exemplo. Com efeito, o papagaio é quase um parente pobre. Por melhor que fale, sempre fala mal para um salão. Dai a sina de viver sempre nas cozinhas, ou quando muito nos corredores. Papagaio, além disso, é bicho que suja muito, já não tanto pelo que sai de si, mas pelo que engole, comida mole e molhada.

E — por prevenção — pois ninguém sabe até que ponto vai a maledicência ou a inconveniência de um papagaio falador — arreda-se sempre êsse pássaro para lugares discretos e distantes de ouvidos mais delicados. O papagaio ou aracanga (são a mesma coisa) de tal modo se incorporou à vida do brasileiro, no sentido genuìnamente caboclo do nosso viver, que já houve até quem, antes de morrer, destinasse por testamento "verba certa e segura para o papagaio chamado Tião, viver até a morte por conta própria e sem incomodar ninguém, tendo ainda sobras para o pagamento de quem lhe der de comer".

Casa de nortista que viva no Norte e que não tenha papagaio pendurado no alpendre ou trepado em cêrca contígua não é casa de boa autenticidade nordestina. Um louro diz mais do dono e suas qualidades do que muito atestado de conduta, de ordinário gracioso. Mas, papagaio é bicho caprichoso, cheio de surprêsas na sua meia língua desenvolta. Vem disso a separação, êsse sentido de parente pobre, sempre escondido, sempre afastado, para não fazer vergonha ao parente rico, ou dono.

Agora mesmo me chega de Pernambuco notícia recente sôbre a proeza de um papagaio que parece mentira. Parece anedota. Não fôsse o informante um homem veraz, incapaz de torcer a verdade, eu mesmo diria: não, isso é intriga da oposição. Imagine-se só esta situação terrível: certo político, possuidor de bonito e eloqüente papagaio, passou-se de repente para outro partido, indiferente a compromissos de honra que assumira. Pois bem: em plena reunião doméstica, a que afluiu gente de tôda parte, correligionários e dissidentes, quando o político explicava as razões que deveriam coonestar o seu gesto, o papagaio, sem que nem para que se sai com esta:

— Estou morto de vergonha! Com que cara vou ficar, meu Deus! Eu é que não mudo de general!

É por essas e outras que papagaio vive arredado, escondido pelos cantos.

Desenho de DAREL

ENTRE OS ÍNDIOS UMUTINA

OTTO SCHNEIDER



● Às margens do alto Paraguai vive uma tribo de índios que os brancos chamam «Barbados» por causa do cavanhaque que deixam crescer, mas cujo verdadeiro nome é Umutina. São poucos, e seu número vai-se reduzindo cada vez mais.

Sôbre êsses silvícolas acaba de aparecer (pelas Edições Melhoramentos) um curioso trabalho do gaúcho Harald Schultz que estêve em demorado contacto com os Umutina em 1943, 1944 e 1945, realizando estudos etnológicos e tirando uma fita cinematográfica que se tornou conhecida como uma das melhores jamais feitas numa tribo sul-americana.

O título do livro: «Vinte e três índios resistem à Civilização». Um total de 45 fotografias — excelentes fotografias! — tiradas pelo próprio autor com sua Leica, além de um mapa, ilustram o volume de 80 págs., todo impresso sôbre papel couché.

Pode-se apreciar o livro de Harald Schultz sob dois aspectos: o etnológico e o jornalístico. Quanto a êste último, é justo reconhecer que pouca coisa igual foi publicada até hoje, escrita em linguagem tão simples e sincera, em agradável contraste com as reportagens levianas e superficiais de jornalistas que apenas de raspão estiveram em contacto com os bugres e dali voltam para, em têrmos exagerados e freqüentemente inverídicos, transmitir aos ingênuos leitores suas distorcidas impressões.

Harald Schultz narra suas experiências com simplicidade, porque só esta se coaduna com a verdade, e com a responsabilidade de quem repetidamente parte em visita aos índios não por mera curiosidade, mas com fins de estudo.

Mesmo as cenas acentuadamente dramáticas, como aquela de um naufrágio, e a outra em que o autor é ferido gravemente com facão e arma de fogo por um índio «marginal», não perdem a serenidade do ritmo. A narração é a mesma. Os fatos superam a hipérbole.

Finalmente, quanto ao lado etnológico, a observação da vida e dos costumes, das cerimônias, destas, funerais, caça, pesca, culto religioso, das lendas e canções dos Umutinas constituem uma contribuição altamente valiosa para o estudo dessa gente primitiva que se encontra a caminho da extinção.

Barcarola

Tudo na vida que espero
demora muito a chegar.

Mas nada demora tanto
como teu barco, querida,
na enseada de minh'alma
eternamente ancorar.

A vela grande rasgou-se.
Faz agora calmaria —
e avisa o rádio de bordo:

a equipagem de sereias
já se recusa a remar.

Do cais agito meu lenço.
Uetuno ri-se de mim.
A capitania do pôrto
não atende ao telefone.

Sôbre dunas adormeço
para de novo esperar
pelo teu barco, querida —

Tudo na vida que espero
demora muito a chegar.

Abelardo Romero em
"A MUSA ARMADA"



ENIGMÍSTICA

● A biografia enigmística brasileira pode dar-se os parabéns com a publicação da recente obra de Irineu Villas-Boas Esteves: «Enigmística». É uma completa enciclopédia charadista, de mais de 500 págs., em formato grande, com numerosas ilustrações. Pesquisador paciente, minucioso, e conhecedor profundo da arte edipista, o autor fêz uma obra definitiva. Entre outras coisas, narra a história dos enigmas — da língua portuguêsa e de outros idiomas românicos — o aparecimento e a evolução dos problemas de Palavras Cruzadas. Expõe sua técnica de composição e decifração, com regras básicas para os principiantes, tôdas as modalidades de enigmas, charadas e logogrifos usados nos dois últimos séculos. Como se vê, os charadistas não poderiam desejar trabalho mais completo do que êste do sr. Irineu Villas-Boas Esteves.

SURPRÊSA PARA O'NEILL

● Nos EE. UU. os direitos autorais dos escritores duram apenas 28 anos. Passado êste prazo, se o escritor ou os herdeiros do mesmo não renovam o «copyright», a obra cai no domínio público. Por não haver tomado essa precaução, Eugene O'Neill teve, certa vez, uma desconcertante surprêsa. Um editor, encontrando as primeiras peças do dramaturgo, apresentou-as em volume com o título de «Peças Perdidas de O'Neill». Essas obras, escritas haviam uns 40 anos, tinham sido representadas no Whart Theatre, de Princeton, e ali haviam ficado esquecidas. Nunca O'Neill pensara em publicá-las, considerando-as ensaios da juventude, de mérito muito secundário.

— «No início de uma carreira — observou o escritor — é a obra que dá valor à assinatura. Mais tarde, é a assinatura que dá valor à obra».

BIBLIOTECAS CIRCULANTES

● Acaba de ser divulgado o balanço das bibliotecas circulantes de Paris, referente às suas atividades em 1953. Os 30 biblio-ônibus que conduzem 70.000 volumes, percorreram (cada um) cêrca de 100.000 quilômetros. Sua freguesia foi de uns 10 milhões de leitores. Essa «rêde de leitura pública» foi criada em 1945, e já comprende 20 postos centrais de distribuição. Os ônibus têm percorrido, até agora, 18 dos Departamentos franceses, e seu principal objetivo é servir aos municípios (num total de 37.727) de menos de 15.000 habitantes. As bibliotecas circulantes compreendem livros sôbre história, geografia, ciências, literatura infantil e literatura recreativa em geral.

A REVOLUÇÃO DE 32



Está fazendo sucesso fora do comum, e aliás compreensível, especialmente em São Paulo, a obra do sr. Euclides Figueiredo: «Contribuição para a História da Revolução Constitucionalista de 1932», recém-lançada pela Editora Martins. É preciso lembrar que o general Euclides Figueiredo, naquela jornada patriótica, foi o comandante do levante de 9 de julho, e o primeiro chefe da Região Militar revoltosa. Talvez ninguém estivesse mais credenciado para nos oferecer uma reconstituição tão objetiva e pormenorizada daquele movimento constitucionalista. A obra de 336 páginas, amplamente documentada, traz em apêndice uma dezena de mapas coloridos que permitem acompanhar o andamento da grande revolta, desde o início da conspiração até a derrota final. Um documento da mais alta importância para a moderna história brasileira.

★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★

Sempre é possível economizar mais!





Na administração das despesas domésticas, *pagar com cheque* é a melhor maneira de eliminar gastos supérfluos e *fazer economia.* Abra uma CONTA CORRENTE no Banco de Crédito Real de Minas Gerais e verifique os bons resultados desta medida: redução de despesas e conseqüente saldo em seu orçamento.

O Banco de Crédito Real de Minas Gerais, com uma tradição de bons serviços que vem desde o Império, mantém as seguintes

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

Madureira - Estrada do Portela, 45-A

Vde. Inhaúma - Rua Vde. Inhaúma, 74

Ramos - Rua Uranos, 987

P. da Bandeira - R. Mariz Barros, 76-A

Niterói - Rua Visconde Rio Branco, 429

Mem de Sá - Av. Mem de Sá, 291

Copacabana - Av. Copacabana, 698-A

Ipanema - Rua Vde. Pirajá, 462-B

BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS S.A.

Fundado em 1889

SUCURSAL NO RIO DE JANEIRO: AV. RIO BRANCO, 116

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

Notinhas úteis

● ENFEITE COM TOSTÕES — Se vai dar um presente a uma criança, faça o embrulho com papel de uma só côr, e cole por fora, sôbre o mesmo, alguns níqueis de tostão. Ela pulará de alegria!

● MANCHAS DE CALOR EM LINOLEUM — A colocação de um objeto quente em cima do linoleum deixa uma mancha embaçada. Mas tem remédio: esfregue sôbre a mancha uma palha de aço muito fina. Depois passe uma camada de cêra. Deixe secar, e dê polimento. Se fôr preciso, repita a camada de cêra e o polimento, umas três ou quatro vêzes, até igualar o brilho do linoleum.

● AS MOLAS DA CADEIRA — Quando comprar cadeiras ou poltronas estofadas verifique o número de molas que têm no assento. Os móveis de boa qualidade têm um mínimo de 8 molas, e os melhores ainda, até 12 molas. Atualmente existem estofamentos com molas contínuas que duram mais.

● PINTE COM... CERVEJA — As tintas de aquarela adquirem um aspecto muito interessante e suas côres tornam-se mais vivas se você usar um pouco de cerveja, em vez de água, para dissolvê-las.

VINTE IDÉIAS PARA DIVERTIR O BEBÊ

● Quando o bebê chorar e você tiver certeza de que a causa não é fome, dor de barriga, roupas incômodas, fralda molhada, e outras coisas no gênero, é provável que êle ande meio enfadado. O remédio e diverti-lo por algum dos processos que apresentamos nesta relação.

1 — **Fale com o bebê** — No primeiro mês o bebê não sente muitas necessidades sociais. Basta lavá-lo, alimentá-lo e fazê-lo dormir, que se sentirá satisfeito. Porém, com dois meses, é bom você falar-lhe de vez em quando, êle lhe responderá sorrindo, emitindo sons ininteligíveis e acenando com os bracinhos.

2 — **Mude a posição do bebê** — Êle fica aborrecido sempre virado para o mesmo lado. Pode ser que goste de ficar, às vêzes, de barriga para baixa. Outras vêzes, há de preferir estar de costas. Dê-lhe uma oportunidade de mudar de posição, ajudando-o.

3 — **Faça-o ver o céu azul ou uma lâmpada do quarto** — O bebê não gosta da luz direta do sol. Porém, depois do primeiro mês, aprecia objetos brilhantes, durante não mais de uma hora.

4 — **Mude-o de ambiente** — Com dois meses o bebê se aborrece vendo sempre as mesmas coisas. Para variar, coloque o seu berço, por exemplo, na varanda, durante certas horas do dia, ou, então, perto da mesa de jantar, na hora das refeições. Um pouco mais tarde pode colocá-lo na cadeirinha alta, junto à mesa, enquanto os mais velhos comem.

5 — **Pendure um pano vermelho ou laranja na grade do berço** — O bebê procura objetos com os olhos antes de tentar alcançá-los com as mãos. Com dois meses, aprecia muito essas duas côres. Pode, também, colocar uma almofada de côres vivas no seu berço, ou pendurar bolas coloridas onde êle possa enxergar.

6 — **Cante para o bebê** — As músicas suaves acalmam e distraem as crianças. Procure cantar o que você sabe, e não se incomode com a opinião que êle possa ter de sua voz. Também é ótimo ligar o rádio, a vitrola, ou tocar um pouco de piano. As músicas lentas são as melhores.

7 — **Enfie contas plásticas, grandes e coloridas, num cordão, e pendure no berço** — Depois de passada a fase de olhá-las e de tocá-las êle tentará mordê-las. Também serve para isso as colherinhas de medida, plásticas e coloridas; que alguns produtos costumam oferecer como propaganda.

8 — **Dê-lhe brinquedos que façam ruído** — Até os três meses um chocalho de côres vivas agradará muito. Vá aumentando o ruído dos brinquedos, à proporção que êle crescer. Quando conseguir apanhar um chocalho ou um brinquedo com cada mão, dois instrumentos serão melhores e mais divertidos que um só.

9 — **Dê-lhe cubos coloridos** — Com 4 a 6 meses êle começará a se distrair muito se lhe derem blocos, de preferência de borracha. Mais tarde os cubos poderão ser de tamanhos diferentes.

10 — **Dê-lhe animais e bonecas macios e laváveis** — Êstes brinquedos o divertirão na idade em que começa utilizar as mãos, isto é, entre 4 e 6 meses. Mais tarde, o melhor, será guardá-los ou usá-los como enfeite de quarto.

11 — **Dê-lhe papel de côr viva** — Celofane ou metálico. Na idade em que gosta de usar as mãos fará misérias com os pedaços de papel. Vigi-o, porém, para que não ponha na bôca o que conseguir rasgar.

12 — **Dê-lhe duas colheres de alumínio** — Mais tarde êle as usará para comer.

13 — **Dê-lhe uma bola macia** — Quando começar a engatinhar será divertido para o bebê empurrá-la e ir buscá-la mais adiante.

14 — **Ponha um espelho onde êle possa se ver** — O bebê se divertirá com o outro bebê do espelho, até compreender a mágica.

15 — **Ponha brinquedos velhos numa caixa grande** — O bebê passará horas e horas tirando-os e tornando a pô-los na caixa. Cada vez que reconhecer um brinquedo será uma grata surprêsa e uma satisfação.

16 — **Dê-lhe pedaços de papelão grandes** — Êle balançará os cartões com as mãos e acabará sentando-se sôbre um dêles.

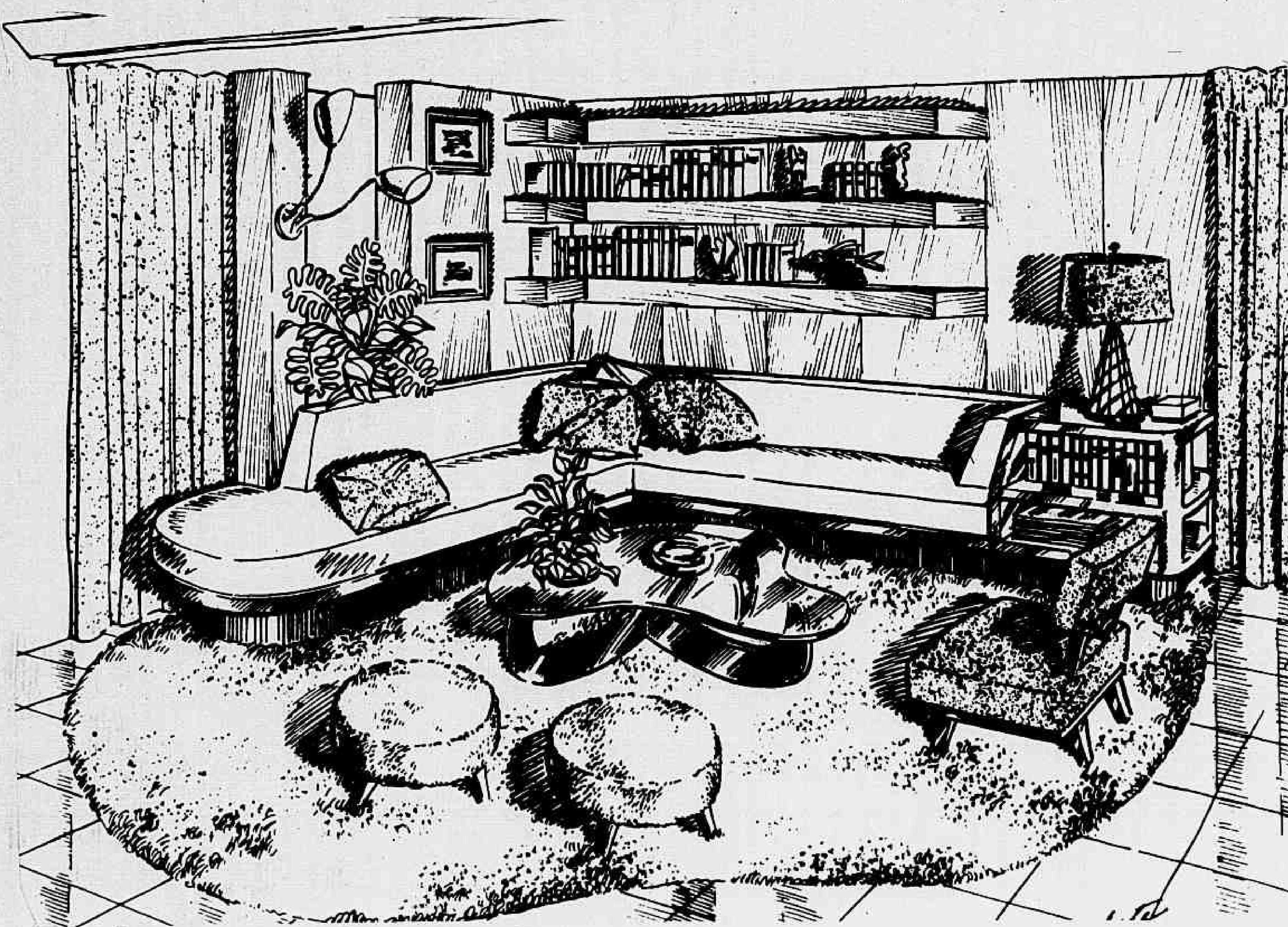
17 — **Dê-lhe um sapato velho do papai** — O bebê usará o sapato como se fôsse a «arca do tesouro». Porá uma porção de coisas dentro e tornará a tirar. Enfiará o sapato nas mãos, e depois o atirará longe.

18 — **Deixe-o escolher o que lhe agradar** — Pegue numa porção de objetos fora de uso e apresente-os ao bebê, que escolherá aquêles que maior interêsse lhe despertarem: pedaços de pano, caixas de madeira, novelos de lã, etc.

19 — **Brinque de esconder com o bebê** — Quando êle estiver engatinhando começará a se interessar por êsse jôgo. Esconda-se nos lugares em que êle a ache com facilidade: atrás de uma cadeira, debaixo de uma mesa, etc.

20 — **Entregue-o ao pai dêle** — Êle se sentará nos joelhos, se pendurará no pescoço e fará mil outras coisas divertidas. É uma idéia para terminar o seu dia tranquilamente.

SUGESTÃO PARA O LAR



● **O revestimento em madeira, da parede, dá a êste recanto uma sensação de intimidade e confôrto. Para o aproveitamento máximo do espaço, planejou-se um sofá em ângulo que, junto à porta, se projeta para fora.**

Tôdas as tapeçarias em tonalidades muito claras: sofá azul celeste em couro plástico lavável; sôbre êle, almofadas cinzas salpicadas de vermelho, repetindo o tecido que recobre a poltroninha. O tapête de formato irregular e as duas banquetas baixas em tecido felpudo, creme-amarelado.

O feitio da mesinha central, com tampo de vidro, foi estudado de forma tal que pudesse ser alcançada de qualquer dos assentos. Também a série de prateleiras foi idealizada de jeito a não incomodarem as pessoas sentadas em baixo, no sofá.

UM POUCO DE BELEZA



BANHO É TAMBÉM REPOUSO! — Um banho de imersão não é apenas um meio de você se manter limpa, porém, também um repouso agradável, e de muita utilidade para sua beleza. Porém, para que seja assim, não basta mergulhar na água, passar sabão e sair. É preciso todo um ritual, praticado com calma e tranquilidade de espírito.

Duas vêzes por semana, um banho repousante produz maravilhas! Tome-o pela manhã, ou se não tem tempo para fazê-lo, à tarde, ou mesmo à noite, antes de deitar. Mas, tome-o!

No banho repousante deve haver sais de banho. Escolha aquêle que mais lhe agradar. Para as peles oleosas existem os sais à base de óleo de pinho, que são muito agradáveis, outros têm perfume de violetas, colônia ou sândalo. De qualquer forma, os próprios sais em si já repousam os musculos, e, não tendo outro, tome o seu banho com sal puro de cozinha, acrescentando à água um pouco de colônia para dar perfume, que é sempre agradável.

Antes de entrar nágua, limpe a pele do rosto, e cubra-a com um creme nutritivo. Penteie os cabelos, prendendo-os em cachos ou ondas, e amarrando um lenço plástico, ou colocando uma touca de borracha.

Entre nágua. Deite-se na banheira, e permaneça, assim, alguns minutos. Pouco a pouco, o cansaço irá se transformando em suave distensão.

Quando sentir-se repousada (depois de cinco a dez minutos) tome uma escova de banho áspera, e faça massagem em todo o corpo, friccionando com energia. Com êsse tratamento, em pouco tempo sua pele melhorará sensivelmente.

Esfregue com cuidado especial os cotovelos, os braços, pernas, joelhos, e quadris. Use pedra-pomes nos lugares ás peros, se acha que é preciso.

Enxague-se, de preferência no chuveiro, e enxugue-se com toalha limpa, felpuda e macia. Passe a toalha com energia.

Por fim, espalhe água de Colônia no corpo todo, e deixe que ela seque sôbre a pele.

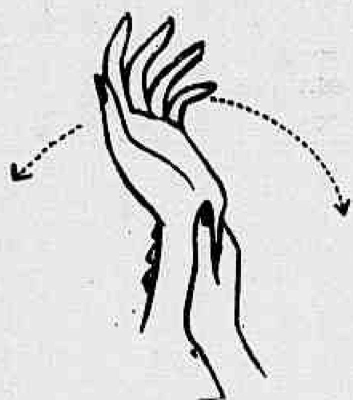
Agora a fase final: tire o creme do rosto, passe talco no corpo todo.

Se o banho foi à noite, amarre na cabeça um lenço, se de dia, solte os cabelos, e pentei-os.

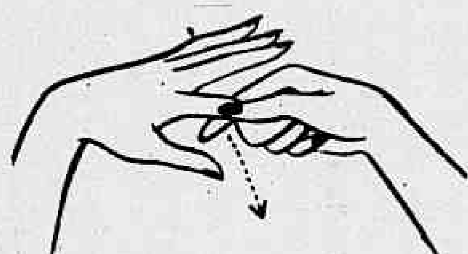
Depois de quatro banhos dêsses, em duas semanas, você se sentirá rejuvenescida, mais agil, e mais bem disposta para tudo!

Ginástica para as mãos

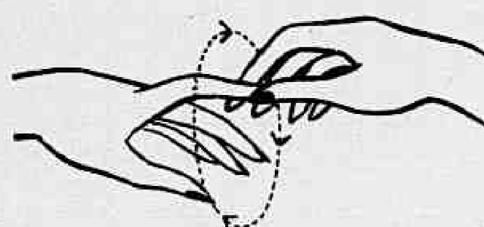
● **Eis uma série muito boa de ginástica para as mãos. Você poderá praticá-las discretamente enquanto estiver conversando, sem ter que reservar um tempo especial para isso.**



I — Ponha um cotovelo sôbre a mesa, mantenha a mão mole. Com a outra mão, faça massagem dos pulsos para os dedos.



II — Ainda com o cotovelo na mesa, tome com a outra mão, dedo por dedo, e, segurando-o, pela articulação central, dobre-o para frente e para trás fazendo, ao mesmo tempo, leve massagem na articulação.



III — Segure cada dedo separadamente pela ponta, e imprima-lhe um movimento rotativo, devagar e firme.

Além de ótimos, êsses exercícios, para as mãos, também constituem calmante maravilhoso para os nervos. Experimente.



Week-end na cozinha

TORTA DE CHOCOLATE



● Esta torta, constitui, geralmente, uma sobremesa apreciada por todos. Esta receita é muito saborosa e nutritiva, pois que recheada com creme de chocolate.

Para a crosta, você pode usar a sua receita de torta preferida, já assada, ou então, uma mais rápida, que se prepara assim:

1º — Esmigalhe biscoitos de chocolate até completar 3 xícaras. Junte um quarto de xícara de manteiga e 2 colheres das de sôpa de açúcar. Amasse bem, e forre com essa massa o fundo e os lados de uma fôrma de torta. (**Nota** — pode usar também, para a massa, biscoitos Marie ou "corn-flaks" — ambos dão uma torta deliciosa).

2º — Prepare agora o recheio: Derreta 300 gramas de chocolate em água quente, porém não fervendo. Tire do fogo. Ràpidamente, junte ao chocolate deretido uma pitadinha de sal, e um ôvo, misturando bem. Separe duas gemas e acrescente, uma de cada vez, batendo depois de cada adição. Junte uma colherinha de essência de baunilha, para acentuar o gôsto do chocolate.

3º — Bata as duas claras em neve. Junte com uma xícara de creme de leite e bata mais um pouco. Ponha na massa de chocolate. Espalhe sôbre a crosta de torta. Deixe gelar, até ficar bem firme.

Antes de servir, enfeite com creme de leite batido e um pouquinho de chocolate ralado, como mostra a fotografia.

AO LIMPAR FRUTAS E LEGUMES

● **Se quer economizar trabalho, quando limpar frutas e legumes, forre a mesa da cozinha com uma fôlha de jornal. Terminado o serviço, é só embrulhar as sobras e pôr na lata de lixo, evitando o trabalho de limpar e lavar a mesa.**

Luxo, milhões e poder na vida de Gregório

O SUPER-MINISTRO TOMAVA



O leitor tomará conhecimento, lendo esta reportagem de fatos e detalhes da vida de Gregório Fortunato: seu poder era imenso e sua fortuna engordava de dia para dia.

Reportagem de CARLOS ALBERTO TENÓRIO

BANHO DE BACIA



Gregório agia com a eficiência e a desenvoltura de quem não conhece coisas impossíveis. Mas, agora, está de língua de fora.

ESTÁ no Galeão (prêso, incomunicável, desmoronado) a Eminência Negra da República. Até semanas atrás não se lhe reconhecia êsse título. Gregório Fortunato era, apenas, a sombra de Vargas; o chefe de sua Guarda Pessoal; o provador de sua comida; o lavador de sua banheira; o alisador de seu cabelo; um camareiro privilegiado, troncudo, vigilante e fiel.

Ninguém (a menos que frequentasse a sua intimidade) supunha as proporções de seu imenso prestígio, do raio de influência, da enorme e complicada teia que Gregório construiu enredando ministros, diplomatas, deputados, industriais, políticos, delegados de polícia, diretores de autarquias, dominando jogos proibidos, conspirando, interceptando correspondências — e movimentando uma fortuna de 65 milhões de cruzeiros.

GREGÓRIO PADEIRO

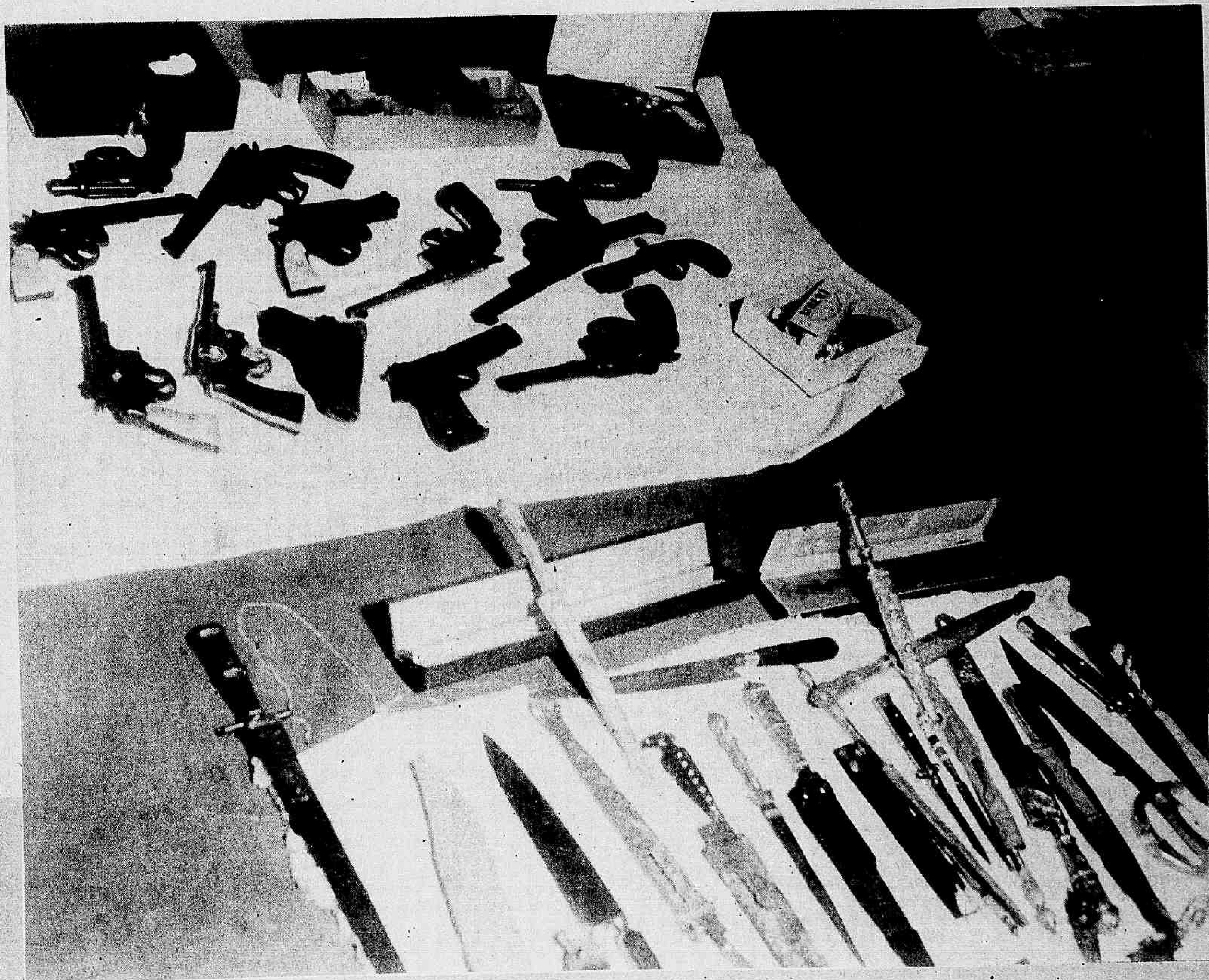
Em 1924 Gregório Fortunato tem uma padaria no Rio Grande do Sul. Pouco depois adquire um hotel e tenta a agricultura e criação numa pequena estância.

Sua vida começa a se contar, entretanto, quando integra o 14º Batalhão dos Provisórios. Aí conhece o «coronel» Benjamim Vargas e dêle se faz amigo; alcança o pôsto de «tenente». Também conhece nos provisórios a Climério Euribes de Almeida e a Artur Ramos da Silva, aos quais protege e de quem se serve até hoje. Encheu o bôlso de Climério para garantir-lhe a fuga e o encheria com 500 mil cruzeiros (se o crime de Toneleros ficasse em mistério) para pagar o braço dos assassinos. Artur Ramos da Silva foi seu chofer, servindo simultâneamente ao Presidente Vargas, e era de uma dedicação cega à Eminência Negra do Palácio do Catete.

Dissolvido o Batalhão, Gregório agregou-se ao «coronel» Beijo. Foi para São Borja e se entregou a uma dedicação sem limites aos Vargas. Hoje, porém, conhecem-se os interêsses dessa consagração.

NA GUARDA PESSOAL

Limitado a pequenos serviços domésticos, Gregório passa desapercebido até 1937. Quando os mercenários de Severo Fournier, em nome dos



Punhais de cabos preciosamente lavrados, revólveres e pistolas os mais modernos, armas de tôda espécie, constituíam uma parte apenas do arsenal doméstico da Eminência Negra, Gregório Fortunato, lá no Palácio do Catete. Sua fortuna é avaliada em trinta milhões de cruzeiros.



GREGÓRIO, SOMBRA DE GETÚLIO, NÃO CONFIAVA NEM NOS «AMIGOS

integralistas, invadem o Palácio Guanabar em maio de 1938, sufocada ràpidamente a rebelião, verifica-se (ainda que no regime de fôrça a que estava submetido o país) a necessidade de cercar o Presidente da República de uma guarda ostensiva, vigilante e impiedosa. E entregou a sua organização a Gregório Fortunato. Recruta êle da polícia civil, da polícia especial, e dos pampas de sua terra, conhecidos gatilheiros, famosos espancadores e assassinos profissionais — e forma a Guarda Presidencial, inicialmente pequena, mais tarde ampliada para 280 homens, com os quais gastava (oficialmente) 500 mil cruzeiros mensais.

O VENTRE SINISTRO

Durante os 11 anos de sua missão, Gregório teceu, sorrateiramente os cordões da política, da intriga, do negocismo, do favoritismo e da desmoralização da administração do país. Quando os oficiais da Aeronáutica varejaram seus aposentos no Palácio do Catete, as gavetas de todos os móveis vomitavam escândalos e, do ventre de um arquivo sinistro, saltaram imundos os nomes de alguns homens presumidamente limpos em mistura com outros nomes reconhecidamente indignos.

Em seu guarda-roupa havia uma pequena adega e uma ainda menor biblioteca. Na primeira guardava Gregório bebidas finas, notadamente «whisky», «champagne» e «vodka». Os seus livros eram cinco. Os mais consultados: a biografia de Joseph Fouché, por Stefan Zweig (Coleção Os Grandes Processos da História) e «A Internacional do Dinheiro» — que lhe caracterizam os objetivos e a personalidade.

Além da adega (que se completava com 14 garrafas de bebidas diversas, duas garrafas de uísque Presidente, uma caixa de uísque, outra de gin, e uma outra de vinho) havia um bazar de vaidades.

Cêrca de 300 gravatas; nove pares de sapato; 19 ternos de superior qualidade; 9 chapéus de diversos tipos e, num terno sem uso, 80 mil cruzeiros abandonados.

Depois da adega e da feira de modas, Gregório tinha um arsenal — nada menos de 13 revólveres (um de ouro) e 34 facas (inclusive uma com a cruz gamada do nazismo) — e a joalheria.

Em seu quarto, Gregório, doente do coração e constante sofredor de complicações gástricas, recebia a visita quase diária de ministros, presidentes de Institutos e muitos dos satélites da alta burocracia oficial.

Em seu apartamento (no Palácio) lavava-se após acordar, no banheiro ao lado ou na imensa bacia de alumínio (1 metro de diâmetro e 30 cms. de profundidade) que guardava sob a cama. Em seguida, voltava a deitar-se e tocava uma campainha para lhe trazerem o café.

O resto de seus dias passava despachando como ministro, interceptando cartas e telegramas como censor, consultado como conselheiro, solicitado como um secretário de Estado, e cortejado como a autêntica Eminência Negra do Govêrno.

AS NEGOCIATAS

Um documento relativo aos 52 milhões de cruzeiros que Arquimedes Manhães teria ganho, como intermediário, na CEXIM, estava no arquivo de Gregório. E êle próprio foi o grande beneficiado. Segundo êsse documento a firma paulista Borpax Importadora S.A. promete comissão de 20% sôbre o valor total da operação de 13 milhões de dólares (52 milhões de cruzeiros) ao sr. Arquimedes Manhães **«que poderá dispor a seu critério, em benefício de terceiro à sua escolha»**. Assinava esta carta o sr. I. de Pascourte (diretor superintendente da emprêsa) e um bilhetinho anexo que servia de aval dos compromissos da «propina» que a Borpax daria a Manhães e Gregório era subscrito pelo sr. Ari Rodrigues Alcântara que está presente outras vêzes ao arquivo de Gregório.

Mas Gregório era homem precavido e imediatamente aplicava o dinheiro ganho, embora desonestamente, uma vez que o chefe da Guarda Pessoal recebia, de honorários, Cr$ 15 mil.

No dia 27 de agôsto de 1953 a Eminência Negra comprava do filho do Presidente da República (Maneco Vargas) a fazenda São Manoel, no Rio Grande do Sul, que, afirma-se, pertencia ao próprio Getúlio Vargas. Manoel Antônio Vargas registra num papel timbrado do «Serviço da Segurança dos Palácios Presidenciais», e sem os selos determinados por lei, um recibo correspondente à quantia de 3 milhões e 920 mil cruzeiros, por conta da venda da fazenda São Manoel cuja liquidação total e escritura seriam efetuadas em setembro.

GREGÓRIO AVALISTA

O aval de Gregório Fortunato era o bastante para que o Banco do Brasil emprestasse a um aventureiro analfabeto e inescrupuloso como Arquimedes Manhães um milhão e meio de cruzeiros.

«Vencimento em 5 de janeiro de 1953. Cr$ 1.500.000,00, nº 1.066. No dia 5 de janeiro de 1953 pagarei por esta única via de nota promissória ao Banco do Brasil S.A. — Marília (S. Paulo) ou à sua ordem, a quantia de um milhão e quinhentos mil cruzeiros em moeda corrente. Rio de Janeiro 2 de agôsto de 1952. Arquimedes Manhães. O verso desta nota traz a assinatura de Gregório Fortunato (firma reconhecida), selos e carimbos da Recebedoria do Distrito Federal.

VERDURAS & CAVALOS

Por 2 milhões de cruzeiros, Jaci Lencina Fortunato e Amando da Fonseca firmaram escritura do Mercadinho Popular de Copacabana. Mas êste mercadinho pertencia efetivamente a Gregório que mandou Manhães vendê-lo por milhão e meio de cruzeiros, quando (despedido) pretendia fugir para Pôrto Alegre.

Em 21 de outubro de 1952 o Jockey Clube Brasileiro registrava (sob o



«INTIMOS» DO CHEFE. O OLHAR DESCONFIADO PARA ADEMAR PROVA ISSO

nº 7533) o cávalo Talerazo, puro-sangue, argentino, prêto, proprietário Gregório Fortunato.

OS GASTOS PESSOAIS

As despesas pessoais e domésticas de Gregório Fortunato (tanto de Jaci Lencina como de Belinha) eram pagas pela verga da Guarda Pessoal e incluídas nas «Diversas Contas Grampeadas». Incluindo tinturaria, farmácia, reforma de chapéu, nos meses de março e abril Gregório gastou Cr$ 51.554,10.

COM O FILHO DO PRESIDENTE

Cartas e documentos apreendidos comprovam a participação de Gregório em negociatas na CEXIM, Instituto do Açúcar e do Álcool, importação de camionetas e automóveis, estando envolvidas organizações como a CAMPAL (de Maneco Vargas, Jango e Brizola) CIREI e de usineiros.

Em privilégios semelhantes aos conseguidos para a Borpax na CEXIM, Gregório interferiu pela CAMPAL e CIREI para poderem importar, apesar das restrições existentes, camionetas e automóveis Dodge.

Ari Rodrigues Alcântara (diretor da CIREI) enviou a Gregório, dos EE. UU., cartas e telegramas avisando-o do embarque dêsses carros.

NOTAS OU NÍQUEIS

Numa carta de Pôrto Alegre, o sr. Uiraçaba Baleste, da CAMPAL, informava a Gregório que estava pronto para enviar-lhe dinheiro. Pedia apenas que escolhesse: 240 quilos em notas ou 600 quilos de níqueis.

Do PTB de Pôrto Ferreira (São Paulo), assinado pelo 1º secretário Antônio Luciano Senise, recebeu o seguinte telegraga: «Usineiros oferecem quantia compensadora para resolução de um processo no Instituto do Açúcar e do Álcool.

O bacharel em direito e tenente-coronel reformado Miguel Calmon de Oliveira Braga, residente no Recife, escreve a Gregório, envia-lhe duas fotografias («para verificar que era homem dos sérios incapaz de mentir ou de enganá-lo») e propõe 20 mil cruzeiros por um lugar de membro do Conselho da Caixa Econômica Federal.

NA ESTRADA DE FERRO BRASIL-BOLÍVIA

Gregório recebia outras propostas, que, se conseguidas, devem ter tido recompensas vultosas. Carta do sr. Francisco Gomes da Silva, representante da METALORA, propõe que Gregório intervenha na concorrência para o fornecimento de trilhos à Estrada de Ferro Brasil-Bolívia.

GUARDA PESSOAL RECEBIA NA CADEIA

Pequenos outros negócios interessavam a Gregório. Os indultos, em alguns casos. O aumento alarmante de indultos que no govêrno passado chegou a atingir a média diária de 5 indultados, teve em Gregório um membro parcialmente responsável.

João Candury que foi condenado a 6 anos, recebia seus vencimentos, enquanto prêso, ao tempo da ditadura. Gregório foi responsabilizado pelo crime de mandar pagar ordenado de investigador a um condenado na Penitenciária. Mas o processo foi arquivado. O inquérito demorou 4 anos para chegar até às mãos do promotor da 5ª Vara Criminal. Como a pena máxima que podia ser aplicada a Gregório era de 1 ano, considerou o promotor e ratificou o juiz extinta a punibilidade.

GREGÓRIO & OS BICHEIROS

Ainda na conta-corrente das gratificações da Eminência Negra contam-se as poucos elegantes contribuições dos bicheiros da cidade, calculadamente 53 mil cruzeiros diários.

Segundo relação apreendida, dezoito banqueiros de bicho pagavam cotas de proteção. Êsse dinheiro era arrecadado pelo investigador Benedito Ribeiro que também era bicheiro e organizava o jôgo para os funcionários do Catete.

Ligado à organização encabeçada por Gregório encontravam-se três delegados — Hermes Machado (de Vigilância), Brandão Filho (de Ordem Política e Social) e Belém Pôrto (de Costumes e Diversões) que já sofrem administrativo.

GREGÓRIO CONSPIRADOR

No relatório do major Aguinaldo de Oliveira Almeida, encarregado do inquérito policial-militar, sôbre o levante dos sargentos em Deodoro (1947), para derrubar o govêrno Dutra, Gregório foi implicado, bem como o então senador Getúlio Vargas e seu secretário Carlos Maciel, além de, naturalmente, os nove sargentos acusados.

Reconhecida a participação de Gregório na conspiração aconselhando os sargentos e fazendo-lhes promessas, o general Zenóbio da Costa que era o comandante da Zona Militar do Leste e da 1ª Região Militar, após avocar o inquérito, determinou a prisão do Gregório. Diversos delegados de polícia fingiram que procuravam Gregório, e o sr. Picorelli acabou por concluir que Gregório Fortunato estava desaparecido, quando todos sabiam que êle se encontrama em Itu, na companhia do amo.

GREGÓRIO E OS COMUNISTAS

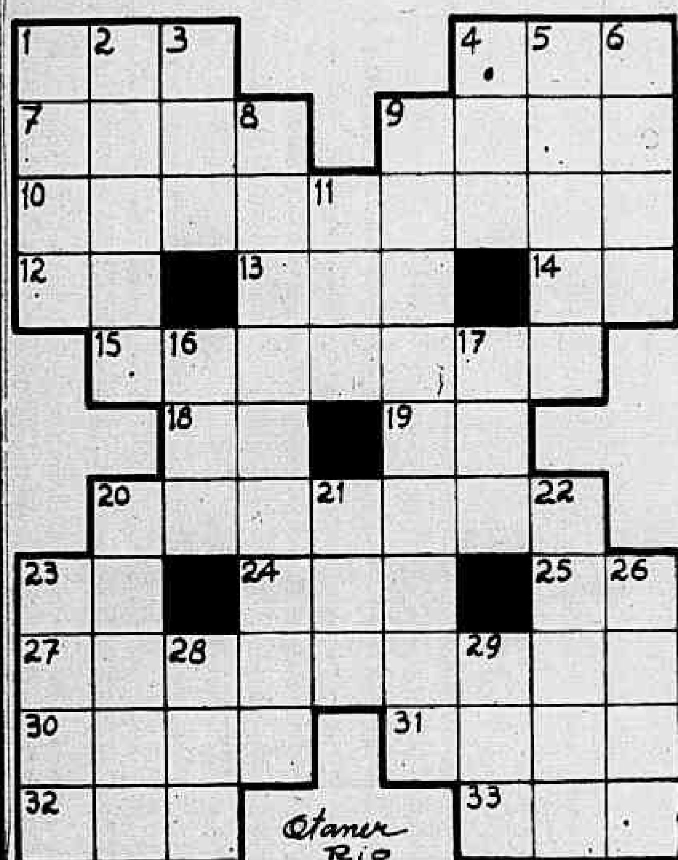
A mais surpreendente revelação dos esgotos de aço de Gregório Fortunato é a correspondência que mantinha com comunistas e os pedidos que ao seu prestígio eram dirigidos. Mas as ligações de caráter político não deixaram também de existir.

Josué Guimarães (êle é deputado estadual pelo PTB gaúcho) que, em maio representara o Brasil em diversos congressos comunistas, escreve

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 33

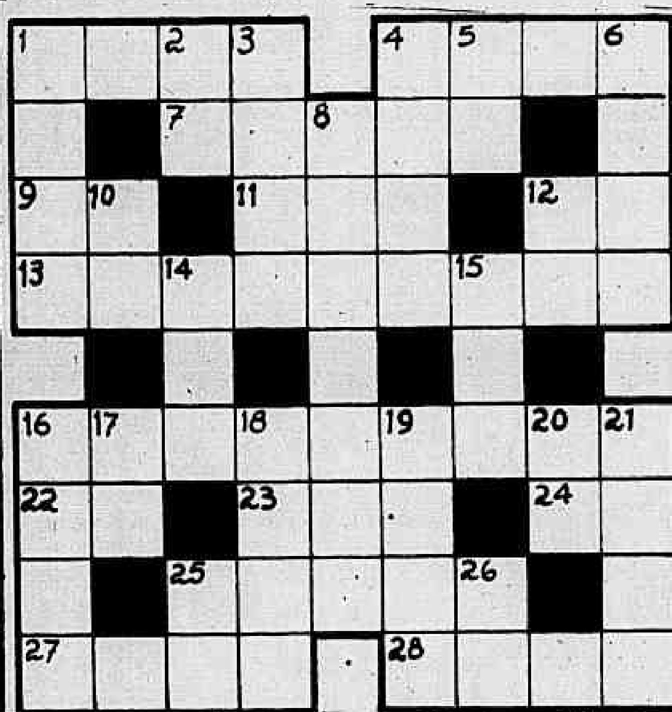
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Castigai fisicamente — 4. Medida holandesa de capacidade para líquidos — 7. Dar grito de alarme — 9. Astúcia — 10. Terreno apaulado com pastagens — 12. Nota musical — 13. Gênero de serpentes de maior grandeza não venenosas — 14. Interjeição de espanto — 15. Sobressair — 18. Cidade da Noruega — 19. Cidade da Caldéia — 20. Ferrar — 23. Desinência verbal — 24. Zombar — 25. Ninfa convertida em ilha — 27. Planta da família das Leguminosas (pl.) — 30. Insiste muito — 31. Bonzo — 33. Pedido de socorro.

VERTICAIS: — 1. Um par — 2. Cicatriz branca da córnea — 3. Prosseguiam — 4. Cem metros quadrados — 5. Um dos nomes da Constelação do Touro — 6. Curinga — 8. Palavrório que nada prova nem conclui — 9. Capturar — 11. Relação — 16. Rio da Tcheco-Eslováquia, afluente do Danúbio — 17. Constelação austral — 20. Abelha silvestre — 21. Órgão secretor e excretor — 22. Conjunto de sêres com caracteres comuns — 23. Bebedeiras — 26. Ligeireza — 28. Nome de homem — 29. Tapeçaria antiga.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — -. Estado do Brasil — 4. Colocará — 7. Rezais — 9. Símbolo do rádio — 11. Antigo vaso grego de uma só asa — 12. Perversa — 13. Aprazível; que agrada — 16. Servir de alcoviteiro — 22. Ama-sêca — 23. Rente — 24. Tecido finíssimo — 25. Emudecer — 27. Retirar-se — 28. Pouco profunda.

VERTICAIS: — 1. Fruto da pereira — 2. 17ª letra do alfabeto grego — 3. Cofre; tesouro — 4. Calca; põe os pés sôbre alguma coisa — 5. Artigo masculino plural — 6. Terra arroteada e própria para cultura — 8. Que pode ser ouvido — 10. Símbolo da prata — 12. Variação de «eu» — 14. Espécie de águia muito grande — 15. Medida holandesa de capacidade equivalente a um hectolitro — 16. Rebordo de chapéu (pl.) — 17. Ali — 18. Discursar — 19. Rio da Alemanha, afluente do Danúbio — 20. Outra coisa — 21. Mulher formosa — 25. Cento e um — 26. Batráquio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 32

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — afim — faca — Cam — dar — alar — calp — menológio — alote — anu — angra — evidência — vero — ousa — ata — tim — raro — dasi.

VERTICAIS: — acama — fale — imana — adage — cali — arpoa — Rolando — coturno — longe — levar — airar — acuta — caami — veta — Isis.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — pêta — reta — áreas — Ra — eis — pi — ôca — atira — ama — ora — atora — aça — ta — ano — Am — acaso — maca — orar.

VERTICAIS: — puro — ta — are — rasto — és — Ásia — eia — acata — praça — amo — ira — araca — atam — Ana — amar — oso — A.C. — or.

GREGÓRIO

de Paris solicitando-lhe para que providenciasse facilidades de desembaraço de «propaganda» para Jango Goulart.

Em 27-7-52 Josué Guimarães volta a comunicar-se com êle:

— «Gregório, um abraço. Os portadores desta, srs. Oto da Rocha e Silva e Américo Barbosa de Oliveira vão ao palácio a pedido do (ilegível). Ambos foram à Conferência de Moscou, e levam documentos interessantes sôbre os problemas econômicos. Peço ao amigo que os encaminhe ao Jango. Muito obrigado. Do «bolchevique» Josué».

O pedido para garantir o retôrno de Jorge Amado, após longa permanência na Rússia, também foi dirigido a Gregório, em carta já apreendida.

CORRESPONDENTES DE GREGÓRIO

A Gregório comunicavam líderes estaduais do PTB o andamento dos acontecimentos. José Ribeiro da Silva do PTB de Minas escreve a Gregório para denunciar os srs. Israel Pinheiro, Benedito Valadares e Ovídio de Abreu de conspirarem contra o Presidente Vargas. Um comissário de polícia de Pôrto Alegre faz a Gregório em relatório minucioso, uma análise da situação política do Rio Grande, com a possibilidade de cada partido.

O sr. Félix Cardoso informando que não se preocupasse porque a greve dos empregados das indústrias de bebidas (5-1-54) fôra inspirada pelo próprio Ministro do Trabalho, Jango Goulart. E o diretor da Divisão de Material dos Correios e Telégrafos acusando o diretor, coronel Adacto de Melo, como elemento de Ademar de Barros. Tendas Espíritas convidando o «tenente»; e os caboclos e pai de santos apelando para o prestígio de Gregório a fim de conseguir-lhes emprêgo a algum descuida crente.

De tudo Gregório se inteirava e por quase todos era cortejado.

Roberto Alves escreve-lhe de Monte Carlo; o general Morais Âncora (chefe de polícia) faz uma linda comunicação de fim de ano: «Ao Gregório com as saudações cordiais, o Âncora envia singelas recordações de entradas de 1954». E' o diretor dos Correios Adacto de Melo que lhe comunica atendimento de nomeação de duas pessoas que Gregório pedira; é o (então) presidente do IAPETC, Oscar Stevenson que lhe diz, em carta de 27 março de 1951: «Meu caro Gregório. Ando com muitas saudades de você». E finaliza: «Aqui vai o forte abraço da amizade certa do inteiramente seu».

O mais assíduo correspondente de Gregório era o coronel João Cabanas, suplente de deputado, sempre vigilante, sempre missivista, sempre solicitante. O coronel Cabanas tinha sempre alguma coisa de muito grave para comunicar a Gregório e êste transmitir ao Presidente Vargas. Mandava-lhe, para isso, bilhetes dentro de cartas e lembretes dentro de bilhetes para que Gregório desse a devida importância ao assunto. Às vêzes mudava de tom pedia a Gregório que fizesse uma «forcinha» pelo irmão que estava no escritório comercial de Roma para um cargo mais seguro como o delegado fiscal da Prefeitura.



Roberto Alves, secretário particular que começou como lavador de banheira, num instantâneo em Itu, antes da reassunção de Getúlio Vargas.

Ou o do pelego José Gomes Talarico que implora a Gregório que não desse ouvidos às intrigas que pretendiam afastá-lo de suas graças; ou Samuel Wainer que envia «a meu chefe» uma caixa de charutos; ou Vítor Costa que além da contribuição de 100 mil cruzeiros para a Guarda Pessoal, incomodava Gregório com bilhetinhos escritos de dentro do próprio Palácio desculpando-se de não poder visitá-lo. Ou reclamando de não o ter avistado.

BORGHI PEDE SOCORRO

Gregório organizava listas inteiras de nomeação, mandava-as a um Instituto qualquer, e os candidatos do camareiro do Catete eram imediatamente atendidos.

O prefeito Dulcídio Cardoso nomeou, de uma só vez, seis capangas da Guarda Pessoal, como oficiais administrativos, classe J, inclusive o famoso assassino João Caduri, e o espancador do jornalista J.E. de Macedo Soares, em 1945, Ernesto Feijó.

Ricardo Jafet, presidente do Banco do Brasil, escreve de Londres a Gregório. E Benjamin Cabello pede emprêgo para amigos na Guarda Pessoal.

Hugo Borghi de cuja política e partido Gregório era o dono, escreve de New York para queixar-se de que Georges Galvão de o «Radical», o ameaçara de escândalo, iniciando uma chantagem. Solicita-lhe, então, a valiosa interferência.

INTERCEPTAVA CARTA DOS VARGAS

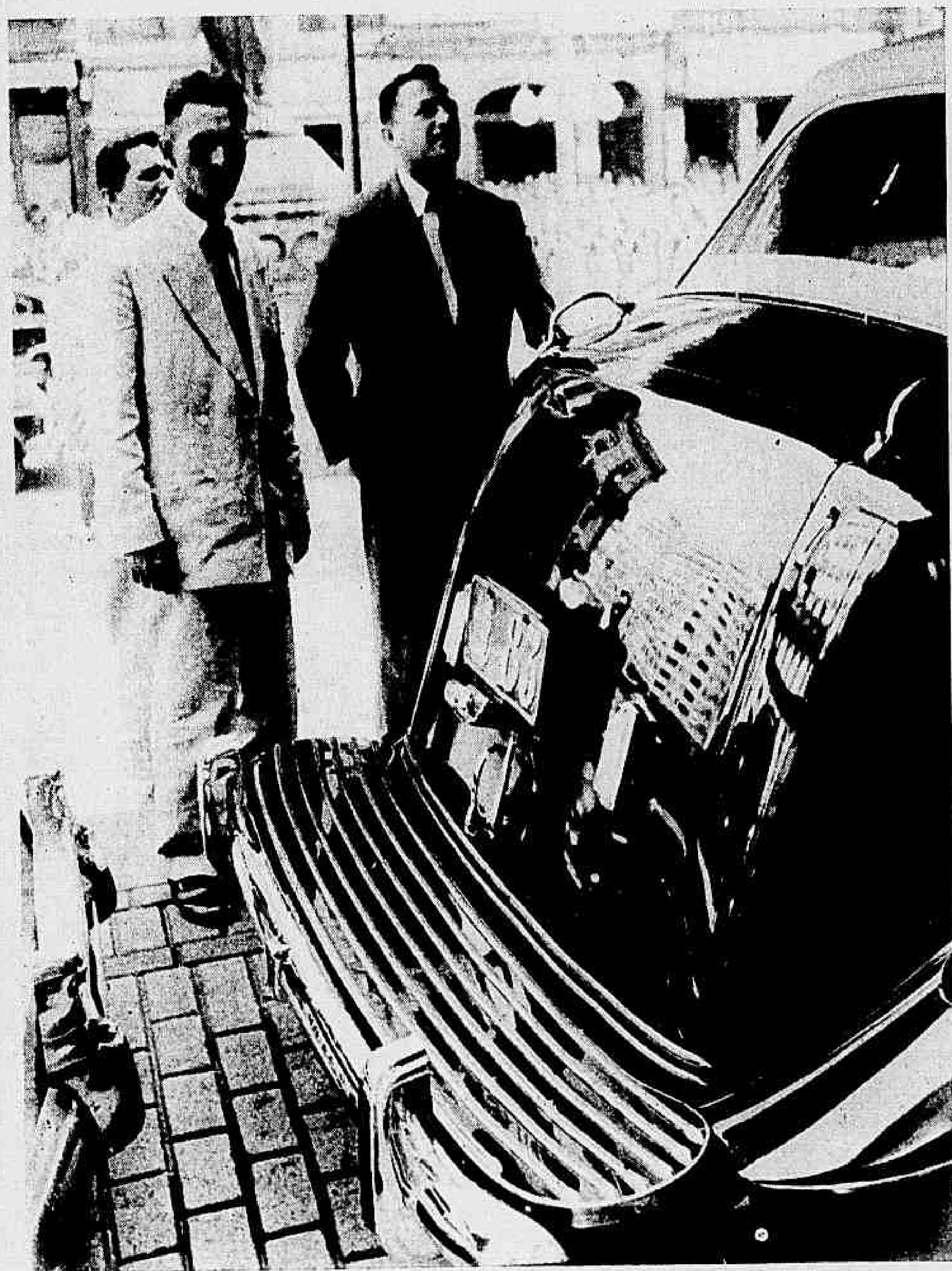
A audácia inicial de Gregório Fortunato que se transformou mais tarde, insistindo nela, em prestígio, extremou-se quando conseguiu interceptar uma carta trocada entre dois irmãos do Presidente da República. O sr. Protásio Vargas escrevia (em 17 de novembro de 1952) a seu irmão Spartaco Vargas, criticando a política do govêrno, no tocante a auxílio para a lavoura . E esta carta estava nos arquivos inconfessáveis de Fortunato.

Euvaldo Lodi (pelo SESI), o Ministério do Trabalho, Vítor Costa (pela Rádio Nacional) uniam-se aos bicheiros da capital da República para sustentar, o sestro, o vício, a vaidade, a ambição do Richelieu tupiniquim. Vítor Costa chegou a colocá-lo como funcionário da Rádio Nacional com Cr$ 30 mil mensais e deu-lhe 500 mil cruzeiros que foram depositados no Banco da Prefeitura em nome de Félix Cardoso (guarda pessoal).

Gregório tinha negócios sob oito nomes diferentes. Possuía (além das propriedades conhecidas) uma fazenda de café em Cascavel, no Paraná, fazendas de criação no Rio Grande, o mercadinho em Copacabana e firmas em São Paulo.

Gregório era a sombra que cobria o Catete dono de quase todo, íntimo de quase todos, em cujo sub-govêrno se praticaram quase todos os crimes previstos no Código Penal. Em seus arquivos há um «trailler» das negociatas de uma camarilha desmoralizada e infame. Quando uma bala 38 fêz parar o coração do Presidente por todos traído, encerrou-se também o seu reinado.

O homem que está hoje no Galeão (chama-se Gregório Fortunato) é um pobre diabo à espera de julgamento e condenação.



O carro 83, da Presidência da República, dispunha de um estribo todo especial, sôbre o qual se equilibrava Gregório quando Vargas nêle estava.

Flash carioca

PAULO ANDRADE LIMA



Cleofas



Braga



Lacerda

● INDEPENDÊNCIA — Os empregados que trabalham na residência do «leader» udenista, Odilon Braga, logo que tomaram conhecimento da morte de Getúlio Vargas, foram, incorporados, prestar as últimas homenagens ao Presidente tràgicamente desaparecido.

● NOMEAÇÃO — A indicação do Coronel Paula Soares para a Carteira Agrícola e Industrial do Banco do Brasil foi do Governador Munhoz da Rocha. O atual Secretário das Finanças do Paraná é elemento destacado da U.D.N.

● RELAÇÕES PÚBLICAS — Quem apresentou os jornalistas Joel Silveira e Aluísio Acioly ao ministro Seabra Fagundes, titular da Pasta da Justiça, foi o ascensorista do I.A.P.C.

● E NÃO HA DINHEIRO — A maioria dos sócios dos clubes de Golf do Rio e São Paulo disputam as suas partidas do elegante esporte, mediante apostas astronômicas. Consta que, na semana passada, o sr. Francisco Matarazzo Netto perdeu, num só dia: duzentos e oito mil cruzeiros.

● AUTOMÓVEIS OFICIAIS — A maior concentração de Chapas Brancas fina na rua Toneleros, nas imediações da residência do jornalista Carlos Lacerda.

● PAPAGAIO — João Cleofas, candidato ao Govêrno de Pernambuco, a fim de atender a despesas eleitorais, descontou nesta capital um título de um milhão de cruzeiros.

● POLITICA FINANCEIRA — Parece que existe uma forte resistência, visando dificultar a criação do Banco dos Municípios de São Paulo. A iniciativa do empreendimento, que viria amparar permanentemente a lavoura e o comércio, é de Mário Eugênio, atual presidente da Caixa Econômica do Estado.

● ARRECADAÇÃO — A arrecadação da Alfândega de Santos sofreu um aumento considerável com a administração de José Fortes, nomeado inspetor, quando titular da Fazenda o ministro Osvaldo Aranha.

● A ALFÂNDEGA TAMBÉM SABE — A bagagem do «chauffeur» do nosso representante diplomático, Vítor Carvalho, foi apreendida pelas autoridades aduaneiras, juntamente com a de mais três chineses e dois turcos. As mercadorias pertenciam a uma senhora do «Café Society», que já é conhecida nesse gênero de comércio.

Di Cavalcânti reúne a inteligência para ver seus quadros.

José Lewgoy foi o prêmio de consolação -- A Rainha Doente

PETER

● A título de curiosidade, resolvi transcrever hoje uma crônica publicada, nesta revista, no segundo semestre do ano de 1918. É escrita por cronista que se assina M. de A. «O Municipal tem hoje o aspecto dos dias excepcionais: sente-se-lhe uma tepidez, um enlêvo de ambiente simpático. A notícia de um original brasileiro aumentara o desejo do fascinante Brulê. Há uma sala completamente cheia. Num relancear d'olhos, vejo a sra. Alberto de Faria, com um belo vestido argento, e suas graciosas filhas Lucília, de charmeuse granada, e Maria Teresa, tôda de branco: a sra. Sampaio Araújo, uma esplêndida toilette de gaze púmbea e sombra laranja; a senhorinha Odete Young, de branco; a sra. Henrique Van Erven, lindíssimo vestido rose du Barry; a sra. Francisco Valadares, gaze e bruxelas creme, sombra rosa pálido; a sra. Alberto de Faria, filho, toilette muito distinta, gaze e sombra rosa; a senhorinha João Proença, musselina rubi...

No camarote presidencial, um representante do chefe da Nação. Em frente, no seu camarote, o prefeito Amaro Cavalcânti e pessoas de sua família: a sra. Amaro Cavalcânti, cujo vestido, admirável de gôsto, é côr de topázio, e a sra. José Linhares, com uma toilette de sêda branca, graciosa e souple. Vejo entrar a sra. e senhorinha Hime Masset, a sra. Lorival Souta, as senhorinhas Nina e Judite Nogueira Borges, a ilustre diseuse Angela Vargas.

Num grupo gentil, as senhorinhas Miguel Pereira, dous cherubins rafaelescos, scintilam, envolvidas nas suas túnicas de gase e lantejoulas, sôbre charmeuse rosa. Cumprimento agora a sra. Licínio Cardoso, cuja toilette negra, coberta de strass e vidrilho, é um magnífico pailleté de Worth e a sra. Stella Duvil, delicada e nobre, com um levíssimo vestido de gase graúna.

De pé, junto da sua poltrona, o pequeno binóculo madrepérola procurando detalhes da sala esplêndida, a senhorinha Felinto de Almeida, um lindíssimo vestido de musselina branca, blusa de valencianas, abrindo em opulento decote. Paul Claudel, fino diplomata e brilhante poeta, entretém palestra com o sábio Dumas, cuja farda azul mescla lhe dá viva nobreza aos formosos cabelos brancos e fartos.

Neste momento, deve começar a comédia de Berr e Verneuil...

DI CAVALCANTI EXPÔS

Todos os setores da inteligência humana e da elegância estiveram representados na exposição de pintura do sr. Di Cavalcanti, promovido pelo Museu de Arte Moderna, esta magnífica realização da sra. Niomar Muniz Sodré e outros idealistas. Compareceram os ministros Alencastro Guimarães e João Neves da Fontoura, os cronistas Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Rubem Braga, Millor (Vão Gôgo) Fernandes, Hélio Fernandes, os críticos de arte Flávio de Aquino e Antônio Bento, os srs. Celso Kelli e Ranulfo Bocaiuva da Cunha, os poetas Carlos Drumond de Andrade e Manoel Bandeira, o teatrólogo Pascoal Carlos Magno, as ceramistas Ubaldina Muller e Myrian Cardim Magalhães (com um belo «ensemble» cognac), os jornalistas Fernando Tude de Souza, Anibal Machado, Simeão Leal, os pintores Ivan Serpa e Ranino Martins, os arquitetos Jorge Moreira, Mauro Muller e Afonso Eduardo Ridy, o paisagista Burlemarx, os casais Francisco Cardim, Haroldo Garcia Braga, Villas Lobo, Paulo Carneiro, Luiz Coelho, de São Paulo, e as srts. Yeda Fontes, Cássio Fonseca (interesante e simpática), Luiza Barreto Leite, José Carlos Laporte, sr. Aloísio Salles, bailarina Patina Lescova e srtas. Yara P. Goes e Alda Pires.

Pelo que realmente representa esta lista de nomes, pode-se ter uma idéia do grande sucesso que foi esta exposição de Di Cavalcanti que fêz passear sua gorda e constante simpatia.

MINISTRO B. FRAGOSO

O ministro Bolitreau Fragoso, chefe do Departamento Administrativo do Itamarati, está prestes a receber uma promoção. Assim que isto acontecer, seu substituto provável será o sr. Pires do Rio. Promoção justa.

DOENTE A RAINHA

Enquanto Leopoldo (o rei) paseia de um lado para o outro, impaciente com a doença que aos poucos vai consumindo a vida da sua queridíssima «Queen», os médicos usam todos os mais modernos processos científicos.

Estas foram as notícias que me chegaram do «Zoo» da Quinta, enquanto tôda cidade aguarda com emoção o resultado do nascimento do herdeiro do trono.

PRÊMIO DE CONSOLAÇÃO

Assim que nos aproximamos do ator José Lewgoy, no Salão Verde do Copa, onde tomava seu «lunch», êle nos disse com bom humor: «Eu sou o prêmio de consolação». A explicação era muito simples: todos que estavam amontoados à porta do Copacabana, à espera (inútil) da atriz Ava Gardner, vendo ali o ator nacional, pediam-lhe seu autógrafo. Para os que não conseguiram a assinatura da Gardner (que foram todos) êle foi, realmente o prêmio de consolação. Por sinal, Lewgoy ficará barbado por três meses ainda.

LANÇADO O COSTUREIRO

Foi muito lida e comentada a reportagem do sr. Haroldo Damásio a respeito do costureiro Nazareth. Trata-se de um profissional que, embora dos bons, ainda não tinha tido seu nome mais comentado por falta de lançamento, falta esta provocada por sua completa alergia às referência ao seu nome. Parece que o sr. Haroldo Damásio quebrou o «tabu».

DESPEDE-SE FAFA LEMOS

No «Le Gourmet», o «Clube do Ferrolho» homenageou o violinista Fafá Lemos que volta para os Estados Unidos onde vem atuando com grande sucesso. Compareceram os amigos de Fafá que são muitíssimos. Boa viagem.

SINGERY & DUVIVIER

A rua Toneleros ficou repleta de automóveis. Dezenas de pessoas acorreram à casa do sr. e sra. Robert Singery. Nesta festa, apareceu em sociedade pela primeira vez, depois de seu regresso da Europa, o colunista Jacinto de Thormes. Depois do «cock-tail», muitos convidados dirigiram-se para a residência do casal Eduardo Duvivier que ofereceu um «souper» para mais de cem pessoas. Pretendíamos escrever duas longas notas, sôbre êstes dois acontecimentos sociais de relêvo. A premência de tempo, porém, obriga-me a ser breve. Próxima semana contarei com mais calma. (**Fotos «Rio Magazine»**).



O sr. Otávio Guinle sorri satisfeito com o sucesso que é o «Meia-Noite»



O senhor Ermelindo Matarazzo, nomeado diretor de várias organizações mudou-se para S. Paulo.

Suprema distinção da cútis



OS PERFUMADOS SABONETES
de
MYRURGIA

MAJA • MADERAS • SUSPIRO



Casas, ruas jardins, eis o programa que o I.A.P.C. vem desenvolvendo em favor dos seus segurados.

REALIZAÇÕES DO I.A.P.C.

A descentralização dos serviços médicos e de assistência social trouxe reais benefícios à laboriosa classe dos comerciários, livrando-os dos incômodos e demoras causadas pelos vícios burocráticos. O aumento de auxílios natalidade, doença e funeral; as aposentadorias, cujo sistema de cálculos foi grandemente alterado bem como o pagamento de pensões aos herdeiros, além do novo e interessante aspecto apresentado pelos dispositivos regulamentares agora introduzidos para facilitar e readaptar os aposentados por invalidez, são serviços inestimáveis prestados diretamente aos segurados do Instituto.

Com as melhorias introduzidas pelo novo regulamento, o plano de benefícios passou a constituir uma obra efetiva e fecunda em favor dos comerciários de todo o Brasil. Não houve apenas o aumento dos valores dos auxílios, mas também, dos seguros, já que as aposentadorias passaram a ser calculadas sôbre os vinte e quatro meses à taxa de 70%, quando antes eram calculadas à base de 52% dos salários.

As pensões sofreram outrossim, modificações substanciais, tendo sido instituído o sistema de parcela familiar, adicionada de quotas individuais, distribuídas por tantas pessoas quantas constituíram o grupo de beneficiários. Essas modificações trouxeram, a par de outras, melhoria ponderável no plano de benefícios, podendo-se afirmar, neste sentido, que o I. A. P. C. está cumprindo plenamente suas finalidades básicas. Os hospitais e ambulatórios espalhados pelo Brasil afora e os que estão planejados, confirmam o dinamismo da atual direção.

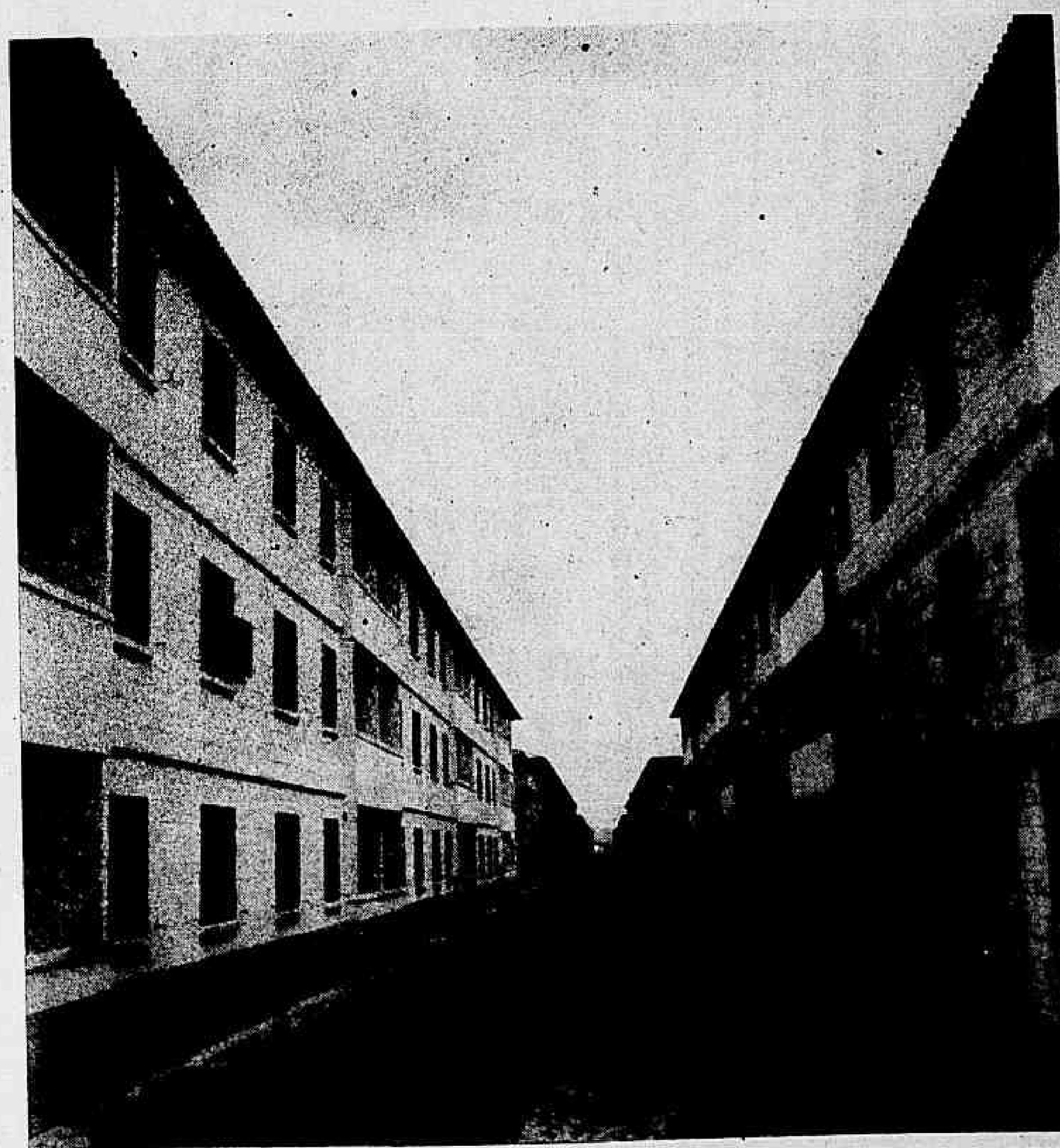
Ainda não se passaram muitos dias em que foi publicada a relação dos comerciários beneficiados com quase duas centenas de casas no conjunto de Irajá, e outras moradias para os associados dessa instituição de previdência social estão sendo terminadas em outros conjuntos residenciais, além do con-



Vista geral de um conjunto, onde se pode observar o apuro e a elegância das casas

junto especial do Jardim de Allah, para jornalistas profissionais e a Casa da Comerciária, em Laranjeiras.

Mas não é apenas na capital do país que se faz sentir diretamente a ação fecunda do I.A.P.C. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul verifica-se a mesma febre de bem servir aos comerciários, amparando-os dentro das possibilidades do Instituto. Há dias, Belo Horizonte assistiu a inauguração do moderno conjunto residencial de Hernani Maia. Em São Gonçalo, Estado do Rio, também foi inaugurado o conjunto residencial João Goulart. No Rio Grande do Sul, empreendimentos desta natureza estão sendo executados. Em Corumbá, no longínquo Mato Grosso, um moderno conjunto residencial será inaugurado dentro em breve. Sem falar em São Paulo, onde o I.A.P.C. tem construções em andamento nas cidades de Bauru, Marília, Taubaté, Barretos, Santos, S. Carlos, Sorocaba, Pestana, Piracicaba, Araraquara, Araçatuba, Itapetininga, Catanduva, Butantan, Agua Rosa, etc. E além de tudo isto, o I.A.P.C. inaugurou recentemente em São Paulo a Casa de Trânsito, instituição destinada a abrigar os comerciários do interior do Estado que cheguem a Capital à procura de assistência médica, evitando despezas com hotéis e pensões. E finalizamos citando o Hospital dos Comerciários, considerado o mais moderno e o mais completo da América do Sul.



Aspecto de uma rua nu.n dos conjuntos residenciais erguidos pelo I.A.P.C. — a visão é dinâmica.

Ouça as melhores cantoras do Brasil exclusivas da

RÁDIO RECORD

- ARACI DE ALMEIDA
- CARMÉLIA ALVES
- ELIZETTE CARDOSO
- ELSA LARANJEIRA
- ESTER DE SOUSA
- INEZITA BARROSO
- ISAURA GARCIA
- NEIDE FRAGA

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Flash Paulista

HÉLIO ABREU


Jafet


Borghi


Lodi

● MELHORA A POSIÇÃO DE PRESTE MAIA. A atitude do sr. Hugo Borghi, retirando a sua candidatura ao govêrno de São Paulo em favor de Prestes Maia, vem de colocar em posição previlegiada a candidatura situacionista. Com efeito, o colégio eleitoral borghista representa nada menos que 100 mil eleitores, e isto na pior das hipóteses. O gesto do líder marmiteiro é interpretado pelos observadores da política paulista como mais uma vitória do sr. Lucas Nogueira Garcez, que não tem poupado esforços no sentido de legar os Campos Elíseos a um sucessor que esteja à altura das tradições do povo de São Paulo.

● JAFET NÃO TELEGRAFOU A GREGÓRIO. O sr. Ricardo Jafet desmentiu a notícia de que tivesse telegrafado ao «tenente» Gregório, hipotecando sua solidariedade àquele pistoleiro. O referido telegrama data de Pôrto Alegre e foi enviado à Base do Galeão. Acontece, porém, que há mais de três anos não vai o sr. Jafet a capital gaúcha, o que prova ser apócrifo o discutido despacho.

● JUAREZ TOMOU CONTA DE S. PAULO. A recente visita do chefe do Gabinete Militar da Presidência da República a Piratininga, constituiu enorme êxito para o govêrno do sr. Café Filho. Com o brilhantismo que lhe é peculiar, defendeu s. excia. a tese da participação nos lucros, velha aspiração dos trabalhadores brasileiros, e que aliás consta da Constituição de 1946. O general Juarez Távora, como todo mundo sabe, é também um dos mais ardorosos defensores da campanha em prol do petróleo nacional.

● BOA, EM S. PAULO, A POSIÇÃO DE LODI. Os recentes e lamentáveis acontecimentos que enlutaram as Fôrças Armadas e o país nos quais surgiu o nome do deputado Euvaldo Lodi, acusado que foi por Gregório Fortunato como elemento interessado na eliminação do jornalista Carlos Lacerda, não chegaram a comprometer a posição do conhecido industrial, em São Paulo. Muito embora haja opiniões divergentes, a grande maioria dos industriais paulistas está certa da ausência de Euvaldo Lodi no atentado da rua Toneleros.

● PIZA FORA DO PÁREO. Já não resta mais dúvida de que será mesmo retirada a candidatura do sr. Wladimir Toledo Piza (Piza lanterninha) a governança de São Paulo. O P.T.B. que sempre foi um partido de alas, não conseguiu aglutinar em tôrno de seu nome fôrça bastante para o embate de outubro. Fala-se muito num possível apoio dos elementos que ora acompanham Piza, a Jânio Quadros. Entretanto uma coisa é certa: quem vai se consolidando é o sr. Prestes Maia, candidato que vem merecendo as preferências da corrente verdadeiramente getulista da referida agremiação.

● NENHUMA VIOLÊNCIA CONTRA ADVERSÁRIOS. O sr. Plínio Cavalcante, Secretário de Segurança do Estado de São Paulo, adotou uma linha de conduta que merece um registro especial. S. Excia. instruiu as autoridades sob seu comando no sentido de procederem com maior espírito de justiça e imparcialidade no pleito que se vai ferir no próximo mês.

● PAIS DE ALMEIDA NÃO ACEITOU a presidência do Banco do Brasil, que lhe foi oferecida pelo ministro Eugênio Gudin. Preferiu o Secretário da Fazenda de São Paulo permanecer no pôsto atual, honrando destarte os compromissos que o prendem ao Governador Garcez. Esta atitude vem de confirmar o conceito que os paulistas fazem do sr. Sebastião Pais de Almeida.

O TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA. NO GINÁSTICO

BRUTUS PEDREIRA

● Nós, responsáveis por seções de semanários, damos, sempre, a impressão de chegarmos atrasados. O tempo que requerem o preparo e a impressão da revista faz com que os nossos escritos cheguem, às mãos dos leitores, envelhecidos de, ao menos, quinze dias, quando não de vinte e cinco. Ao vermos reportagens impressas, de fatos acontecidos a menos de uma semana, os olhos se nos encompridam de inveja e somos obrigados a supor, com um ressaibo de amargura, que as fadas benfazejas só rodeiam os berços dos repórteres. Não sei, portanto, se, publicada esta crônica, ainda estará em cena «Assim é (se lhe parece)», peça com que o Teatro Brasileiro de Comédia, de São Paulo, se apresentou à platéia carioca. O prazo marcado para sua permanência em cartaz era de quinze dias, contados da data da estréia, 1º do corrente mês. Já deve, pois, ter sido substituída por «Antigona», de Anouilh, e «O Pedido de Casamento», de Tchehov, quando êste número da revista sair. A respeito de «Assim é (se lhe parece)», já falei, quando da sua representação em São Paulo. A transferência para o Rio em nada modificou o espetáculo, excetuando o elenco feminino que, com excessão de Cleyde Yaconis e Lea Surian, é novo. Mantidas foram suas altas qualidades de interpretação, ritmo, integração dos atores nos personagens, encenação minuciosamente cuidada. O apuro e a segurança da direção de Adolfo Celi deu ao conjunto um equilíbrio, uma homogeneidade, um desempenho coeso, que nos permite ver, nos diversos papéis, maiores ou menores exigências técnicas, maior ou menor extensão; nunca, porém, supremacia de qualidade de uns sôbre outros. Desde os protagonistas, Cleyde Yaconis e Paulo Autran, até a ponta feita por Benedito Corsi, no Camareiro, evidencia-se a mesma dignidade profissional: o elenco transformado em equipe a serviço da peça; os atores, despidos de qualquer pretensão ou veleidade pessoal, anulados, por assim dizer, como criaturas humanas, na encarnação dos personagens. Sério e belo espetáculo. Seríamos injustos se particularizássemos os elogios que devem englobar a todos: diretor, atores, técnicos. É o que fazemos.

QUINTETO CHIGIANO

● Foi uma grande noite musical, a que nos proporcionou a Associação Brasileira de Concertos, com a oportunidade que nos deu de ouvir e apreciar o Quinteto Chigiano, um dos conjuntos de música de câmara de maior renome, na atualidade. Não só o formam cinco executantes de primeiríssima classe, como, também, da mesma ordem são os instrumentos do quarteto de cordas, obras dos célebres «luthiers» Camillo Camilli, Giambattista Guadagnini, Nicola Amati e Antonio Stradivarius. Êsses instrumentos, de grande valor, não só por sua raridade como por suas excepcionais qualidades sonoras, pertencem à coleção particular do Conde Guido Chigi-Saracini, fundador e presidente da prestigiosa Academia Chigiana, sobejamente conhecida nos círculos artísticos europeus, por seus excelentes cursos e semanas musicais, que atraem a Siena grande número de críticos, executantes, estudiosos, musicólogos e melômanos. Em 1939, o Conde formou o Quinteto, com os melhores alunos da Academia e confiou-lhes os instrumentos em que, até hoje, têm executado seus concertos, com uma uniformidade e beleza de som raramente ouvidas. Acrescente-se a isso a técnica dos instrumentistas e sua musicalidade, que põe o virtuosismo ao inteiro serviço da obra interpretada, sem permitir, um instante sequer, que êle valha por si mesmo, mas empregando-o, apenas, como veículo de transmissão da idéia do autor. Constaram do programa os quintetos de Boccherini, César Franck e Brahms. Três execuções magistrais. Se bem que os três sejam cimos na literatura musical do gênero, é de lamentar que o notável conjunto italiano não nos tenha feito ouvir um quinteto de autor contemporâneo. A lista de seu repertório registra os de Bloch, Malipiero, Shostakovitch, Respighi e outros, inteiramente desconhecidos, para nós. Em todo caso, agradeçamos à Associação Brasileira de Concertos a bela noite que nos proporcionou e esperemos torne a incluir o Quinteto Chigiano em suas futuras programações.

NOTAS DE SÃO PAULO

INFORMAM-NOS que a representação de «A Filha de Iório», de D'Annunzio, encenada, em São Paulo, em homenagem à colônia italiana que ali se radicou, foi sensìvelmente prejudicada pela ausência do Côro, retirado, à última hora, por ordem do Prefeito. O espetáculo, dirigido por Ruggero Jacobbi e contando com Cacilda Becker e Sérgio Cardoso nos principais papéis, prometia ser um dos grandes acontecimentos nas festas do IV Centenário. Tal não se deu. Razão apresentada, como causa do ato do Prefeito: o produtor dos espetáculos, Raul Guastini, organizara-os com intuitos muito mais eleitorais que artísticos, e como propaganda de sua própria candidatura a não sei que cargo. Por ser o Côro entidade afecta à Prefeitura, entendeu o Prefeito, com razão, que não deveria o mesmo servir de meio publicitário dos interêsses particulares de quem quer que fôsse. E mandou retirar o Côro. Quem pagou o pato foram os espetáculos.



MARIA CLARA MACHADO, ao lado do cartaz de «O Rapto das Cebolinhas», com que «O Tablado», no teatrinho do Patronato Operário da Gávea, aos sábados e domingos à tarde, faz as delícias da gente miúda da Zona Sul.



CÉLIA BIAR e LUIS CALDARARO, em uma cena de «O Pedido de Casamento», de Tchekov, que, com «Antigona», de Anouilh, forma o segundo cartaz do Teatro Brasileiro de Comédia, no Ginástico.

«OS ARTISTAS UNIDOS», liderados por Mme. Morineau, mudaram de cartaz. A nova peça é «Daqui não saio», estreada com êxito de crítica e de bilheteria. O teatro Leopoldo Fróis tem tido ótima concorrência.

«UMA MULHER EM TRÊS ATOS», de Milor Fernandes, está em cena, no Pequeno Auditório da Cultura Artística. Substituiu «Elas são formidáveis!», de Roussin, peça com que Armando Couto iniciou sua temporada dêste ano.

JÁ ESTÁ EM ENSAIOS «Lampião», de Raquel de Queiroz, com que Sérgio Cardoso estreará a série de espetáculos programados para sua companhia, no Leopoldo Fróis. A inauguração de seu teatro próprio dar-se-á em fevereiro próximo.

NO TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA, da Rua Major Diogo, o elenco que lá ficou continua representando, com grande êxito, «Negócio de Estado», de Verneuil, dirigido por Ziembinski e representado por êle, Tônia Carrero, Margarida Rey, Jardel Filho e Josef Guerreiro.

EM SANTA TERESA: O EDIFÍCIO ROLOU



Eis como o edifício rolou pelo morro: no lugar onde antes se levantavam 6 andares, só resta um montão de pedras, onde tantos perderam a vida.

MAIS um edifício que desaba fragorosamente. O Rio de Janeiro é o único lugar do mundo onde os edifícios desabam desta maneira, causando invariàvelmente dezenas e dezenas de vítimas. Triste cidade esta, onde de vez em vez uma casa se recusa a ficar de pé, como um protesto por tudo o que vai errado entre nós. Triste cidade, repetimos, onde há arquitetos, empreiteiros e construtores que erigem edifícios mancos e sem garantias, numa perpétua ameaça à vida de seus moradores. Indagamos após esta lamentável catástrofe: quantos prédios ainda existem em tal estado, interditados ou não?

A tragédia de Santa Teresa tem um significado. Entregue ao público

PELO MORRO ABAIXO



Vê-se a comoção com que esta ferida sai de sob os escombros...



Penoso trabalho dos bombeiros: são muitos os feridos.



Um morto ou um ferido em cada cinco minutos...



E ainda há o doloroso trabalho de reconhecimento...

há quatro anos, e desde essa época periclitante, sòmente no dia do desabamento teve interdição oficial, às 10 horas da manhã, duas horas e meia antes de ocorrer o sinistro. O significado dêste horroso acontecimento é que precisamos ter mais zêlo com nossas vidas, mais cautela com nossas obras, menos confiança em certos construtores apressados.

Lembremo-nos ainda que o desabamento ocorreu precisamente meio dia e meia, hora do almôço, quando funcionários se achavam em casa. O edifício estava cheio. Após o violento estrondo, houve um grande silêncio. E possìvelmente em vários escritórios os lugares ficaram vagos, enquanto sob as ruínas ainda se agitavam vidas que seriam preciosas

O prédio cheio de gente virou um montão de pedras



Começa o penoso trabalho dos bombeiros para achar os mortos...



Foi êsse o instante em que apareceu o primeiro ferido.

para os seus. Foi grande o número de mortos, maior o de feridos. Autoridades, como sempre sucede, compareceram ao local do desastre. Quatrocentos homens do Corpo de Bombeiros, soldados da Aeronáutica e povo, irmanados, trabalharam horas seguidas para salvar os sobreviventes e retirar os mortos do entulho. Alguns jornais relataram a chegada das macas ao Hospital de Pronto Socorro, e puderam constatar a incúria daquela casa, com os feridos aguardando, sem socorro imediato, sem material suficiente, sem médicos, sem enfermeiros. Sem sequer o diretor do Hospital. Agora, que se tenta um movimento de moralização em todo o país, é o caso de se indagar: até onde iremos, e até quando nesse menosprêzo por tudo o que representa conquista da civilização? (Fotos A. FERREIRA e A. VIEIRA).



No chão, se alinham os corpos dos que foram surpreendidos pela morte às 12,30 — hora do almôço. As viaturas aguardam para a fúnebre tarefa.



Os parentes ajudam os bombeiros enquanto outros se entregam ao desespêro. Muitos recompuseram os cadáveres dos entes queridos..

MINISTÉRIO IDEAL E MINISTÉRIO POLÍTICO



● A declaração do sr. Café Filho de que pretende governar, até o fim do seu mandato, com o atual ministério, reflete uma deliberação talvez acertada, mas que fatalmente se chocará diante das próximas injunções políticas. Na verdade, não é o presidente da República, apesar de aparentemente soberano, quem irá dar a última palavra sôbre a durabilidade do ministério, resolvendo, livremente, sôbre a permanência ou o afastamento de cada ministro. Essa prerrogativa tem que ser forçosamente transferida para um poder mais alto: as manifestações das urnas, no dia 3 de outubro próximo.

Não vamos discutir aqui o ponto de vista, defendido por tantos, de que o atual ministério não é partidário, situando-se acima dos blocos políticos. Aceitemos que assim seja. Mas poderá essa característica apartidária e equidistante ser mantida em face dos resultados do dia 3 próximo? As previsões dos exegetas da política já estão antecipando quais serão aquêles resultados: prevê-se a eleição de um forte contingente de representantes do PSD e do PTB, que fatalmente formariam no Congresso uma maioria ponderável ativa. Ora, para poder governar — e essa é uma constante irremovível no regime presidencialista — o sr. Café Filho terá que contar com o apoio do Congresso, ou seja, dos grupos partidários que formarão a maioria parlamentar. Mas como conseguir êsse apoio sem o recurso, igualmente da tradição presidencialista, de distribuir as pastas ministeriais entre os partidos políticos? Até hoje, na nossa história republicana, nenhum presidente conseguiu realizar tal milagre — o milagre de manter na administração um «ministério ideal», formado de técnicos e sábios que, imunes às injunções políticas, possam fechar olhos e ouvidos às solicitações dos partidos e consigam congregar esforços e patriotismo a serviço de uma administração neutra e eficiente. Êsse seria o ideal, mas é de outros ideais, menos nobres, que se alimenta o sôfrego artezanato da política partidária e militante.

Podemos, portanto, escrever que da qualidade dos que forem eleitos a 3 de outubro é que se terá a qualidade dos futuros ministros do sr. Café Filho. Donde se conclui que é o povo, em última instância, quem vai escolher o novo ministério.

A VERDADE DE CADA UM

O barbeiro Pedro Lourenço Barbosa (do Palácio do Catete) à reportagem:

«O presidente (Getúlio) lia quase todos os diários, manhã cedo, antes de descer ao seu gabinete. Mas o matutino de sua preferência era o «Jornal do Brasil».

Trecho do artigo do senador Assis Chateaubriand publicado na edição do dia 12 último de «O Jornal»:

«Nesse dia, êle (Getúlio) me repetiria uma coisa que já me contara. Herbert Moses lhe perguntara de uma feita, qual o seu jornal favorito, o que êle lia de preferência.

— O Moses pensou que eu ia dizer que era «O Globo». Mas fui sincero, e lhe disse que era «O Jornal».



O "GREGÓRIO" DE ADEMAR

"Ditão" é o seu apelido. Foi "boxeur", ganhou alguns campeonatos em São Paulo (há dez anos atrás) e hoje é o anjo-da-guarda do sr. Ademar de Barros. Vemo-lo, no flagrante, guardando cuidadosamente a porta da residência do líder populista, em São Paulo.

NÃO CENSURADO

1 Amigos dos srs. João Goulart e Osvaldo Aranha parece terem conseguido a definitiva reconciliação entre os dois. Opinião de Aranha sôbre Jango: «Um primário, mas de real vocação política». Opinião de Jango sôbre Aranha: «Êle poderia realmente polarizar as fôrças do trabalhismo, mas não servindo a dois senhores. Aranha tem que acabar definitivamente o seu namôro com a UDN».

2 Nos bastidores da política, duas trincheiras se inquietam tôdas as noites. A primeira é a residência do sr. Osvaldo Aranha (Ladeira do Ascurra), onde se reúne todos os dias o estado-maior do getulismo; a segunda é a casa do deputado Bilac Pinto, ponto de encontro diário dos próceres brigadeiristas. Em ambas, servem-se «salgadinhos» e bom uísque.

3 Novo vespertino carioca a circular brevemente: «3ª Fôrça». Trata-se de um quase tablóide, de seis páginas, a sair às quatro da tarde, com informações que não alcançaram os vespertinos comuns. Diretor provável: Hélio Fernandes, ex-diretor da revista «Manchete».

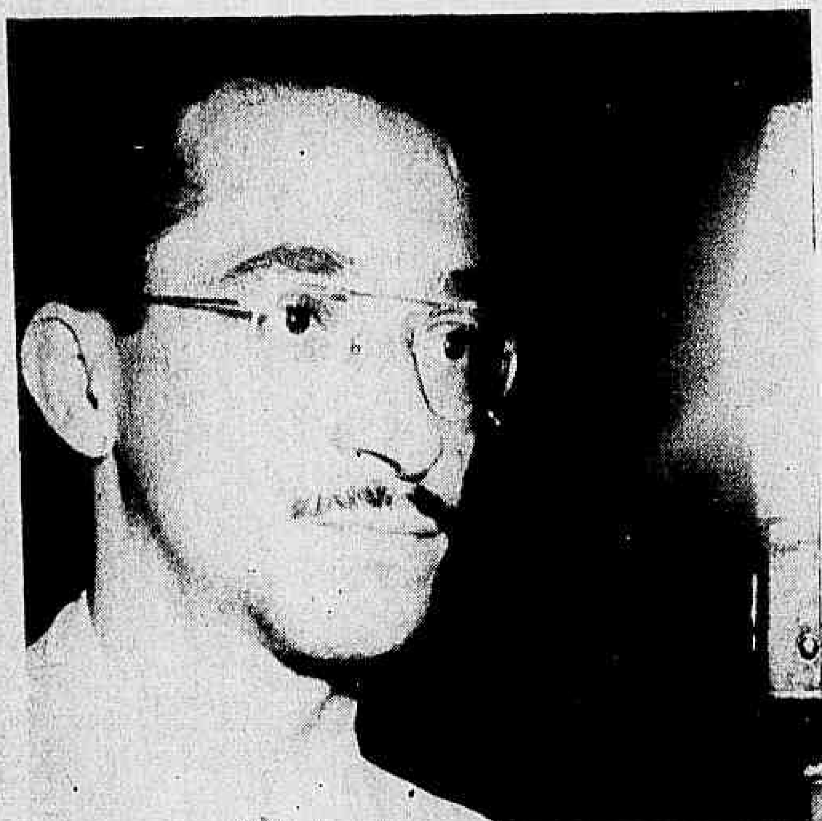
4 Se Juscelino conseguir unificar a política mineira (e parece que êle o conseguirá) a sua candidatura à Presidência da República é fato consumado.

5 Programa de Marcial Dias Pequeno na presidência das Emprêsas Incorporadas: entregar ao Banco do Brasil, para que êste providencie sôbre a sua venda a particulares, de uma grande parte do acêrvo das Emprêsas — como a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, o frigorífico, a fazenda de Arapoti, etc. Entregando essa porção do patrimônio ao Banco do Brasil, Marcial tentará levantar dinheiro suficiente para reaparelhar «A Noite» (que está dando perto de 3 milhões de cruzeiros de prejuízo) e as revistas («Noite Ilustrada» e «Carioca»). Declaração de Marcial: «Sou, antes de tudo, um jornalista, e não permitirei que «A Noite» morra nas minhas mãos». É plano seu, igualmente, repor em circulação o semanário «Vamos Ler!», que chegou (há dez anos atrás) a ser ótimo, mas que foi sumàriamente liquidado por várias direções ineptas.

6 O chanceler Raul Fernandes é um velho amigo e admirador da romancista Raquel de Queiroz, e vem insistindo junto à autora de «As três Marias» para que aceite qualquer pôsto do Itamarati no exterior. Na semana passada, o chanceler telefonou duas vêzes para a ilha do Governador, reiterando o convite, mas Raquel continua irremovível. «Não posso deixar o Brasil agora — afirma ela — pois tenho um sério problema a resolver dentro em breve: o casamento de minha filha».

7 Declaração do ministro Costa Pôrto (Agricultura) a êste colunista: «Estão me acusando de ter mantido nos seus postos vários elementos nomeados por Cleofas. E daí? Não tenho culpa de que todos êles sejam funcionários honestos e capazes».

EM 3 DE OUTUBRO PRÓXIMO, ÊLES SERÃO ELEITOS GOVERNADORES



Amazonas: PLÍNIO COELHO (PTB)
40 % da votação



Ceará: ARMANDO FALCÃO (PSD-PSP)
55 % da votação



Pernambuco: JOÃO CLEOFAS (UDN-PTB)
50 % da votação



Sergipe: LEANDRO MACIEL (UDN-PSP)
35 % da votação



Bahia: ANTÔNIO BALBINO (UDN-PTB-PSD)
55 % da votação



Espírito Santo: EURICO SALES (PSD-UDN)
52 % da votação



Rio de Janeiro: MIGUEL COUTO Fº (PSD-PTB)
45 % da votação



São Paulo: JANIO QUADROS (PDC-PTN)
35 % da votação

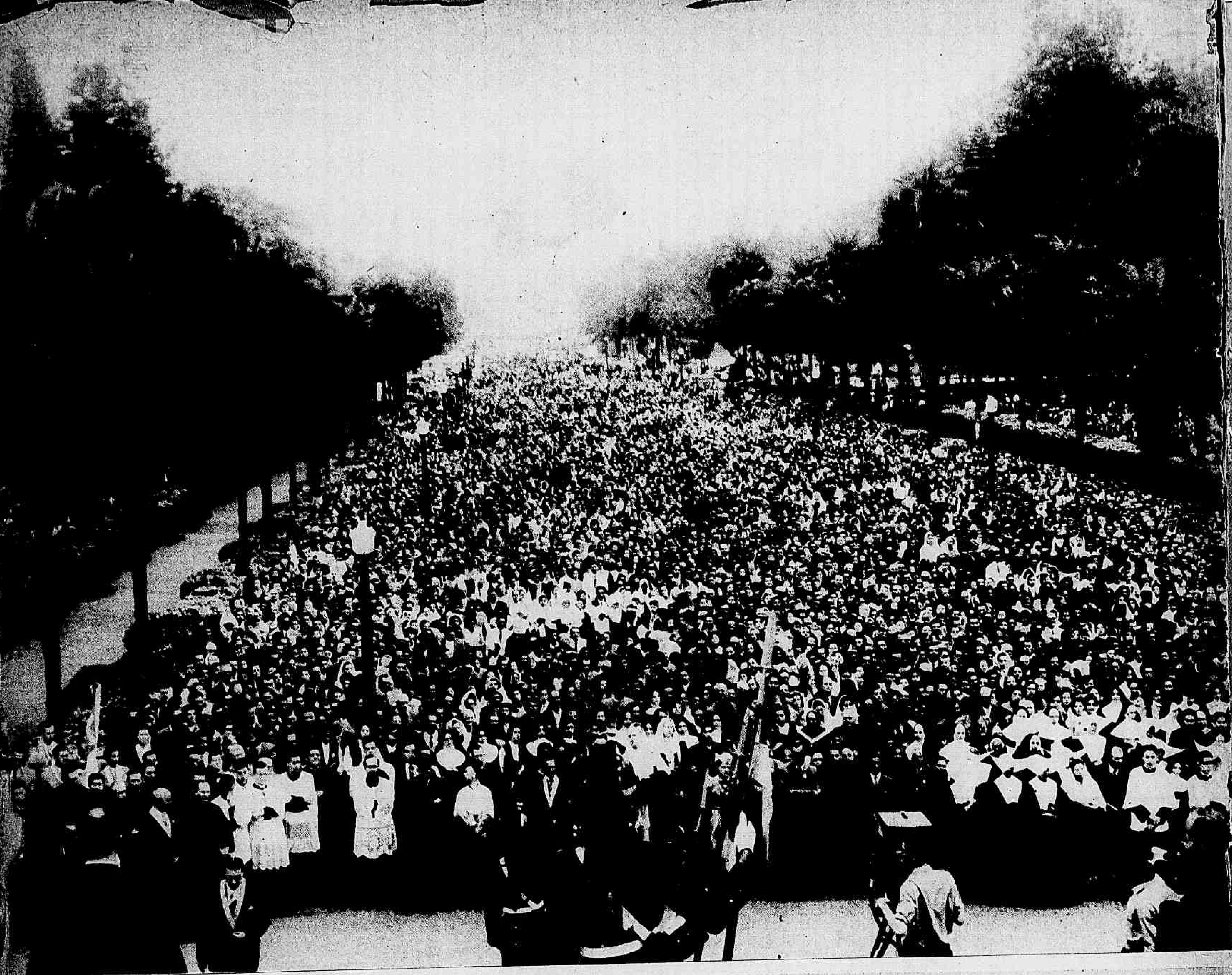


Rio G. do Sul: ALBERTO PASQUALINI (PTB)
40 % da votação

Piauí: Gal. GAIOSO E ALMENDRA (PSD-PTB)
60 % da votação

Goiás: JOSÉ LUDOVICO (PSD-PTB)
60 % da votação

JOEL SILVEIRA



ÚLTIMO FLASH

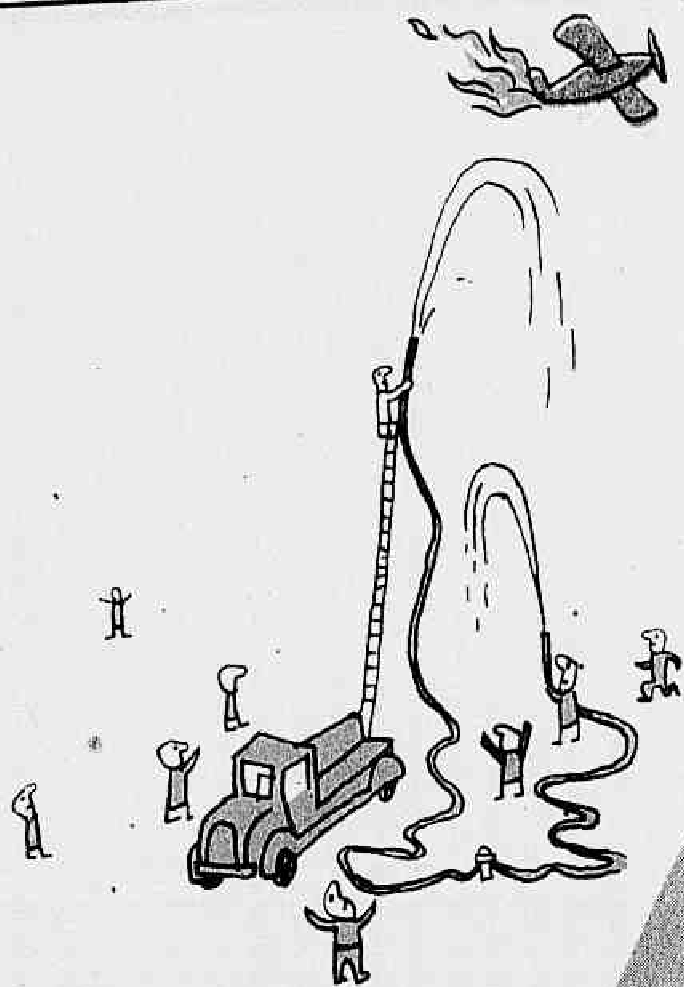
SÃO PAULO DE JOELHOS DIANTE DA APARECIDA

● Todo mundo sabe que o grande lugar de peregrinação católica de São Paulo é Aparecida. Quase todo brasileiro e em geral todo paulista, já foi à pequena cidade pagar uma promessa e ajoelhar-se diante da imagem de Nossa Senhora. Agora, porém, inverteram-se os papéis, e foi a imagem de Nossa Senhora da Aparecida que deixou a pequena cidade para visitar São Paulo. Para isto, adornou-se a cidade e celebraram-se grandes solenidades. Todo o povo veio para o meio da rua, ajoelhando-se diante da santa milagrosa. O cardeal d. Jaime Câmara, acompanhando o legado do Papa, cardeal Piazza, foi ao encontro da imagem — e o governador Lucas Garcez também participou dos extraordinários festejos, que fizeram parte das comemorações do IV Centenário. As fotografias mostram a Santa diante do Monumento do Ipiranga, o governador Garcez com d. Jaime Câmara e o cardeal Piazza, bem como várias figuras importantes do Govêrno e o regresso da imagem, pela estrada rodoviária.





Desde que a conheceu que começou a ser o seu passado.



Cartaz colocado à porta de um hotel, na Bolívia: **«Êste é o melhor hotel da cidade. De um lado você poderá ver uma belíssima paisagem, do outro, a revolução».**

NÃO COMPREENDO ...

... porque sempre que vamos tomar uma injeção, fazemos um ar de displicência como se o farmacêutico nos fôsse pegar de surprêsa.

CUCO

Uma seção meio pancada

leon eliachopp

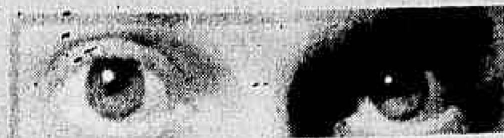
Assinatura do autor, na mesa do bar.

Ilustrado po. PIQUI

As coisas mais MAIS do mundo:

- **A coisa mais lenta:. mulher se vestindo.**
- **A coisa mais rara: ingênua de 13 anos.**
- **A coisa mais veloz: o boato.**
- **A coisa mais irritante: telefone ocupado.**
- **A coisa mais macia: a voz de Marilyn.**
- **A coisa mais tentadora: blusa de moça desabotoada.**
- **A coisa mais adiada: cortar cabelo.**
- **A coisa mais falsa: pêsames.**
- **A coisa mais volúvel: a moda.**
- **A coisa mais aliviante: desapertar o cinto.**
- **A coisa mais pontual: cobrador.**

PONTOS DE VISTA



***HIPÓDROMO** é uma cêrca com cavalos rasgando distância de um lado e uma multidão rasgando pules do outro*

***AERÓDROMO** é um lugar onde as pessoas têm a impressão que estão dando o seu último adeus.*

***BOX** é um esporte em que um milhão de sujeitos brigam de graça por causa de dois sujeitos que estão brigando por dinheiro.*

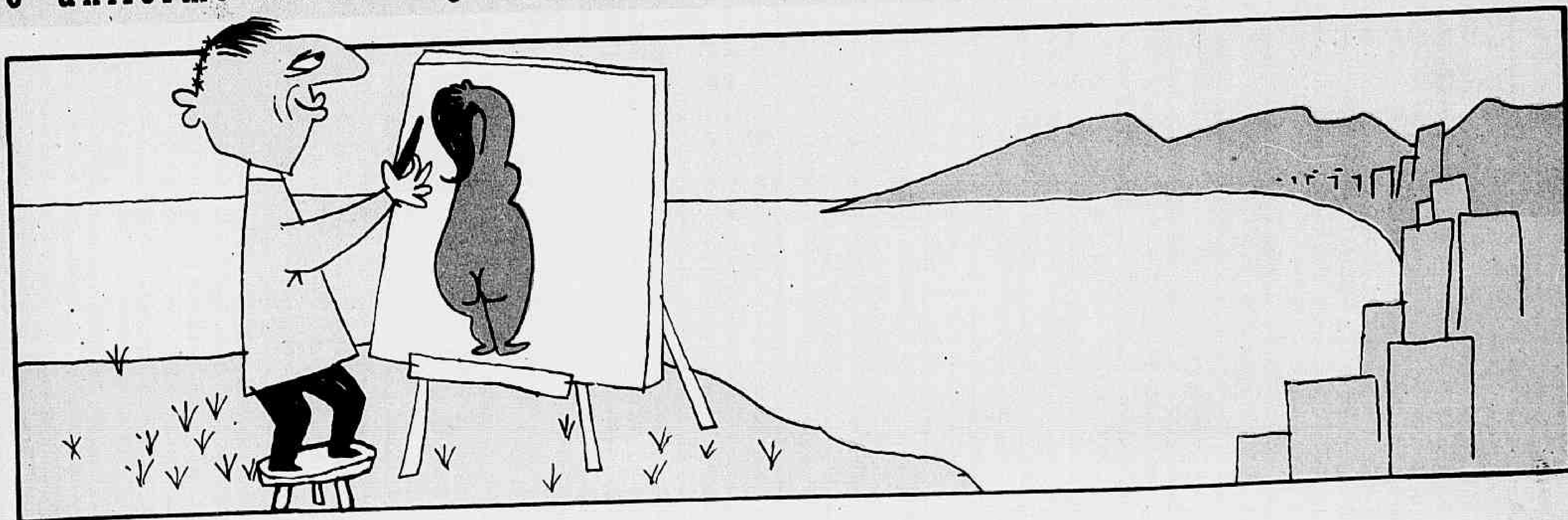
"SE VOCÊ TEM UM CANDIDATO INTELIGENTE, HONESTO E CUMPRIDOR DOS SEUS DEVERES, VOTE NÊLE. EM CASO CONTRÁRIO, VOTE EM MIM"

Foi assim que êle conseguiu ser eleito.



Era uma mulher inteiramente despida de preconceitos. Guardava-os no armário.

Era um espião tão perfeito que quando se disfarçou com o uniforme do inimigo passou a lutar ao lado dêle.





Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



H-88.289

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

FALTA

DIA 25 DE SETEMBRO DE 1954 Nº 40.